

Revista

RAÍZES

65

Publicação Semestral
Distribuição gratuita

Setembro de 2022

Publicação da
Fundação Pró-Memória
de São Caetano do Sul

ANO XXXIV



Palavra do Presidente

Charly Farid Cury

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SÃO CAETANO DO SUL

O ANO É 2022. E estamos apresentando a edição de número 65 da revista *Raízes*. Quem imaginaria que uma revista de história local, criada em 1989, teria tal longevidade. São 33 anos de publicação ininterrupta. E podemos acrescentar algumas edições especiais lançadas no meio deste caminho.

Cabe à Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul seguir este compromisso com a preservação e difusão da história e da memória da cidade, assegurando a edição e publicação da revista *Raízes*, e a continuidade de seu projeto editorial, por meio do qual já alcançamos a marca de 30 livros.

Mantemos nosso olhar para o futuro, sempre em busca de desafios, mas sempre tendo o passado como fio condutor. Não podemos passar indiferentes às memórias e lembranças, aos testemunhos de vida, ao que forma nossa identidade. O nosso projeto editorial é um dos meios de interação da instituição com a comunidade, constituindo-se num instrumento no processo da construção identitária do cidadão. Um povo sem memória é um povo sem história.

Registrar essa história e resgatar essa memória é um dos papéis primordiais da Fundação Pró-Memória, que oferece, por meio da revista *Raízes*, uma de suas principais contribuições à comunidade sul-são-caetanense. ■

Ano XXXIV – Número 65
Publicação semestral
Distribuição gratuita
Publicação da Fundação
Pró-Memória de São Caetano do Sul

WWW.FPM.ORG.BR
FPM@FPM.ORG.BR
RAIZES@FPM.ORG.BR



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL

Prefeito Municipal: José Auricchio Jr. **Secretário Municipal de Cultura:** Erike Busoni. **Presidente da Fundação Pró-Memória:** Charly Farid Cury. **Coordenação Geral da Fundação Pró-Memória:** Márcia Gallo. **Conselho Diretor:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Anna Figueira, Breno Diorrener Pereira, Eva Bueno Marques, Francisco José Gripp Bastos, João Manoel da Costa Neto, João Tarcísio Mariani, Kátia Valéria Gomes de Souza, Luiz Domingos Romano, Márcia Gallo, Monica Iafrate, Wagner Antônio Natale, William Pesinato. **Conselho Consultivo:** Issao Toyoda Kohara, José Luiz Cabrino, Maria José Amaral Pante, Mário Porfírio Rodrigues, Mauro Vincenzi Laranjeira, Newton Mori, Sueli Bimbachi, Valdo Arrnindo Rechelo.

RAÍZES

Jornalista Responsável: Paula Fiorotti (Mtb. 28.927). **Edição:** Paula Fiorotti. **Revisão:** Paula Fiorotti e Rodrigo Marzano Munari. **Comissão Editorial:** Charly Farid Cury (PRESIDENTE), Ana Luisa Nóbrega Cury, Ana Maria Guimarães Rocha, Antonio Reginaldo Canhoni, Caio Bruno Siqueira de Paula, Cristina Toledo de Carvalho, Humberto Domingos Pastore, Isabel Cristina Ortega, João Alberto Tessarini, João Manoel da Costa Neto, Mário Porfírio Rodrigues, Monica Iafrate, Nelson Albuquerque Jr, Paula Fiorotti, Roberta Giotto. **Projeto Gráfico:** Roberta Giotto. **Fotografia, Digitalização e Restauração de Imagens:** Antonio Reginaldo Canhoni.

Tiragem desta edição:
2.000 exemplares
Setembro de 2022

Av. Dr. Augusto de Toledo, nº 255
Santa Paula - CEP: 09541-520
São Caetano do Sul - SP
Fone/fax: (11) 4223-4780

A revista está aberta à colaboração de pesquisadores da história do ABC. A seleção do material é de responsabilidade da Comissão Editorial. Originais encaminhados à redação não serão devolvidos, com exceção de fotografias. Opiniões emitidas nos artigos são de exclusiva responsabilidade de seus autores e não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Agradecemos informações adicionais a respeito das imagens eventualmente não identificadas publicadas nesta revista, a fim de que possamos alterar os créditos em futuras publicações.

Carta ao leitor

☰ Paula Fiorotti

EDITORA

A palavra é de agradecimento

UM TRABALHO COLETIVO. A revista *Raízes* é um trabalho realizado por muitas mãos, como costume dizer. São mãos escrevendo, cabeças pensando e muito sentimento envolvido. Corações que batem por São Caetano do Sul e por sua história.

Esta *Carta ao Leitor* é dedicada aos articulistas independentes da revista, aqueles que enviam artigos para todas as edições, a quem, sinceramente, agradecemos, pela disponibilidade e generosidade com que se empenham em contribuir conosco.

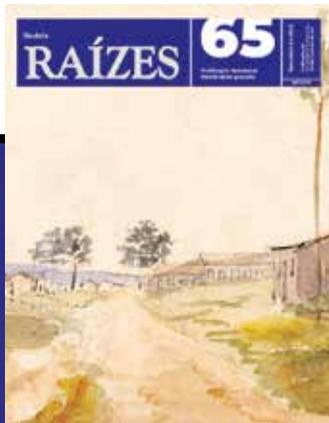
A participação voluntária de jornalistas, memorialistas, escritores, pesquisadores ou de, simplesmente, apaixonados pela história do município, agrega valor ao nosso trabalho e permite que possamos continuar a realizar um projeto sério e compromissado. E eu afirmo que é, realmente, um privilégio estar à frente desta iniciativa da Fundação Pró-Memória, como editora da revista, desde 2011.

Não menos importantes são nossos leitores. E hoje, ao lançarmos mais uma edição da revista *Raízes*, também se faz necessário agradecer às pessoas que nos acompanham, que contribuem conosco e nos ajudam a aperfeiçoar nosso trabalho a cada dia.

Gostaríamos muito de saber o que vocês gostariam que a revista tivesse, o que podemos mudar. Queremos ouvir seus comentários, para que possamos crescer e fazer uma *Raízes* cada vez melhor! ■

Paula Fiorotti é jornalista formada pelo Instituto Metodista de Ensino Superior, tem pós-graduação em Comunicação Empresarial e Relações Públicas, pela Faculdade Cásper Líbero, e especialização em Gestão de Patrimônio e Cultura, pela Unifai (Centro Universitário Assunção). É membro do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de São Caetano do Sul e do Conselho Municipal de Política Cultural de São Caetano do Sul. É responsável pelo Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, sendo editora da revista *Raízes*.

✉ raizes@fpm.org.br ■



10 CAPA

Aqui nasceu a Pátria: a história vista da margem

José de Souza Martins

Imagem da capa:
Obra *San Bernardo (between Cubatão and São Paulo)*, de William John Burchell

William John Burchell /
Coleção Highcliffe Album /
Instituto Moreira Salles

4
#HASHTAG

5
ENSAIO
O milagre da vida
Érica Furlan Martins

9
CURIOSIDADES

31
ARTIGOS
As ondas concêntricas e o ponto cego da história atingem São Caetano do Sul
Enrique G. Staschower

42
ARTIGOS
Coronel Bonifácio de Carvalho, um amigo da educação no antigo distrito de São Caetano
Rodrigo Marzano Munari

45
RAÍZES E RETRATOS
Acervo Sérgio Miliani

46
ESPECIAL 20 ANOS
PINACOTECA
MUNICIPAL
20 anos em 20 exposições
Paula Fiorotti

51
MEMÓRIA
Paraísos musicais inesquecíveis: as lojas de discos em São Caetano do Sul
Marcos Eduardo Massolini

60
MEMÓRIA
Campeonato Nacional de Topetes - Uma história além do tempo
Ricardo Martins de Souza

67
MEMÓRIA
Casa da Amizade de São Caetano do Sul - Seis décadas de serviços à comunidade
Márcia Gallo

72
MEMÓRIA
Com 135 anos no Brasil, família Jafet teve grande indústria em São Caetano
Nelson Albuquerque Jr.

74
CURIOSIDADES

75
PERSONAGENS
Ezio De Vita, campeão de boxe em 1955 na forja da Gazeta Esportiva
Nina Kuznetzow

77
PERSONAGENS
Uma história cheia de aventura e evolução
Cristiane Regina Rubim

81
PERSONAGENS
"Tia Iris, o que tem de merenda hoje?"
Paulo Alves da Rosa

84
MEMÓRIA E AFETO

85
RAÍZES E RETRATOS
Acervo Nina Kuznetzow

86
ESPORTES
Futebol profissional nos festejos do aniversário de São Caetano do Sul
Renato Donisete Pinto

91
ESPORTES
O demolidor
Saad Esporte Clube
Luiz Domingos Romano

93
QUEM FOI?

94
POESIAS E CRÔNICAS
Emoções da sétima arte
Gilberto Tadeu de Lima

97
POESIAS E CRÔNICAS
O amor pelos livros
Simone Cristiane
Schiavon Ayres

99
RAÍZES E RETRATOS
Acervo José Carlos Duran

100
NOSSO ACERVO
Pinacoteca Municipal

101
NOSSO ACERVO
Museu Histórico Municipal

102
ACONTECEU

105
BAÚ DE MEMÓRIA

106
MEMÓRIA
FOTOGRAFICA

110
NOSSAS VISITAS

(#) HASHTAG



Poços de Caldas, 1975



Rio de Janeiro, 1975



Campos do Jordão, 1973

Inspirados por estas imagens da família Fujita, que, na década de 1970, fez várias viagens por cidades em diferentes Estados do Brasil, convidamos o leitor de *Raízes* para participar de nossa mais nova campanha digital. Cidades como Campos do Jordão, Santos e Poços de Caldas eram os destinos preferidos de muitos casais em lua de mel, na década de 1960, por exemplo.

**CAMPANHA
VÁLIDA ATÉ
O DIA 31 DE
OUTUBRO
DE 2022**

Poste uma foto de uma viagem sua ou de alguém da sua família feita no passado e marque a **Fundação Pró-Memória @fpmscs_oficial**

Coloca lá também a **#viagensdopassado**. A Pró-Memória vai repostar suas fotos e ainda vamos fazer uma seleção para publicar na próxima edição da revista.



[instagram.com/
fpmscs_oficial](https://www.instagram.com/fpmscs_oficial)



[facebook.com/
promemoria.caetano](https://www.facebook.com/promemoria.caetano)



**Você sabia
que todas
as edições
da revista
Raízes estão
disponíveis
no nosso site
(fpm.org.br)?**

É possível visualizar cada número da publicação por completo, fazer o download e, ainda, realizar pesquisas por meio de palavras-chave.

utilizar
o atalho

Ctrl+f



Acervo/PPMSCS





Uma fotografia e uma reflexão

O milagre da vida

 Érica Furlan Martins

QUANDO A DOR VEIO MAIS FORTE, não pude suportar! Desmaiei.

Naquela época, havia muitos terrenos baldios no Bairro Nova Gerty. As crianças brincavam de bola, de fubeca, de cirandas, de peteca e empinavam pipa. Minha primeira amiguinha foi uma vizinha cujo apelido era Cenourinha. Ela tinha a tez muito alva, os olhos azul-turquesa e as bochechas cor-de-rosa repletas de sardas, com um sorrisinho maroto. Apesar de sermos vizinhas, foi no então Parque Infantil Fernando Piva, que ficava a poucos metros de nossas casas, que a nossa amizade começou. Bons tempos pueris!

Mas nem tudo são flores na vida de uma criança e, em muitas noites da minha infância, um monstro chamado “asma” me

Esquina das ruas Visconde de Inhaúma e Cavalheiro Ernesto Giuliano, na década de 1960: caminho diário de Érica

assolava. E quando isso acontecia, o Hospital Infantil Márcia Braido me socorria.

A vila foi crescendo, assim como nós, e a subida íngreme da Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano era um tanto dolorosa para as minhas perninhas magérrimas, que mais pareciam dois gravetinhos. Todos os dias eu fazia esse caminho para ir à Escola Estadual do Bairro Santo Alberto, atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Anacleto Campanella, onde concluí o ensino fundamental. Lá fiz muitas amizades, que perduram até hoje. Temos até um grupo no Whatsapp!

Participava dos jogos escolares no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes. Uma época de muitos aprendizados, companheirismo e memórias.

E falando em memórias... Era um domingo de sol, e meu pai me disse para vestir a calça rancheira e a conguinta que eu usava no parque. Íamos passear na Cidade das Crianças. Eu estava tão feliz que pedia a Deus para fazer o tempo parar!

E por falar em diversão, quando foram construídos os clubes na Avenida Presidente Kennedy, ficamos sócios da Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural (Serc) Santa Maria. Adorava jogar vôlei e frequentar a piscina, o que me levou a praticar natação e melhorar a minha respiração.

Sempre gostei de aprender e de ensinar. Assim, me tornei professora. De música. Por falar em música e em ensinar, foi na Fundação das Artes de São Caetano do Sul que encontrei muito do conhecimento musical que eu buscava. Nesta instituição, fui aluna e professora.

Lecionei em um projeto de musicalização infantil nas escolas de ensino infantil de São Caetano, no programa Mediotec (iniciativa do Ministério da Educação que oferece ensino profissionalizante de artes para jovens do ensino médio), e atuei como professora de canto na Fundação das Artes.

Pelo fato de ter sido asmática quando criança, pensava que nunca poderia cantar. Mas foi nesta arte que encontrei uma maneira mais consciente de respirar e expressar a minha voz. E tive o imenso prazer de assistir a inúmeros e inesquecíveis espetáculos e também de levar música aos palcos dos teatros Timochenco Wehbi, Santos Dumont e Paulo Machado de Carvalho, e em apresentações ao ar livre no Parque Tom Jobim.

"E falando em memórias... Era um domingo de sol, e meu pai me disse para vestir a calça rancheira e a conguinha que eu usava no parque. Íamos passear na Cidade das Crianças. Eu estava tão feliz que pedia a Deus para fazer o tempo parar!"

A música é uma linguagem universal e une as pessoas. Gosto de cantar em nossa língua mãe e em idiomas diversos, o que me levou à Escola de Línguas Paulo Sérgio Fiorotti, onde estudei gratuitamente Português, Inglês, Italiano, Alemão e Francês. A tecnologia faz cada vez mais parte do nosso cotidiano e lá estava eu, cursando informática na Escola Municipal de Informática Neusa Maria Nunes Branco.

Adoro caminhar pelas ruas da cidade de São Caetano do Sul. Dentro da paisagem moderna e urbana, há um toque interiorano de aconchego e cheirinho de pão de queijo. E foi em uma das esquinas da cidade que avistei uma faixa sobre uma oficina de literatura *A arte de escrever*, que me fez descobrir uma relação indescritível entre mim e as palavras. Gostei tanto que estou sempre de olho nas programações culturais e oficinas oferecidas. E continuo escrevendo.

Na oficina de escrita criativa conheci inúmeros escritores e artistas e fiz vários amigos, em encontros banhados de poesia, contos, crônicas, arte, café, bolo e amizade, no delicioso espaço da Biblioteca



Paul Harris, sede da Academia Popular de Letras.

E por falar em bolo, foi em um 28 de julho, no aniversário da cidade, que meus pais se conheceram em uma praça da Avenida Goiás, atual Praça dos Estudantes, e iniciaram uma jornada de amor. Continuamos nossa trajetória e quase todos os dias, caminhamos pelo Espaço Verde Chico Mendes e nos deleitamos com a sua belíssima paisagem. São os nossos momentos de conexão conosco e com a mãe natureza.

De repente, o vai e vem da maca me faz despertar. O gelado entra em contato com minha pele e estremeço. Meu coração está em síncope, tamanha a ansiedade que agora me assola. “- Fique tranquila, senhora. O coração do seu bebê está batendo! Agora, está tudo bem!”.

Carteirinha de Érica do então Parque Infantil Fernando Piva, do ano de 1973

Fecho os olhos e respiro mais calma e feliz. Ele a conhecerá e, com certeza, também amará a fantástica São Caetano do Sul! ■

Érica Furlan Martins é escritora e professora de Música, bacharel e pós-graduada em Canto, especialista em voz e criadora do método *Voz que diz*.



Cidade de duas matrizes

SÃO CAETANO DO SUL tem a curiosidade de contar com duas igrejas matrizes. Uma passou a ser chamada de Matriz Velha, no Bairro da Fundação, e a segunda ficou conhecida como Matriz Nova, no Centro. Essas denominações não agradam a todos – e nem são oficiais –, foram apenas um recurso popular para se identificar os dois templos.

O fato é que a Paróquia São Caetano, que nasceu de uma capela criada há mais de 300 anos, passou a ser considerada pequena frente ao crescimento da cidade, que já avançava em direção ao Centro. A edição de 22 de maio de 1929 do *São Caetano Journal* publicou: “A atual matriz não corresponde ao progresso local, não só pelo seu

pequeno tamanho, em relação aos católicos aqui residentes, como pelo local onde está localizada, fora do perímetro central”.

Em 1932, então, iniciou-se a construção da nova igreja, que receberia o nome de Paróquia Sagrada Família. A primeira missa nesse templo foi no Natal de 1936. E as obras se estenderam até 1938. Conta com um lindo acervo de arte sacra.

Independentemente dos argumentos para que se criasse uma segunda matriz na cidade, são inegáveis a importância histórica e o charme da Matriz no Bairro da Fundação. A Capela São Caetano data de 1717 e, com a chegada dos colonos italianos, ganhou o atual templo, em 1900. ■



Aqui nasceu a Pátria: a história vista da margem

(A proclamação de Dom Pedro, em 7 de setembro de 1822, na paragem dos Meninos)

 José de Souza Martins

OS DOIS SÍTIOS DA INDEPENDÊNCIA: MENINOS E IPIRANGA - A proclamação da separação do Brasil, pelo príncipe regente Dom Pedro de Alcântara, em relação a Portugal, como assinalou, há meio século, o historiador Carlos Oberacker Jr., ocorreu em dois atos sucessivos, no mesmo dia 7 de setembro de 1822, no subúrbio de São Paulo.¹ Um, na paragem dos Meninos, cerca de 14h30, no que era então uma extensão da Fazenda de São Caetano sobre terras da Fazenda de São Bernardo, que eram confinantes, ambas da Ordem de São Bento.

Outro ato ocorreu na colina do Ipiranga, duas horas depois. Foi aquele que resumiu e sintetizou, simbolicamente, todas as ações pela nossa Independência desde a elevação do Brasil a Reino, como Reino Unido ao de Portugal e Algarves, em 1815, pelo então príncipe regente Dom João.

Dom Pedro saíra do Rio de Janeiro, com destino a São Paulo, no dia 14 de agosto de 1822, preparado para proclamar a Independência. Mas não sabia exatamente onde. Ele era personagem de um jogo de protagonistas e antagonismos, de interesses e de incertezas próprias das circunstâncias políticas cujos dados seriam por acaso lançados nas duas localidades do que é

hoje o ABC e o bairro paulista-no dele mais próximo.

Tampouco tinha consistente confiança quanto ao Brasil que sairia da proclamação da Independência. Nem mesmo tinha certeza de que Independência se tratava. Político capaz, tinha duas alternativas em face das incertezas: a da Independência associada a Portugal ou a que lhe teria sido recomendada pelo próprio pai quando deixou o Brasil: “Pedro, se o Brasil vier a se separar de Portugal, põe a coroa na tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão dela”.

Em um de seus documentos, ele fala em Brasil Meridional, que compreenderia as províncias do Rio de Janeiro, de Minas, de São Paulo e a de São Pedro do Rio Grande, mais a província Cisplatina, hoje Uruguai, que pediu para fazer parte desse Brasil provável. A Bahia já iniciara sua revolução pela Independência em fevereiro de 1822, muito antes do 7 de setembro, que terminaria em 2 de julho de 1823, com a saída dos portugueses de Salvador. A Bahia foi o lugar do Brasil que fez a revolução popular da Independência. Ali, centenas de pessoas pagaram o tributo de sangue pela independência da nação. O Pará só aderiu ao movimento em 15 de agosto de 1823.

"Dom Pedro saíra do Rio de Janeiro, com destino a São Paulo, no dia 14 de agosto de 1822, preparado para proclamar a Independência. Mas não sabia exatamente onde. Ele era personagem de um jogo de protagonistas e protagonismos (...)"

Reconstituir a conexão dessas ações, e das do dia 7 de setembro aqui na região, ajuda a compreender um aspecto secundário do processo político a que o acaso da história deu o começo do seu desfecho na proclamação feita por Dom Pedro na chamada paragem dos Meninos. O episódio na divisa de São Caetano e São Bernardo é, assim, um dos muitos que definiram uma característica da história política do Brasil, pela função que nela temido o acaso, a indeterminação, a incerteza e o esquecimento.

E, também, pelo aspecto decisivo, que nos marcou para sempre, que é o da função política do ausente, no que viria a ser um país de história sem povo e basicamente sem revoluções sociais politicamente decisivas. Diferentemente de outros países latino-americanos, o Brasil é o país cuja Independência não decorreu de uma revolução política da sociedade, mas de uma decisão do próprio herdeiro da coroa. Portanto, um país em que o próprio Estado nascente criou uma peculiar sociedade civil em vez de ser criado por ela, como mostrou Fernando Henrique Cardoso em um estudo referencial de 1977.²

No dia 9 de janeiro de 1822, comunicou Dom Pedro a seu pai, Dom João VI, o qual já havia retornado a Portugal em 26

de abril de 1821, que naquele mesmo dia concedera audiência ao Senado da Câmara do Rio de Janeiro, ao meio-dia. Ante a também possibilidade de seu retorno forçado a Portugal, pois isso havia sido decretado pelas cortes de Lisboa, foi alertado para o fato de que, “logo que desamparasse o Brasil, ele se tornaria independente; e ficando eu, ele persistiria unido a Portugal. Eu respondi o seguinte: *Como é para o bem de todos, e felicidade geral da Nação, estou pronto: diga ao povo que fico.*”³

Em 1º de agosto de 1822, fora assinado por Dom Pedro o decreto que proibia o desembarque de tropas portuguesas no país, com base no fato do Brasil ter já proclamado “a sua independência política, a ponto

de estar já legalmente convocada pelo meu real decreto de 3 de junho próximo passado uma assembleia geral constituinte e legislativa...”⁴

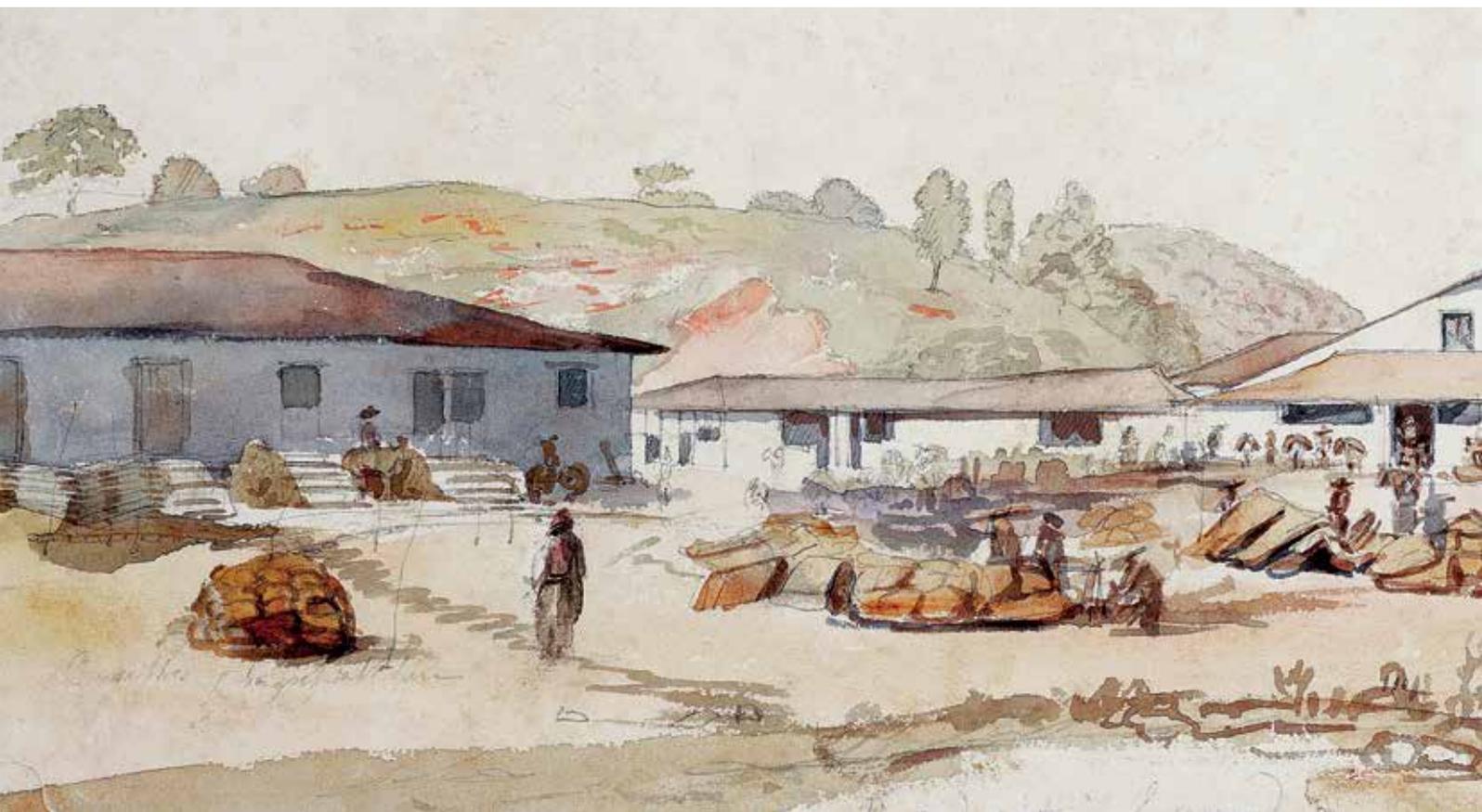
No dia 6 de agosto, fora enviado um longo *Manifesto do Príncipe Regente do Brasil aos Governos, e Nações Amigas*, em que Dom Pedro lhes comunicava: “Cumpre-me expor-lhes, sucinta mas verdadeiramente a série de fatos e motivos, que Me tem obrigado a anuir à vontade geral do Brasil, que proclama à face do Universo a sua Independência Política...”⁵. Disso deu notícia ao pai.

Era a Independência concebida por D. João VI, claramente arquitetada e patrocinada pelos ingleses, como sugere esta ementa de um dos *Dropmore Pa-*

pers, escrito entre 1805 e antes de 25 de junho de 1806, um ano e meio antes da transmigração da família real para o Brasil, que se encontra na British Library, em Londres:

“Um esboço de esquema para transportar o Príncipe Regente de Portugal (futuro Dom João VI), ou seu filho (futuro Dom Pedro I, do Brasil, e Dom Pedro IV, de Portugal), para o Brasil e enviar uma força militar para apoiar a emancipação da América do Sul espanhola e portuguesa e abrir a América do Sul para o comércio britânico.”⁶

Quando Dom Pedro e sua comitiva partiram da Quinta da Boa Vista, no Rio de Janeiro, para São Paulo, a Independência do Brasil já estava



decidida. Faltava apenas definir se seria com separação de Portugal, a completa, ou sem ela, a branda. As circunstâncias políticas decidiriam.

Ele vinha a São Paulo para reorganizar o governo da província, remover e deportar para diferentes localidades seus membros contrários à Independência e restabelecer a ordem quebrada pela chamada Bernarda de Francisco Inácio. Foi ela a revolta que afastou do governo provincial aqueles de seus membros alinhados com os Andradas em favor da Independência plena do Brasil. Vinha, também, para ir a Santos assegurar-se da lealdade do comandante daquela praça, provavelmente, no sentido de obstar o desembarque de tropas portuguesas, como em

vários pontos do país, que, com isso, armavam um cerco ao príncipe com o objetivo de reconduzi-lo a Portugal.⁷

Para Dom Pedro havia uma variante desse projeto, a do Brasil como um reino autônomo, com governo próprio, sob tutela, porém, de uma monarquia unitária, de uma mesma casa real do Reino Unido criado em 1815. Uma interessante remodelação das funções políticas da dinastia de Bragança, a do seu domínio sobre uma dupla territorialidade de nações independentes.

Dom Pedro era, por isso, em princípio, contra a Independência plena do Brasil que eventualmente se daria com a separação de Portugal. Exatamente o contrário do que ele faria nos Meninos e no Ipiranga. Em 4 de outu-

bro de 1821, a menos de um ano do Grito do Ipiranga, escrevera a Dom João VI:

“A independência tem-se querido cobrir comigo e com a tropa; com nenhum conseguiu, nem conseguirá; porque a minha honra e a dela é maior que todo o Brasil; queriam-me, e dizem que me querem aclamar Imperador; protesto a Vossa Majestade. que nunca serei perjuro, e que nunca lhe serei falso; e que eles farão essa loucura, mas será depois de eu e de todos os portugueses estarmos feitos em postas, é o que juro a V. M., escrevendo nesta com o meu sangue estas seguintes palavras: – Juro ser sempre fiel a V. M., à Nação e à Constituição Portuguesa.”⁸

William John Burchell / Coleção Highcliffe Album / Instituto Moreira Salles

Cubatão: pouso de tropeiros, aquarela de William Burchell (Cubatão, c. 1826)



Já para José Bonifácio, a questão, propriamente dita, era a de independência com separação de Portugal, que pretendiam os brasileiros a favor do movimento, em oposição à tese política da independência sem separação pretendida por Dom Pedro.

O príncipe regente, porém, mudou de ideia e passou a considerar a hipótese da *independência com separação*, se fosse obrigado a retornar a Portugal. Foi quando se deu conta de que Dom João VI era de fato prisioneiro das cortes e isso ele dissera ao pai em carta que a respeito lhe enviara.

Em 21 de maio de 1822, ponderara ao rei: “O Brasil deve ter Côrtes”, isto é, seu próprio parlamento.⁹ Para ele, encolhia, em relação a nós, a função de Portugal.

Naquele dia 7 de setembro, as circunstâncias tornavam muito próximo o desenlace inevitável, à medida que ia ficando claro que as cortes fariam com que Dom Pedro regressasse à metrópole para reduzi-lo à mesma condição do pai. O qual, aliás, será assassinado por envenenamento em 1826.

As cartas que ele recebeu no retorno de Santos a São Paulo, no trecho final do caminho, nos Meninos e no Ipiranga, eram as que o informavam da ordem de voltar a Lisboa. Dentre elas, a que lhe sugeria a tomada de uma decisão. Ou ele ficava e não tinha alternativa senão a de separar o Brasil de Portugal. Ou,

se ele embarcasse de volta, essa seria a senha para a proclamação da Independência pelos brasileiros, sem Dom Pedro. Ou seja, a senha para a revolução.

Como mostrarei, mais adiante, na análise dos quatro depoimentos de testemunhas da Independência, foi lá, na paragem dos Meninos, à margem do Rio Tamanduateí (mais tarde, a partir de meados do século 19, progressivamente mudado o nome para Meninos), na atual divisa de São Bernardo e São Caetano, onde o fato decisivo aconteceu.

Ele ali se encontrava, apeado da besta baía gateada em que vinha montado, para aliviar-se do incômodo de que padecia desde o começo da viagem de volta. Ao ouvir a leitura das cartas então recebidas do Rio de Janeiro, feita a seu pedido, pelo padre Belchior Pinheiro de Oliveira, seu confidente, Dom Pedro justificou sua decisão e proclamou diante dos poucos presentes: “De hoje em diante estão quebradas as nossas relações; nada mais quero do governo português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal!”.

Era a palavra final da Independência do Brasil. Se oficialmente o 7 de setembro de 1822, do Ipiranga, é a data de nascimento simbólico da pátria, porque o príncipe regente a proclamou e legitimou, então, ali nos Meninos, entre São Caetano e São Bernardo, naquele primeiro ato da Independência é que

de fato ela nascia. Dom Pedro tomava ali a decisão da Independência com separação de Portugal, a alternativa branda já planejada.

Duas horas depois, na colina do Ipiranga, no encontro com a guarda de honra que o acompanhava e que, a seu pedido se adiantara, deixando-o no lugar dos Meninos, a proclamação será completada por Dom Pedro, para confirmá-la diante dos membros da comitiva que não estiveram com ele à beira da estrada, entre o Caminho do Mar e o Rio Tamanduateí (Meninos) pouco antes. Acrescida de desdobramentos menos emocionais e mais rituais, de um barroco tardio, do poeta e compositor que ele era. Sete horas depois, no Teatro da Ópera, no Pátio do Colégio, puxados pelo padre Ildefonso Xavier Ferreira, os presentes o aclamarão Rei do Brasil. Um projeto político alternativo ao seu ganhava corpo.

São várias as evidências, nos depoimentos das testemunhas, de que no sítio do Ipiranga houve intencional propósito de criar os fundamentos imaginários do ato da Independência. O que se refletiu tanto nos testemunhos elaborados anos depois do que ali ocorrera, que tendem a ser apresentados como convergentes quando não o foram. Quanto no quadro celebrativo *Independência ou Morte*, de Pedro Américo, encomendado em 1886, que acabaria encontrando seu lugar



Calçada do Lorena, em 1826. A obra *Serra do Cubatão, trecho da Calçada do Lorena – Lagamar*, de Oscar Pereira da Silva, foi baseada em uma gravura de William Burchell

no salão nobre do Museu Paulista, conhecido como Museu do Ipiranga. O quadro foi reproduzido em bronze numa das faces do Monumento à Independência, pelo escultor italiano Ettore Ximenes, vencedor do concurso para erguê-lo, inaugurado incompleto em 1922, que durante a obra morara na Vila Prudente.

Na Independência imaginária, a mulinha em que o príncipe vinha de Santos virou um portentoso cavalo zaino. Dom Pedro, que no ato dos Meninos estava desmontado da mula, no imaginário do Ipiranga apareceu montado no cavalo. E a fardeta azul da polícia, que trajava, pelo imaginário épico apareceu transformada em solene e amedalhado uniforme.

Os depoimentos das quatro testemunhas - Para situar e interpretar os fatos relativos aos dois momentos da proclamação da separação do Brasil de Por-

tugal, mencionados pelo historiador Carlos Oberacker Jr., é indispensável proceder à análise crítica e desconstrutiva dos depoimentos que a respeito fizeram quatro pessoas que estavam na comitiva de Dom Pedro no retorno de Santos, naquele sábado, dia 7 de setembro de 1822.¹⁰

Estimativa a partir das evidências contidas nos próprios testemunhos e referências neles feitas mostram que as coisas ocorreram aproximadamente entre 14h30 e 16h30. Nessa época, as horas eram calculadas pela posição do sol. Mesmo as pessoas mais simples sabiam, desse modo, estimar a hora do dia com razoável precisão. Na Fazenda de São Caetano, em 1754, havia um relógio de sol, no que é hoje a Praça Ermelino Matarazzo, para por ele se regular o horário de trabalho dos escravos e dos livres.

Há nesses documentos informações não só sobre a peculiar e passageira temporalidade

daquele momento singular de ruptura histórica, mas também sobre o que se pode definir como a geografia da Independência. Neles estão citados três lugares do trajeto entre São Bernardo e o Ipiranga: paragem dos Meninos (por Paulo Antonio do Vale), Moinhos (por Francisco Canto e Melo) e sítio do Ipiranga (pelos quatro).¹¹ Em dois desses lugares ocorreram os atos da proclamação, Meninos e Ipiranga.

Há, porém, incongruências nos próprios depoimentos de cada um e desencontros entre eles. Identifiquei nelas dois de seus fatores. Tirando o depoimento mais próximo do dia da Independência, o do padre Belchior Pinheiro de Oliveira (1788-1856), em carta de 1826, quatro anos depois, os demais foram feitos muitos anos mais tarde.

O coronel Manuel Marcondes de Oliveira e Melo (1780-



Obra *San Bernardo (between Cubatão and São Paulo)*, de William John Burchell, mostra o Caminho do Mar (hoje avenida Marechal Deodoro), na travessia do povoado de São Bernardo, em 1826, de quem vai em direção à Paragem dos Meninos e à cidade de São Paulo

1863) escreveu seu relato 40 anos após os acontecimentos, em 1862, quando tinha 82 anos de idade, um ano antes de morrer. O tenente Francisco de Castro Canto e Melo, irmão da futura Marquesa de Santos, deu seu testemunho em 1864, 42 anos depois da Independência. O relato de Paulo Antonio do Vale é de 1854, 32 anos após. Tanto Canto e Melo quanto Vale, conheciam a região. Os outros dois, não.

Um estudo sobre o sítio do Ipiranga mostra até mesmo antigas fotografias, de casas do lugar, obviamente de muito depois da Independência, uma delas a do casarão antigo da família de Canto e Melo, que ali morara e crescerá.¹²

Nem todos estavam, naquela hora, no lugar dos fatos decisivos das ocorrências que narram. Em boa parte porque a comitiva, no planalto, não viajou como um único bloco de acompanhantes do príncipe regente. Era um grupo grande, de mais de 40 pessoas.¹³ Dom Pedro estava doente, com disenteria, decorrente de intoxicação alimentar, causada pela ingestão de doces de ovos, na noite anterior, em Santos.

Antes de chegar aos Meninos, o príncipe regente ordenara que a comitiva se dividisse. Uma parte ficou para trás, mantendo uma distância em relação ao pequeno grupo que ficaria com ele mais adiante. À guarda de honra, que se formara durante o trajeto do Vale do Paraíba, na vinda a São Paulo, entre 14 e 25 de agosto, ordenou que se adiantasse e o esperasse no sítio do Ipiranga. Portanto, nem todos estavam juntos quando as coisas aconteceram. É evidente

que Dom Pedro quis isolamento e privacidade.

À medida que se lê cada depoimento, vê-se que há depoente que não estava lá ou não estava suficientemente perto do acontecido para ter as certezas que faz supor. Gente que estava no Ipiranga mas não estivera nos Meninos.

Em graus variáveis, há equívocos e há esquecimentos que empobrecem o caráter testemunhal dos escritos sobre o ocorrido. Tomo como referência principal, para analisar o conjunto dos depoimentos, o do padre Belchior Pinheiro de Oliveira, o mais completo, não só porque de fato estava com o príncipe naquele momento, mas porque escreveu o depoimento relativamente pouco tempo depois da Independência. A probabilidade é maior de que as lembranças do dia fossem mais sólidas no seu depoimento do que no dos demais. Mesmo assim há problemas.

Transcrevo-o:

“O Príncipe mandou-me ler alto as cartas trazidas por Paulo Bregaro e Antonio Cordeiro. Eram elas: uma instrução das Côrtes, uma carta de D. João (*D. João VI*), outra da Princesa (*Leopoldina*), outra de José Bonifácio (*de Andrada e Silva*) e ainda outra de Chamberlain (*Sir Henry Chamberlain, cônsul-geral da Inglaterra no Rio de Janeiro, de 1815 a 1829, pai do pintor homônimo*), agente secreto do Príncipe. As Côrtes exigiam o regresso imediato do Príncipe, a prisão e processo de José Bonifácio; a Princesa recomendava prudência e pedia que o Príncipe ouvisse os conselhos de seu Ministro; José Bonifácio dizia ao Príncipe que só havia dois caminhos a seguir: partir para Portugal imediatamente e entregar-se prisioneiro às Côrtes, como estava D. João VI, ou ficar e proclamar a independência do Brasil, ficando seu Imperador e Rei; Chamberlain informava que o partido de D. Miguel (*irmão de Dom Pedro, que, com a mãe, Carlota Joaquina, conspirava, em favor de um regime absolutista em Portugal e contra a Independência do Brasil*), em Portugal, estava vitorioso e que se falava abertamente na deserção de D. Pedro em favor de D. Miguel; D. João aconselhava ao filho obediência à lei portuguesa. D. Pedro, tremendo de raiva, arrancou de minhas mãos os papeis e, amarrotando-os, pisou-os, deixou-os na relva. Eu os apanhei e guardei. Depois, abo-

toando-se e compondo a fardeta (pois vinha de quebrar o corpo à margem do riacho Ipiranga, agoniado por uma disenteria, com dores que apanhara em Santos), virou-se para mim e disse:

– E agora, Padre Belchior?!

Eu respondi prontamente:

– Se V. Alteza não se faz Rei do Brasil será prisioneiro das Côrtes e talvez deserdado por elas. Não há outro caminho senão a independência e a separação.

D. Pedro caminhou alguns passos, silenciosamente, acompanhado por mim, Cordeiro, Bregaro, Carlota e outros, em direção aos nossos animais, que se achavam à beira da estrada. De repente estacou-se, já no meio da estrada, dizendo-me:

– Padre Belchior, eles o querem, terão a sua conta. As Côrtes me perseguem, chamam-me com desprezo de Rapazinho e de Brasileiro. Pois verão agora quanto vale o Rapazinho. De hoje em diante estão quebradas as nossas relações; nada mais quero do Governo português e proclamo o Brasil para sempre separado de Portugal!”

Vejamos os problemas desta primeira parte do testemunho do padre Belchior:

1. Diferentemente dos outros depoimentos, Dom Pedro não leu pessoalmente as cartas, mas mandou que o padre Belchior o fizesse. O coronel Marcondes, em seu depoimento escrito, situará esse momento, o do re-

cebimento das cartas, e confirmará que foi “em consequência de achar-se o mesmo Príncipe afetado de uma disenteria que o obrigava a todo o momento a apelar-se para prover-se...”.¹⁴

Mais adiante, porém, o coronel Marcondes dirá:

Que vindo o Príncipe em regresso de um passeio (sic) que tinha feito à cidade de Santos, depois que subiu a serra acompanhado somente por mim (sic), recebeu nessa altura ofício ou cartas por um próprio, parando e lendo-os disse-me que as Côrtes de Portugal queriam massacrar o Brasil...”.¹⁵

E, no final do depoimento se contradisse:

“3º Quesito – ‘Se o Príncipe depois que acabou de ler a carta a deu ao Padre Belchior Pinheiro de Oliveira ou a outra pessoa, e consultou o que devia fazer?’ Respondemos: Que ignoramos completamente o que se passou nesse ato, porque quando o Príncipe recebeu os ofícios de que foram portadores Paulo Bregaro e Cordeiro, nos achávamos, como fica dito, adiante do Príncipe, porém é de supor que este consultasse com o Padre Belchior a respeito, por isso que era o seu confidente e mentor.”¹⁶

Ele mesmo se desdiz e é claro que, aí também, são duas narrativas como se fossem uma só, a primeira relacionada com o

evento dos Meninos e a segunda relacionada com o do Ipiranga.

2. É pouco provável que Canto e Melo, cujo depoimento é o único que faz referência à localidade dos Moinhos, conhecido da região, não soubesse que esse era o nome de uma paragem no lugar dos Meninos. Como é muito pouco provável que ali tivesse encontrado Dom Pedro. Ao se referir ao lugar dos Moinhos não estava se referindo a lugar diverso da paragem dos Meninos. Do mesmo modo que Paulo Antonio do Vale, ao citar a paragem dos Meninos, não estava se referindo a outro lugar, mas a uma paragem de uma região, mais ampla, do mesmo nome.

A toponímia não era oficialmente precisa. Conheço bem a documentação histórica da região e são frequentes as alternâncias de nomes. Ali mesmo, a partir aproximadamente de 1850, o Rio Tamanduateí antigo ora é designado por esse nome, ora pelo nome de Meninos. Ao mesmo tempo, o Rio Caaguaçu, afluente do verdadeiro Tamanduateí (Meninos), toma o nome de Tamanduateí, às vezes, denominado “o outro Tamanduateí” e o verdadeiro passa a ser eventualmente definido como Rio dos Meninos.

Essa alteração de nomes está claramente relacionada com alterações no regime das águas, diminuição no Tamanduateí (Me-

nos) e manutenção do volume no Caaguaçu. Já no século 18, o abade de São Bento fazia referência a esse fenômeno, decorrente da devastação das matas ciliares do Tamanduateí (Meninos). Fora para seu uso como lenha dos três fornos de produtos cerâmicos (telhas, tijolos, lajotas, louça vidrada) da fábrica da Fazenda de São Caetano (que funcionou de 1730 a 1871, quando a Ordem de São Bento aboliu a escravidão em todas as suas fazendas e mosteiros).

O mais provável é que Canto e Melo o tenha encontrado nos Meninos, e não em outro lugar, acompanhado de um dos estafetas vindos do Rio, Cordeiro. Marcondes diz que, após a subida da serra, Dom Pedro “recebeu nessa altura ofício ou cartas por um próprio”, e não dois, embora também ele, no mesmo depoimento, fale mais adiante em Bregaro e Cordeiro. É importante, porém, que mencione que o lugar em que Dom Pedro se apeou, afetado pela disenteria, como já foi dito, ficava “meia légua distante do Ipiranga”, mais de três quilômetros, o que traz a ocorrência para um ponto da estrada nas proximidades da divisa de hoje entre São Bernardo e São Caetano.¹⁷ Canto e Melo diz que o local da proclamação do Ipiranga ficava a três quartos de légua de São Paulo.¹⁸

Por esses cálculos, o local da parada de Dom Pedro, antes de chegar à colina do Ipiranga, fi-

cava a cerca de uma légua e um quarto de São Paulo. Era a distância aproximada da cidade a São Caetano pelo caminho que Dom Pedro estava percorrendo. Situava-se, pois, em algum ponto nas proximidades da ponte da hoje Estrada das Lágrimas, entre São Caetano e Rudge Ramos.

Mas o detalhe decisivo para uma identificação aproximada do local do primeiro ato de proclamação da Independência é a própria descrição do local pelo padre Belchior, que ele supôs ser o Ipiranga. Utilizando como referência a planta da Calçada do Lorena de Santos a São Paulo, cujo original está na Biblioteca Nacional, feita por José Marcelino de Vasconcelos, tenente-coronel do Imperial Corpo de Engenheiros, em 1832, dez anos depois da Independência, pode-se constatar que, entre a paragem dos Meninos e a colina do Ipiranga, o trecho mais provável do seu primeiro ato foi entre o Córrego dos Meninos Velhos e o Córrego dos Meninos Novos (da nascente à foz, dois nomes do mesmo córrego), afluente do Rio Tamanduateí (Meninos).¹⁹

É o que melhor corresponde à descrição que do lugar faz o padre Belchior. O córrego formava uma ferradura, entre cujos extremos tinha cerca de 200 metros, à margem esquerda do rio. Nessa planta, pouco antes da ponte da atual Estrada das Lágrimas, o nome “S. Caetano”

Mas o detalhe decisivo para uma identificação aproximada do local do primeiro ato de proclamação da Independência é a própria descrição do local pelo padre Belchior, que ele supôs ser o Ipiranga. (...) pode-se constatar que, entre a paragem dos Meninos e a colina do Ipiranga, o trecho mais provável do seu primeiro ato foi entre o Córrego dos Meninos Velhos e o Córrego dos Meninos Novos (da nascente à foz, dois nomes do mesmo córrego), afluente do Rio Tamanduateí (Meninos).

está destacado e assinalado por um asterisco.

Era nesse local que o sítio dos Meninos Velhos, da Fazenda Boa Vista, já incorporada, desde 1803, à Fazenda de São Caetano, se estendia para o outro lado do rio, o da sua margem esquerda. No modo de definir os espaços e seus limites daquela época, como se vê no contrato de arrendamento dessas terras, de José Alves de Siqueira com o Mosteiro de São Bento, de 1806, ainda se situava em São Caetano.²⁰ Sua extensão para a margem esquerda do rio, hoje faz parte de São Bernardo. Pelas várias razões que aponto, esse é o lugar mais provável da paragem dos Meninos e do primeiro ato de proclamação de Dom Pedro.

O padre Belchior diz que D. Pedro fora aliviar-se da disenteria à margem do Ipiranga, quando então comentou as cartas recebidas e proclamou a Independência. É impossível que isso tenha acontecido lá. Ele confundiu os lugares e em suas lembranças juntou num ato só o que acontecera nos Meninos e o que acontecera no Ipiranga. A proclamação dos Meninos é repetida na proclamação do Ipiranga, porém, em outro formato narrativo. De modo que juntá-los introduz incongruências no relato.

Para compreender e superar as incongruências foi necessário separar os trechos incongruentes porque o lugar do segundo trecho

do texto (Ipiranga) não corresponde ao do primeiro (Meninos).

Dom Pedro fez a segunda proclamação na colina, antes de chegar ao riacho do Ipiranga para atravessá-lo. Se tivesse acontecido como disse o padre e disseram outros depoentes, que não estiveram nos Meninos, todos eles teriam visto e mencionado que Dom Pedro fora até à margem do riacho para fazer sua necessidade e depois voltou e subido até o lugar da proclamação, a 400 metros, mais de 200 passos.

Nenhuma outra testemunha mencionou que o príncipe regente tivesse feito sua necessidade naquele lugar e naquele momento, praticamente “diante” de todo o grupo que o acompanhava, quando já no sítio do Ipiranga. A guarda de honra estava na venda, entre o ponto da estrada em que comprovadamente foi proclamada a Independência e o riacho.

Para entender como as coisas aconteceram, é preciso considerar a questão do pudor e do decoro em relação ao príncipe quanto à impropriedade de sua eventual exposição, na situação adversa, à curiosidade alheia.

Os cuidados que ele mesmo tomou antes da chegada aos Meninos, ao mandar que a comitiva se atrasasse e que a guarda de honra se adiantasse e fosse esperá-lo no Ipiranga, foram cuidados dessa ordem, para preservar sua privacidade.

Os membros da guarda, que esperavam no Ipiranga, não viram o que acontecera nos Meninos. Não puderam testemunhar a primeira proclamação.

Portanto, a parada mencionada pelo padre Belchior foi muito antes da chegada ao lugar reconhecido como o da Independência, o do Ipiranga. O que ele descreve, portanto, foi o que ocorreu na paragem dos Meninos. Relembro:

“O Príncipe mandou-me ler alto as cartas trazidas por Paulo Bregaro e Antonio Cordeiro. (...) D. Pedro, tremendo de raiva, arrancou de minhas mãos os papéis e, amarrotando-os, pisou-os, e deixou-os na relva. Eu os apanhei e guardei. Depois, abotoando-se e compondo a fardeta (pois vinha de quebrar o corpo à margem do riacho Ipiranga (*sic*), agoniado por uma disenteria, com dores que apanhara em Santos, virou-se para mim e disse...”²¹

O detalhe de que Dom Pedro tenha mandado o padre Belchior ler-lhe as cartas e que após a leitura abotoara-se e compusera a fardeta são indicativos de que o ato ocorrera em outro lugar, antes da segunda proclamação na colina do Ipiranga.

O padre Belchior, que era de Minas, não conhecia a geografia da região que estavam percorrendo, ao contrário de Paulo Antonio do Vale. A paragem dos Meninos foi identificada por ele. Acrescentando este que, dali, Dom Pedro seguiu “a passo lento, o caminho do Ipiranga”.²²

O padre Belchior explica que

“D. Pedro caminhou alguns passos, silenciosamente, acompanhado por mim, Cordeiro, Bregaro, Carlota e outros, em direção aos nossos animais, que se achavam à beira da estrada. De repente estacou-se, já no meio da estrada, dizendo-me...”²³

Ou seja, Dom Pedro foi fazer sua necessidade entre a estrada e a margem do rio Tamanduateí (Meninos), onde, provavelmente, ainda havia restos de mata ciliar, em que se resguardasse. Os que o esperavam e os animais estavam na margem esquerda da estrada, o lado que já era tido

como São Bernardo. A proclamação foi no meio da estrada, entre as duas localidades, São Caetano e São Bernardo.

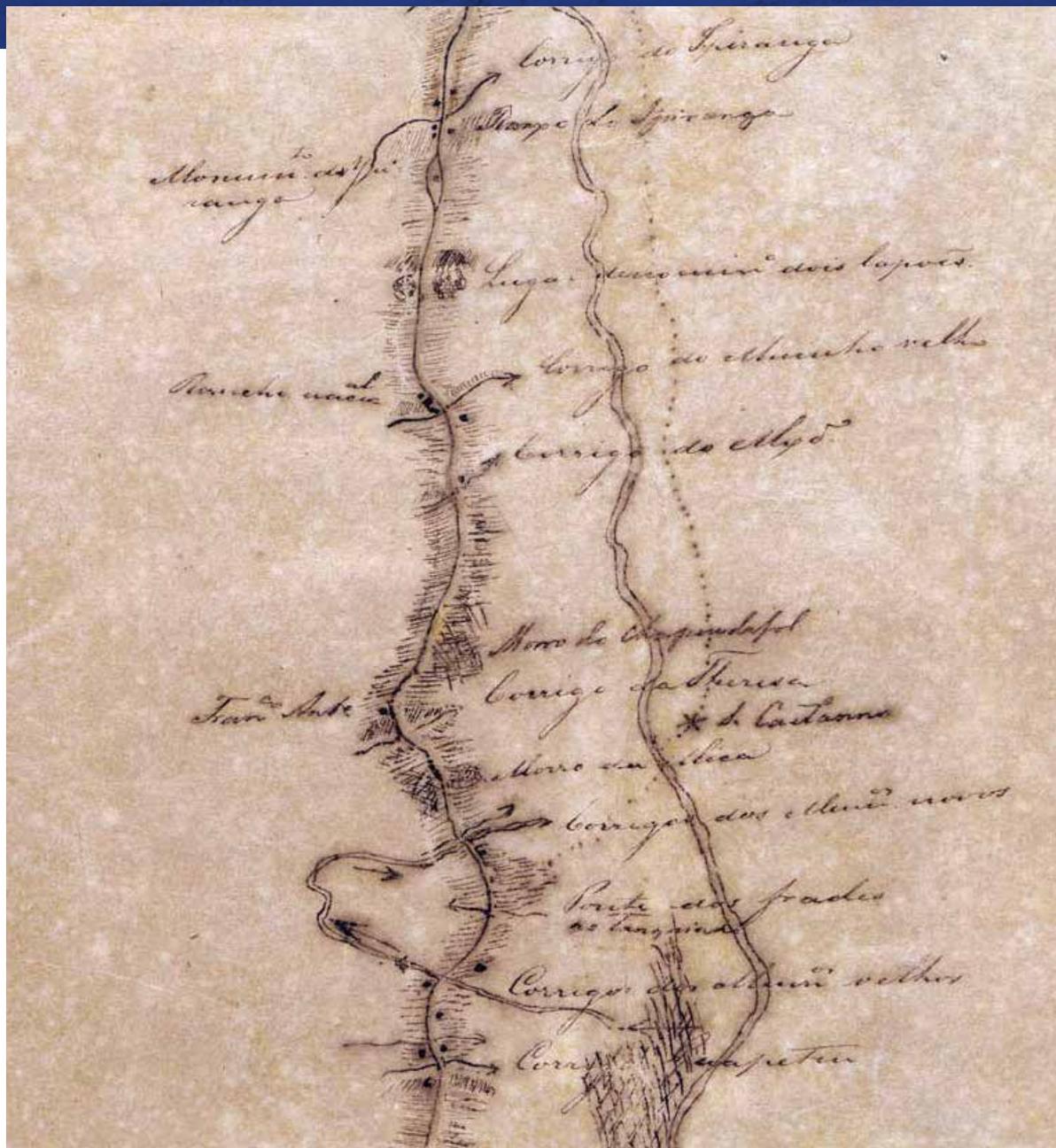
Foi ali que fez então a declaração de separação do Brasil de Portugal, isto é, a declaração da Independência plena do Brasil, entre a margem esquerda do Rio Tamanduateí (Meninos) e o meio do Caminho do Mar.

Outro pequeno detalhe do depoimento do padre Belchior é o de que, no Ipiranga, Dom Pedro proclamou: “Brasileiros, a nossa divisa de hoje em diante será *Independência ou Morte!* / Firmou-se nos arreios, esporeou sua bela besta baia, e galopou, seguido de seu séquito, em direção a São Paulo”.²⁴

Ou seja, na paragem dos Meninos, a da primeira proclamação, por conta de seu problema de saúde, estava desmontado e desmontado permaneceu e a uma certa distância entre o rio e a estrada, sem condições de ler as cartas trazidas do Rio de Janeiro pelo portador. Daí ter recorrido ao padre para que as lesse.

No Ipiranga chegara montado e montado permaneceu. Por aí se confirma que o padre Belchior confundiu e misturou dois atos distintos. E presumo mesmo que o fez propositalmente, também ele envolvido na elaboração do imaginário que acabou se impondo. É que os quatro depoimentos convergem, desde o começo, para a versão que acabou definindo o imaginário oficial da Independência. Isso pode ter resultado da distância no tempo, os depoimentos a expressar o que, independentemente de intenções prévias, já havia se consolidado como a versão oficial do acontecimento.

Penso, porém, que resultou de uma idealização do que seria a proclamação. Índícios desse imaginário estão presentes na correspondência de Dom Pedro, anterior ao acontecimento, que se completam nas providências ritualizantes que ele mesmo tomou uma hora depois, em São Paulo. Tudo dá a impressão de já estar programado, no sentido de que já havia sido imaginado.



Recorte da planta da estrada entre as cidades de São Paulo e Santos, levantada por ordem de Rafael Tobias de Aguiar, presidente da província, no ano de 1832, por José Marcelino de Vasconcelos, tenente coronel do Imperial Corpo de Engenheiros. Detalhe do trecho relativo a São Caetano, entre os córregos dos Meninos Velhos e do Ipiranga

As distâncias mencionadas nos depoimentos, a demora para a chegada ao lugar em que se daria a segunda proclamação e a referência ao atraso dos membros da comitiva que ficaram para trás quando da parada de Dom Pedro nos Meninos, confirmam a paragem dos Meninos como referência do primeiro ato.

Dão indicações do lugar aproximado da primeira proclamação dos Meninos. Para quem vi-

nha de Santos, ocorreu antes do trecho em que o rio se orienta para o norte, na atual divisa de São Caetano e São Paulo, pouco adiante do entroncamento da que viria a ser a Estrada das Lágrimas com o Caminho do Mar, em São Bernardo, à esquerda do rio.

Dali para oeste, o Caminho do Mar se afasta do Rio Tamanduateí (Meninos) e progride na direção da paragem dos Moinhos, formando uma alça, para reencontrar a estrada nas proximidades da figueira

que se tornará conhecida como a Árvore das Lágrimas.

Os limites de São Caetano, no século 18, tinham duas “pontas” no lado sul. A dos Meninos Velhos, a leste, onde a antiga estrada da Boa Vista entroncava no Caminho do Mar, na Calçada do Lorena, vinda do mar. E a dos Meninos, no Córrego do Moinho Velho, a oeste, no Tijucuçu, conforme narrativa de um abade de São Bento do final do século 18.²⁵

O critério de definição desse limite de São Caetano a oeste, aliás, de certo modo, coincidia com os critérios de outros limites na região, uma vez que próximo do rio de São Paulo que era o do senhorio próprio da Câmara da cidade, assim como o era a árvore das Lágrimas. Em 1729, a Câmara decidiu que o Moinho Velho era o lugar em que os negros novos que por essa época chegavam em grande quantidade de Santos, trazidos pelos senhores de escravos, deveriam esperar a visita da Saúde, pois “costumam trazer vários contágios de doenças”.²⁶

Nesta segunda ponta, desde 1671, a sesmaria dessas terras, obtida em 1668 por Manuel Teodoro, compreendia as duas margens do córrego. É o que em toda a região leva a dificuldades de definição da realidade geográfica.

Frequentemente, fazendas, sítios e freguesias não eram limitados pelos cursos d’água, como hoje, mas por

uma espécie de território socialmente aberto, apenas idealmente limitado por um rio ou córrego. Em parte, porque na época havia a sobreposição de direito do domínio da coroa sobre a posse útil de quem a terra utilizava. Não era este, mas aquele, que definia pertencimentos de bairros e não o que é hoje concepção de propriedade e de divisão administrativa.

Madeiras de lei eram de lei porque eram de domínio da coroa e não do particular que tivesse a posse da terra que as continha. Capitão do mato não era apenas, nem principalmente, um caçador de escravos, mas um fiscal florestal que ganhava uns trocados caçando escravos fugidos que eventualmente encontrasse em sua área de fiscalização de matas. Mais fortes, como referências limitantes, eram os valos secos, de que na região havia muitos.

Havia uma concepção cultural de territorialidade. No século 19, os moradores da parte mais a leste do Ipiranga frequentavam as festas e cerimônias religiosas de São Bernardo, do mesmo modo que escravos de São Bernardo se casavam na capela de São Caetano e colonos do núcleo colonial de São Caetano eram sepultados em São Bernardo e outros em São Paulo.

Na sesmaria obtida pelo secretário do governo da capitania de São Paulo, no Tijucuçu, em 1782, ele astutamente indicava

que os limites da terra pleiteada eram onde legitimamente confinavam as terras de São Bento, ou seja, as da Fazenda de São Caetano. Como ocorria com as dos Meninos Velhos, conforme o mencionado contrato de arrendamento de José Alves de Siqueira.

Nessa geografia, convém ter em conta que, na ida a Santos, o príncipe regente ordenara a Canto e Melo que do Cubatão voltasse para São Paulo “conduzindo ofícios que deveriam ser, quanto antes, remetidos ao Ministro do Reino (*José Bonifácio*); e, como levasse eu, ao regressar no dia 7, a notícia de que o major Antonio Ramos Cordeiro, vindo do Rio de Janeiro, se achava em São Paulo, sendo portador de despachos do Governo de Portugal e ofícios importantes, e dando disso parte a Sua Alteza, em caminho, onde o encontrei, na tarde desse mesmo dia, já no lugar denominado Moinhos, resolveu apressar a marcha, em que vinha para a Capital, e o fez adiantando-se algum tanto dos que o acompanhavam...”.²⁷ Na verdade, essa descrição é do que aconteceu na paragem dos Meninos.

E o Ipiranga? Nesse relato, Canto e Melo teria encontrado Dom Pedro no lugar dos Moinhos, como ele diz. Tendo-o informado da chegada da correspondência, partiu o príncipe diretamente para São Paulo. As coisas não aconteceram assim, pois o Ipiranga está na história, embora não esteja na narrativa.

Se o major Cordeiro tinha a missão de entregar os documentos a Dom Pedro com urgência, mais urgência, aliás, do que a de Bregaro, pois fora enviado do Rio após a partida deste, em função de fatos novos que era necessário comunicar ao príncipe, fica difícil entender porque Canto e Melo lançou-se na estrada para Santos, para encontrar Dom Pedro, e Cordeiro não o fez, à espera de que o príncipe o encontrasse em vez de sair à sua procura. O que era impossível na concepção de hierarquia social de uma sociedade estamental como a nossa da época, cujos valores e regras, nesse particular, todos reconheciam.

O lugar provável desse suposto encontro, nas proximidades da conhecida hoje como Árvore das Lágrimas, não fica à margem de córrego ou rio, nem do Tamanduateí (Meninos) nem do Córrego do Moinho Velho, ambos um pouco longe dela. Não pode ter sido o lugar da parada de Dom Pedro, em que rio e estrada eram paralelos e próximos e constituem os identificadores de lugar mais seguros de todas essas narrativas.

Tomo como referência um mapa de 1906²⁸, em que se pode ver nitidamente o traçado da estrada da Boa Vista, em São Caetano, isto é, a do sítio dos Meninos Velhos; e o do antigo Caminho do Mar, mais tarde Estrada das Lágrimas, que, em São Caetano, corre paralela e a

**"E o Ipiranga?
Nesse relato,
Canto e
Melo teria
encontrado
Dom Pedro
no lugar dos
Moinhos, como
ele diz. (...) As
coisas não
aconteceram
assim, pois o
Ipiranga está na
história, embora
não esteja na
narrativa. (...)
O lugar provável
desse suposto
encontro, nas
proximidades
da conhecida
hoje como
Árvore das
Lágrimas (...)"**

uma certa distância da margem direita do rio dos Meninos. Depois de cruzar o rio Tamanduateí (Meninos) para a margem esquerda e passar pelos Moinhos, ia para a cidade de São Paulo pelo lado direito do que é hoje o Museu Paulista.

Esse mapa confirma que a estrada que, pela margem esquerda do rio e dele se afastando, reencontra o antigo Caminho do Mar (Lágrimas) na altura dos Moinhos, era a estrada da continuação da Calçada do Lorena rumo a São Paulo, concluída em 1792.

O detalhado depoimento do padre Belchior é um testemunho verossímil, apesar do embaraçamento dos dois atos da Independência. Nesse depoimento, o que corresponde ao que ocorreu nos Meninos está seguramente na narrativa que vai até duas linhas antes de: “– Viva a liberdade! Viva o Brasil separado! Viva D. Pedro!”.

Na primeira parte do relato, o dos Meninos, quando Dom Pedro ainda está arrumando a calça e se compondo, são pouquíssimos os acompanhantes e ele está a conversar unicamente com o padre Belchior. Na segunda parte, a do Ipiranga, ele está a dirigir-se ao grupo inteiro. A estrutura do depoimento é indicativa do duplo discurso e da duplicidade de interlocutores. No dos Meninos, é uma consulta sobre o que fazer dirigida ao padre Belchior e, em seguida, a primeira proclamação. No do

Ipiranga é uma comunicação, a um grupo grande, do que já fora decidido, nos Meninos.

A verdade geográfica das duas proclamações da Independência começou a ser apagada já no próprio ato do Ipiranga. Foi quando o tenente Canto e Melo, por ordem de Dom Pedro, deu início à montagem da encenação do Grito do Ipiranga na mobilização da guarda de honra, que estava na venda onde aguardara o príncipe. Distribuiu-a em semicírculo em torno de Dom Pedro que pronunciou as palavras que coroavam as ideias elementos da Independência, cujos conceitos vinham sendo elaborados desde ao menos a elevação do Brasil a Reino, em 1815.

Estas desagregações que faço confirmam e completam a análise de Carlos Oberacker Jr. e sua constatação de que a proclamação da Independência não foi um ato único na colina do Ipiranga, mas foi precedida pela proclamação da paragem dos Meninos.

Essa proclamação se deu pouco depois de Dom Pedro passar pelo então povoado de São Bernardo e pela frente de sua igreja na estrada de que ainda é vestígio a Rua Marechal Deodoro, como se vê na bela aquarela do inglês William Burchell. É a estrada de 1792 que, mais adiante recebe de São Caetano a estrada da Boa Vista, e, bem mais adiante, na altura dos Moinhos, vai entroncar com a

Estrada das Lágrimas, também chamada de estrada velha, vinda de São Caetano - perto da Árvore das Lágrimas pelo que se desprende do relato de Emilio Zaluar, de 1862²⁹ -, como se vê pelo já citado mapa de 1906.

Para situar a viagem de Dom Pedro e definir a paragem dos Meninos como fiz, enquanto lugar de referência de um momento da história, ainda que lugar de uma memória perdida, foi necessário reconstituir documentalmente o que era o lugar dos Meninos em 1822. De que trato a seguir.

Excursão: o lugar dos Meninos em São Caetano

– A causa da dificuldade de Oberacker para determinar a atualidade dos três lugares mencionados nos depoimentos dos acompanhantes de Dom Pedro, foi o ter tomado como referência do evento dos Meninos a geografia de 1972 e não a geografia de 1822, ainda não documentada e ainda desconhecida, muito diferentes uma da outra. O ano de 1972 estava não só cronologicamente longe de 1822. Mas também sobrepunha a geografia de agora à de 150 anos antes, o que torna difícil identificar lugares. Esta, reduzida a vestígios esparsos que sobreviveram no traçado de ruas de São Caetano, de São Bernardo e de São Paulo.

O autor não conseguiu localizar, em 1972, duas das três paragens citadas nos documentos

de testemunho deixados pelos quatro acompanhantes de Dom Pedro, que presenciaram o desenrolar dos fatos ou alguns de seus aspectos e as mencionam: Meninos, Moinhos e Ipiranga.³⁰ São os nomes da geografia do dia da Independência, lembrados por eles bem mais tarde, quando se manifestaram a respeito, como mencionei antes, e são as referências para situar a região do atual ABC no que ocorreu naquele dia.

Sem a reconstituição histórica dos cenários e dos lugares dos momentos da Independência é impossível interpretar sociologicamente a causa de a paragem dos Meninos ter sido completamente esquecida em relação ao episódio e a do Ipiranga ter sido lembrada, ainda que tardiamente, e monumentalizada. A hipótese teórica é a de que a Independência não ocorreu como um fato da memória histórica do inconstituído povo brasileiro e menos ainda de um lugar da memória, para usar o conceito do mencionado historiador francês Pierre Nora.³¹

O ator principal do evento, Dom Pedro, ao voltar para o Rio de Janeiro, levou consigo a memória do acontecimento. A memória era dele, não do povo. Na concepção portuguesa e brasileira, ele personificou a história e a memória. Lugares da memória só existem onde a memória histórica é social e não pessoal. E é referida pelo estabelecimento

Trecho do córrego do Ipiranga, próximo ao local em que seria erguido o Monumento da Independência, em cuja cripta estão sepultados o Imperador Dom Pedro I (Dom Pedro IV, de Portugal), a Imperatriz Dona Leopoldina e a Imperatriz Dona Amélia. Foto de 1914. Autor não identificado



Trecho do Córrego do Ipiranga, próximo ao local em que seria erguido o Monumento da Independência. Ao fundo, no alto da colina, o Museu Paulista, da Universidade de São Paulo



dos marcos compartilhados da história de todos e não só de alguns.

Em pouco tempo, a colina do Ipiranga tornou-se um lugar abandonado e esquecido. Fotos de antes da construção do chamado Altar da Pátria, o Monumento à Independência, documentam esse abandono. O lugar praticamente reduzido a um terreno baldio, a Estrada das Lágrimas uma via esburacada e de trânsito difícil. Os róis eleitorais dos finais do século 19 mostram que o

Ipiranga continuava apenas um bairro de carreiros e tropeiros.

Algumas semanas depois do 7 de setembro, nada restava do que acontecera nos Meninos e no Ipiranga. Aliás, no manifesto *Aos paulistas*, que Dom Pedro lançou no dia seguinte, ainda em São Paulo, expressa que o que foi chamado de “Grito do Ipiranga” foi apenas momento de um processo político por ele personificado.³² Seria aclamado Imperador no dia 12 de outubro, dia de seu

aniversário natalício, e coroado e sagrado Imperador, no dia 1º de dezembro. Só então vislumbrou amplamente o que proclamara na colina do Ipiranga (e nos Meninos). Só então os dois atos ganharam sentido.

Quando Oberacker publicou seu ensaio, em 1972, o nome Meninos já havia desaparecido e tinha então outro nome, Rudge Ramos. E Moinhos ele não conseguiu descobrir onde era ou onde fora.³³ Embora as duas denominações constem de vários documentos e do mapa da região, de 1906, já mencionado, e tenham persistido ainda durante muitos anos, Oberacker não conseguiu localizá-los.³⁴

A leitura e a análise desconstrutivas desses quatro depoimentos de participantes da comitiva que acompanhou o príncipe Dom Pedro na viagem de São Paulo a Santos, no dia 5 de setembro de 1822, e em seu retorno a São Paulo no dia 7, confirmam a descoberta de Oberacker. A de que esses nomes não são apenas nomes de lugares, mas de dois atos distintos de Independência, complementares, mas situados em lugares diferentes.

São citados porque referências geográficas da movimentação de gente da comitiva de Dom Pedro, entre os Meninos e o Ipiranga e das duas proclamações da separação do Brasil de Portugal naquela tarde, pelo príncipe regente.³⁵

As trocas ou o desaparecimento de nomes de lugares antigos como esses acabaram confundindo completamente os historiadores em relação a diversos temas. Não só o da Independência, mas também o da localização do povoado de Santo André da Borda do Campo.

O lugar dos Meninos já ocupava mais da metade do bairro de São Caetano de 1765. No mapa atual, cobria áreas que são hoje parte do Bairro Cerâmica, bairros Boa Vista, São José, Jardim São Caetano, Oswaldo Cruz, Nova Gerty, Mauá e, em São Paulo, Heliópolis, São João Clímaco, Moinho Velho (áreas que então faziam parte da Fazenda e do bairro de São Caetano, dele desmembrados com o estabelecimento do Rio dos Meninos como

divisa do município de São Paulo com o município de São Bernardo, freguesia elevada a vila em 1889, como mencionei).

O nome de lugar dos Meninos, na verdade dos Meninos Velhos, era aplicado a sítios, paragens e pontes situados numa área que ia do Ribeirão do Moinho Velho, a oeste, no poente, hoje recoberto pelo canteiro central da Avenida Tancredo Neves, no Sacomã, em São Paulo, até a estrada da Boa Vista, no leste, no nascente, em São Caetano, que ainda conserva o nome antigo como Rua Boa Vista, na crista do morro do Bairro Nova Gerty, em continuação à Rua Visconde de Inhaúma.

Em 1779, o Senado da Câmara de São Paulo se referia às pontes dos Meninos Velhos e dos Meninos Novos³⁶. Na verdade, um mesmo riacho que, em ferradura nascia a leste, na margem esquerda do Rio dos Meninos, que já era o nome das cabeceiras do Rio Tamanduateí, e nesse rio desaguava, mais adiante, a oeste, pouco antes do lugar em que a Estrada das Lágrimas cruza hoje de São Bernardo para São Caetano.

A estrada da Boa Vista é remanescente do Caminho Velho do Mar, do século 16, mencionado em atas da Câmara da Vila de São Paulo, de 1589 e 1602, definido como “caminho real muito antigo”, isto é, caminho principal, o primeiro que ligou ao litoral o sertão de São Vicente, que era a que veio a ser a atual região metropolitana de São Paulo.³⁷ Ele atravessava todo o território do atual município de São Caetano do Sul, do norte para o sul, do qual há vestígios no traçado irregular de ruas atuais. Além dessas, a Rua Maximiliano Lorenzini (continuação da Rua Ibitirama, em São Paulo), e um trecho da Rua Heloisa Pamplona.

Ao norte, os Meninos iam do riacho Itinga (nome correto, e não Tingá), que nascia na que é hoje a região da Rua Lisboa, atravessava o atual Espaço Verde Chico Mendes e o que foi a Cerâmica São Caetano, e desaguava no Rio Tamanduateí (Meninos), no oeste.

No sul, ia até o riacho Guapeú, Guapeú-mirim, Guapeí ou Vapeú, onde é hoje São Bernar-

do, nomes contidos nos diferentes documentos de arrendamentos de terras a foreiros nessa extensa área, pelos monges de São Bento, para os lados do que eram as cabeceiras do Rio Tamanduateí (Meninos).

As indicações mais antigas do lugar, que se chamará no século 18 “dos Meninos”, são de 1652, quando Manoel Temudo ali comprou de Paulo da Costa um sítio e o deu a sua filha Maria de Faria, sítio que tinha como uma das divisas, a oeste, o Ribeirão do Moinho Velho. Em 1668, Temudo obterá a sesmaria vizinha, entre a margem direita desse mesmo ribeirão, a oeste, e a margem esquerda do Rio Tamanduateí (Meninos), a leste. Com sua morte, é o sítio que sua viúva, Maria Pedrosa, mandará a leilão, em 1671, para pagamento de dívidas, e será arrematado por Fernão Dias Paes. Foi-o para ser doado ao Mosteiro de São Bento para renda de manutenção da capela mor da Igreja de São Bento, onde ele e a mulher, Maria Betim, seriam sepultados. Esse sítio seria anexado à Fazenda do Tijucuçu, que fora ao mosteiro dada por Duarte Machado, em 1631.³⁸ Essas terras formariam a que se chamará mais tarde Fazenda de São Caetano do Tijucuçu, com o nome derivado da construção da Capela de São Caetano, em 1717, derrubada em 1900 para no mesmo lugar ser construída a igreja que veio a ser a Matriz Velha.

Houve engano na arrematação de Fernão Dias que acabou abrangendo as terras de Maria de Faria, nos Meninos. Só no século 18 o mosteiro fará o acerto com seus herdeiros para regularizar a situação.³⁹

Os contratos de aforamento de sítios nas duas fazendas beneditinas, entre 1797 e 1837, mais as referências contidas nos documentos do Tijucuçu e São Caetano, de períodos anteriores, permitem clareza quanto à área abrangida pelo lugar dos Meninos, na época da proclamação da Independência, ou seja, a área de muitos bairros atuais de São Caetano e alguns de São Paulo e São Bernardo, como indiquei acima.

Em uma escritura de 1780, de um sítio que foi

comprado pelo frade carmelita padre frei Manuel Caetano Soares, adquirido depois pelo Mosteiro de São Bento, consta que ele se situava “na paragem chamada os Meninos entre o bairro de S. Bernardo, S. Caetano, (*ilegível*) e a estrada que vai para a Vila de Santos.”⁴⁰ Em 1780, a estrada referida ainda era a que é hoje a Estrada das Lágrimas, na São Caetano de então.

Em 1793, o documento de um acerto de divisas da Fazenda de São Caetano, do Mosteiro de São Bento, com o sítio de Pedro Homem da Costa, nos Meninos Velhos, “na estrada que vai de S. Caetano para S. Bernardo, junto ao Córrego do Tinga (Itinga)”, atual Rua Boa Vista, é decisivo para definir com mais exatidão a localização dos Meninos. O Córrego Itinga, como já mencionado, era o limite sul da Fazenda de São Caetano com os sítios vizinhos no lugar dos Meninos.

Nas décadas finais do século 18 e décadas iniciais do século 19, o Mosteiro de São Bento comprará sítios naquela área do bairro de São Caetano, que compreendia a Fazenda de São Caetano e os lugares, sítios e paragens vizinhos. Em 8 de março de 1805, frei João de São Caetano, no relatório de seu triênio como abade do Mosteiro de São Bento, de São Paulo, acrescenta a Fazenda da Boa Vista à Fazenda de São Caetano. E explica:

“Comprou-se esta nova fazenda muito apetecida pelos nossos antepassados por ser muito interessante ao Mosteiro, assim pelas lenhas para a olaria, e madeiras de serra, como para evitar litígios sobre confrontações, por isso que ficava entre a Fazenda de S. Caetano e (*a*) de S. Bernardo.”⁴¹

Foi esse um dos indícios de uma opção dos beneditinos pela expansão do território de sua Fazenda de São Caetano para o sul, com evidências e registros do declínio da Fazenda de São Bernardo já no final da segunda metade do século 18. A compra e anexação da Fazenda da Boa Vista à de São Caetano confirmam que a racionalidade econômica da função industrial de São Caetano motivou essa ampliação. Foi-o para provê-la de

madeira para construção e de lenha para as olarias da fábrica de produtos cerâmicos.

Outras aquisições e regularizações de terras no século 18 e primeiras décadas do século 19, no lugar dos Meninos, tinham claramente como objetivo assegurar as jazidas de barros especiais dessa área para a fábrica. Nos documentos, as menções a cavas grandes, em diferentes pontos das terras anexadas à Fazenda de São Caetano, indicam isso claramente. As cavas do barro branco da área do Ribeirão Itinga estão associadas à produção de lajotas brancas de que foram encontrados fragmentos nas escavações arqueológicas realizadas no pátio da antiga capela, atual Matriz Velha, entre 1990 e 1992, pela equipe da arqueóloga Margarida Andreatta, do Museu Paulista.

Na primeira década do século 19, os escravos da Fazenda de São Bernardo foram transferidos para uma nova fazenda aberta em suas terras com o nome de Fazenda Jurubatuba, para os lados do caminho de Santo Amaro. Os abades se queixavam, com frequência, de que essas terras de São Bernardo estavam sendo ocupadas por intrusos, as roças dos escravos invadidas pelo gado, foreiros deixavam de pagar seus aluguéis, mesmo sendo os aluguéis ínfimos e insuficientes para assegurar as despesas com a fazenda.⁴²

Nesse período, reabriu-se um

conflito entre o bispo de São Paulo e a comunidade monástica em torno, justamente, da capela beneditina da Fazenda de São Bernardo. O presidente do mosteiro, frei Francisco de Santa Teresa Machado, relata a natureza do conflito:

“Suscitou-se novamente a chicana entre o Mosteiro, e (o) ordinário sobre a Capela de S. Bernardo, chegando a tal grau que veio a ser ereta em Freguesia com Pároco colado. Vieram ao Mosteiro officios dirigidos pelo mesmo ordinário para ser entregue a mesma Capela. Longe de assentar-se a estas ordens, fez-se a resistência possível com toda a política, e moderação que o caso pedia...”⁴³

O caso estendeu-se. Em 1803, o abade relatara em seu Estado que, em determinada época dos sete anos de seu governo, “Pôs-se na Capela desta fazenda (*de São Caetano*) uma lâmpada de latão, cuja torre reedificou-se como também a Casa de vivenda com aquele asseio necessário para nelas entrar o Exmo., Ilmo. e Revmo Sr. Bispo Diocesano (*Dom Mateus de Abreu Pereira*) onde se demorou três dias...”⁴⁴ Bispo e abade, aliás, entronizados no mesmo ano de 1796. Provavelmente, começava a análise da questão da criação da Freguesia de São Bernardo e do conflito latente do caso.

Já em 23 de maio de 1803, o mosteiro arrendara os campos

de São Bernardo, a casa e a própria capela da Fazenda a Manoel de Toledo Piza, ajudante do 2º Regimento de Cavalaria Miliçiana, até a aguada das Mulatas, por 6 mil réis por um ano. Ficou ele de entregar aos monges as casulas branca e vermelha, verde e roxa, além dos objetos de prata usados na celebração da missa.⁴⁵ Na prática, a capela beneditina de São Bernardo deixara de ter funções litúrgicas a partir desse ano.

Em 1806, o capitão general e governador da Capitania de São Paulo, Antonio José da Franca e Horta, escreveu ao abade de São Bento sobre a “conservação do culto público na Capela (*da Fazenda*) de S. Bernardo”, remetendo-lhe representação dos moradores da localidade sobre o assunto.⁴⁶ Em 17 de setembro do mesmo ano, o bispo escreveu ao governador: “Agradeço muito a V. Excia. as providências que deu a respeito da Igreja de S. Bernardo, pois aqueles fregueses necessitam muito quem ali lhes administre o pasto espiritual, e aquela capela de nada serve aos religiosos, e foi feita com esmolas daqueles povos”.⁴⁷ Na verdade não fora feita com esmolas daqueles povos, mas com recursos dos próprios beneditinos, pois era capela muito antiga, de quando ainda não havia indícios de que nas terras daquela sua fazenda existisse um povoado, como existirá quando do litígio.

Observei nos livros da mor-

domia do mosteiro, que, ao contrário do que ocorria com a Capela de São Caetano, no período desse litígio, o padre gastador do mosteiro já não enviava a São Bernardo vinho e hóstias para as missas, que aparentemente deixaram de ser celebradas. No Estado do mosteiro para o período de 1817 a 1828, pela época da passagem de Dom Pedro pelo lugar, anota o abade que na Fazenda de São Bernardo “Fizeram-se alguns concertos na Capela para não cair de todo...”⁴⁸

As contas do mosteiro mostram que os ganhos com sua produção industrial eram significativamente superiores aos modestos ganhos agrícolas de São Bernardo. Pedro Taques de Almeida Paes Leme (1714-1777), que era primo de frei Gaspar da Madre de Deus, provincial da Ordem de São Bento, tudo indica que conhecedores ambos da Fazenda de São Caetano, em sua *Nobiliarquia Paulistana*, confirma sua prosperidade comparativa: “uma rendosa fazenda chamada de São Caetano, com fábrica de olaria para cozer telha e tijolo; e ao presente é o rendimento mais certo que tem este mosteiro”.⁴⁹

O bispo diocesano, Dom Mateus de Abreu Pereira, ao criar paróquia na capela beneditina de São Bernardo, tudo indica, cometeu uma ilegalidade, por fazê-lo numa propriedade particular. Justamente por isso, o abade contestou a decisão do bispo. A questão foi parar nas mãos de Dom João, príncipe regente, que afinal emitiu sentença em favor da criação da Freguesia de São Bernardo fora da fazenda, na capela da Boa Viagem. Impôs, porém, a condição de que o pároco fosse um monge de São Bento.

Esta reconstituição documentada do que era e de onde era o lugar dos Meninos, não deixa dúvidas, portanto, quanto a que ele se originara no bairro de São Caetano, em boa parte situado na fazenda beneditina de São Caetano.

Dele sobreviveu um marco insólito dessas demarcações de caminhos, lugares e paragens: a *Árvore das Lágrimas*.

Coleção José de Souza Martins



Museu Paulista e Parque da Independência. O segundo ato da Independência, na colina do Ipiranga, duas horas depois do primeiro, na paragem dos Meninos, ocorreu no lado esquerdo do parque, a 405 metros do riacho do Ipiranga, por onde passava o Caminho do Mar, depois conhecido como Estrada das Lágrimas. Autor não identificado.

A citação de Zaluar de que até o Moinho Velho e a Árvore das Lágrimas ia o Caminho do Mar mostra que a extensão da Calçada do Lorena até São Paulo, a partir daquele ponto, apenas recobriu a estrada antiga, aproveitando o seu traçado.

Nos meados do século 19, 30 anos depois da Independência, passava a ser chamado, como mencionei, pelos estudantes da Academia de Direito de São Paulo, de Estrada das Lágrimas. O nome expressa o romantismo da época e pode-se dizer que é um raro toponímico de inspiração artística e literária. Referência à figueira que ainda existe, na altura do nº 515, à beira dessa estrada.

Árvore e respectivo terreno que foram doados pelos irmãos Sacoman, no dia 25 de agosto de 1910, à Câmara Municipal de São Paulo para que fosse preservada.⁵⁰ Servia ela de marco para a despedida dos viajantes que, desde o período colonial, partiam para o embarque no porto de Santos ou para a recepção dos que chegavam e haviam anunciado previamente, por carta ou recado, a parentes, amigos e conhecidos, sua chegada.

Menos de um século depois do Grito do Ipiranga, um estudante da Faculdade de Direito, o poeta e teatrólogo Danton Vampré, dedicou à velha figueira que fica a meio caminho entre a paragem dos Meninos, do primeiro ato da proclamação da Independência, e o sítio do Ipiranga, do segundo e definitivo ato, estes versos enternecidos: “Árvore dos prantos, árvore esquecida, tão formosa foste, quão velhinha estás! És como uma branca e solitária ermida, cujos crentes foram-se através da vida, sem voltar os olhos tristes para trás”. ■

¹⁰ Cf. F. Assis Cintra, ob. cit., p. 211-231. Este livro de Assis Cintra é uma antologia de textos essenciais do processo da Independência basicamente contidos na obra referencial de A. J. de Melo Moraes, *História do Brasil-Reino e Brasil-Imperio*, tomos I e II, Typ. de Pinheiro & C., Rio de Janeiro, 1871.

¹¹ Cf. F. Assis Cintra, ob. cit., esp. p. 218 e 221.

¹² Cf. Jorge Pimentel Cintra e Alexandre Pimentel Cintra, loc. cit.

¹³ Cf. F. Assis Cintra, cit., p. 221 (nota).

¹⁴ Idem, p. 214.

¹⁵ Idem, p. 214.

¹⁶ Idem, p. 215.

¹⁷ Cf. F. Assis Cintra, ob. cit., p. 214.

¹⁸ Idem, p. 218.

¹⁹ Cf. José Marcelino de Vasconcellos, *Planta da Estrada entre as Cidades de S. Paulo e Santos, levantada por mandato do Presidente da Província de S. Paulo, Rafael Tobias de Aguiar, em 1832*. (S. l.: s. n.), 1932. Cópia no Museu do Ipiranga pelo Brigadeiro Machado de Oliveira (1848), doada por seu neto, José de Alcantara Machado de Oliveira, em 1939, apud Jorge Pimentel Cintra e Alexandre Pimentel Cintra, O sítio da Independência no Ipiranga: as vicissitudes de um local histórico, in *Anais do Museu Paulista*, v. 29 (Nova Série), S. Paulo, 2021, p. 1-48.

²⁰ Cf. *Código 102 - Livro que há de Servir para Lançarem nele os Seus Arrendamentos e Rendimentos de S. Bernardo, Mosteiro em 7 de julho de 1796*, fl. 7. Arquivo do Mosteiro de São Bento da Cidade de S. Paulo. O Livro dos Arrendamentos de S. Bernardo contém, também, os registros de arrendamentos das Fazendas de São Caetano e de Jurubatuba.

²¹ Cf. F. Assis Cintra, ob. cit., p. 211

²² Idem, p. 221.

²³ Idem, p. 212.

²⁴ Idem, p. 213.

²⁵ Cf. *Código 84 - Documentos de S. Bernardo 1665-1868*, fls. 22. Arquivo do Mosteiro de São Bento.

²⁶ Cf. Ernani Silva Bruno, *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, v.1, 3ª edição, Editora Huictec/Prefeitura do Município de São Paulo, São Paulo, 1984, p. 337.

²⁷ Cf. F. Assis Cintra, ob. cit., p. 217-218. Aparelmente, há um engano de transcrição no início desse depoimento. Canto e Melo refere-se a que o Brigadeiro Jordão, que seguira com Dom Pedro para Santos, no dia 5, no Cubatão, “ordenou-lhe Sua Alteza que voltasse”. No entanto, Canto e Melo, falando em primeira pessoa, diz “como levasse eu, ao regressar no dia 7...” Portanto, foi a ele que Dom Pedro ordenou que voltasse a S. Paulo com os ofícios a serem remetidos a José Bonifácio.

²⁸ Cf. *Mapa da cidade de São Bernardo e região em 1906*, Seção da Pesquisa e Documentação, Divisão de Preservação da Memória, Secretaria da Cultura, Prefeitura de São Bernardo do Campo.

²⁹ Cf. Augusto-Emílio Zaluar, *Peregrinação pela Província de S. Paulo (1860-1861)*, Livraria Martins Editora, S. Paulo, 1952, p. 179-180.

³⁰ Cf. F. Assis Cintra, ob. cit., p. 218 e 221.

³¹ Cf. Pierre Nora, *Entre memória e História: A problemática dos lugares*, tradução de Yara Aun Khoury, in *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, S. Paulo, Dezembro de 1993, p. 7-28.

³² Cf. F. Assis Cintra, ob. cit., p. 128-129.

³³ Um documento útil para localização desses lugares naquele período é um memorial do advogado e político Carlos Garcia, ativo no Brás e em São Caetano, nos fins do século 19. Defensor dos posseiros daquela parte de São Caetano, que foram presos em 1883 porque atacaram a casa e os fechos do terreno de que se apassora o grileiro, Paulo Hamelin. Eram terras comunais na posse útil da Fazenda de São Caetano, desde o século 17. Esse memorial instrui processo contra atos de grilagem de terra na parte de São Caetano originada da doação de Fernão Dias Paes ao Mosteiro de São Bento, em 1671. É posterior à compra da Fazenda de São Caetano pelo governo imperial (1877): “...um sítio denominado Moinho Velho, outrora Tijucucu, conforme a carta de sesmaria expedida pelo C. Geral dessa província, dada aos 20 de fevereiro de 1782...” O juiz Manoel Joaquim de Toledo, no despacho, diz que se trata de sítio situado no bairro dos Moinhos. Cf. Carlos Garcia, “Ao público”, *Correio Paulistano*, Anno XXX, n. 8079, S. Paulo, 22 de julho de 1883, p. 3. A referência ao Tijucucu, depois São Caetano, indica que a fazenda beneditina abrangia as terras do Moinho Velho.

³⁴ Cf. *Mapa da cidade de S. Bernardo e região em 1906*, cit.

³⁵ Cf. Carlos H. Oberacker Jr., loc. cit., p. 425-442.

³⁶ Cf. Carlos H. Oberacker Jr., loc. cit., p. 425-442.

³⁷ Antes da fundação de São Paulo, o padre Manuel da Nóbrega, em uma carta, refere-se ao planalto e à região da Borda do Campo como “sertão de S. Vicente”. Cf. Manuel da Nóbrega, *Obra Completa*, org. Paulo Roberto Pereira, Editora PUC Rio/Edições Loyola, São Paulo, 2017, *passim*.

³⁸ Cf. Dom Martinho Johnson, OSB (ed.), *Livro do Tombo do Mosteiro de São Bento da Cidade de S. Paulo*, Mosteiro de São Bento, S. Paulo, 1977, p. 78-94.

³⁹ Cf. *Código 102*, loc. cit., fl. 22.

⁴⁰ Cf. *Código 84 - Documentos de S. Bernardo 1665-1868*, fls. 34 e 35.

⁴¹ Cf. *Estado do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção da Cidade de S. Paulo do tempo que foi Dom Abade o M. R. Padre Pregador Frei João de S. Caetano que governou dois anos e quatro dias*, S. Paulo, 8 de Março de 1805, fls.35v e 36. Arquivo do Mosteiro de São Bento da cidade de S. Paulo.

⁴² Cf. Departamento do Arquivo do Estado de S. Paulo, *Documentos Avulsos de Interesse para a História e Costumes de S. Paulo*, v. II, Gráfica João Bentivegna, S. Paulo, 1953, p. 88.

⁴³ Cf. *Estado do Mosteiro de N. Senhora d'Assunção da Cidade de S. Paulo, do tempo em que o governou como Dom Abade, e Presidente, o M. R. Padre P. Geral Frei Francisco de Santa Teresa Machado, que tomou posse aos 2 de Fevereiro de 1813, e finalizou ao último de Dezembro de 1816, que são três anos e onze meses menos dois dias*, fl. 49. Arquivo do Mosteiro de São Bento da cidade de S. Paulo.

⁴⁴ Cf. *Estado do Mosteiro de N. Senhora da Assunção da Cidade de S. Paulo do tempo em que foi D. Abade o M. R. P. Padre Frei Fernando da Madre de Deus, que governou sete anos, e três dias (1796-1803)*, Arquivo do Mosteiro de São Bento da Cidade de S. Paulo.

⁴⁵ Cf. *Código 102*, cit., fl. 58.

⁴⁶ Cf. Departamento do Arquivo do Estado, *Documentos Interessantes para a História e Costumes de S. Paulo*, v. LVII, p. 38 e 39.

⁴⁷ Cf. Departamento do Arquivo do Estado de S. Paulo, *Documentos Avulsos de Interesse para a História e Costumes de S. Paulo*, Vol. III, Gráfica João Bentivegna, S. Paulo, 1953, p. 21.

⁴⁸ Cf. *Estado do Mosteiro de N. Senhora d'Assunção da Cidade de S. Paulo, do tempo em que governou como D. Abade, e Presidente o M. R. P. Frei Manoel da Natividade Marques, que tomou posse no 1º de Janeiro de 1817, até 15 de Janeiro de 1828*, fl. 57. Arquivo do Mosteiro de São Bento da Cidade de S. Paulo.

⁴⁹ Cf. Pedro Taques de Almeida Paes Leme, *Nobiliarquia Paulista Histórica e Genealógica*, Tomo III, Editora Itatiaia Limitada/Editora da Universidade de São Paulo, Belo Horizonte, 1980, p. 77.

⁵⁰ Cf. *Correio Paulistano*, n. 16.907, S. Paulo, Domingo, 28 de agosto de 1910, p. 4.

José de Souza Martins

é sociólogo, com licenciatura, mestrado, doutorado e livre docência pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, da qual é professor titular aposentado e professor emérito. Professor da Cátedra Simón Bolívar da Universidade de Cambridge e *fellw* de Trinity Hall (1993-94). Pesquisador emérito do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), é membro da Academia Paulista de Letras. Entre outros livros, autor de *Moleque de Fábrica* (Ateliê). É natural de São Caetano do Sul.

Notas

¹ Cf. Carlos H. Oberacker Jr. “O grito do Ipiranga” - problema que desafia os historiadores: certezas e dúvidas acerca de um acontecimento histórico, *Revista de História*, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo, S. Paulo, v. 45, n. 92, 1972, p. 411-464.

² Cf. Fernando Henrique Cardoso, *O Estado na América Latina*, in Paulo Sérgio Pinheiro (org.), *O Estado na América Latina, Cedec/Paz e Terra*, Rio de Janeiro, 1977, esp. p. 81-85.

³ Cf. a coletânea de documentos de F. Assis Cintra, *Dom Pedro I e o Grito da Independência*, Companhia Melhoramentos de S. Paulo, S. Paulo, 1921, p.65.

⁴ Idem, p. 144.

⁵ Idem, p. 113-127, esp. p. 113.

⁶ Cf. Robert A. H. Smith, *The Dropmore Papers* (ADD. MSS 58855.59494), *The British Library Journal*, vol. 7, n.1, 1981, p. 75-87.

⁷ Cf. Afonso A. de Freitas, *Tradições e Reminiscências Paulistanas* (1ª edição: 1921), Editora Itatiaia Limitada/Editora da Universidade de S. Paulo, S. Paulo, 1985, esp. p. 111-139 (“S. Paulo no dia 7 de setembro de 1822”).

⁸ Cf. F. Assis Cintra, ob. cit., p. 54-55.

⁹ Idem, p. 81.

As ondas concêntricas e o ponto cego da história atingem São Caetano do Sul

 Enrique G. Staschower

As COMEMORAÇÕES dos anos, assim chamados, “cheios” ou “completos”, costumam chamar nossa atenção pelas suas dimensões, nos permitem aquilatar sua evolução, e assim, proporcionam uma visão em perspectiva de acontecimentos geradores ou divisores de águas, de forma a avaliarmos as suas implicações na atualidade. Estes eventos agem tal como as ondas concêntricas que se formam ao lançarmos uma pedra em águas calmas.

Assim, neste ano de 2022, temos a oportunidade de debruçarmos-nos sobre dois acontecimentos basilares à formação da nossa identidade nacional: os 200 anos do Grito de Independência, e os

100 anos da Semana de Arte Moderna, ocorrida no Theatro Municipal de São Paulo. Ambos os acontecimentos buscavam independência: o primeiro promoveu um sentido de independência política, o segundo buscou uma independência cultural, amparado em raízes nacionais.

Entretanto, busco desenvolver aqui, como estes dois fatos históricos impactaram o território que compõe a cidade de São Caetano do Sul e sua importante participação, mesmo como figurante, já que ser atingido pelas ondas concêntricas de fatos marcantes da nossa história, torna-o não somente partícipe, mas consequência imanente destes fatos.

Talvez iniciássemos esta busca debruçando-nos sobre o panorama descortinado naquela tarde de sábado, ao final do inverno de 1822, veríamos que pouca coisa teria despertado a atenção daquele ansioso príncipe, vindo de Santos, em direção a São Paulo, ao atravessar mais um dos córregos que o separavam de seu destino; talvez uma leve fumaça branca à sua direita. A fumaça branca sim, mas seguramente não seriam as chaminés soltando esta fumaça, que ele não vira, elas se elevariam dos fornos de cerâmica e louça na fazenda beneditina de São Ca-



Montagem fotográfica que apresenta, a partir da esquerda, os modernistas: Anita Malfatti, Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral

etano do Tijuçu. O olhar ansioso deste aventureiro e romântico português buscava divisar, à frente, as linhas das edificações de São Paulo, lá ao longe, enquanto atravessava o Córrego do Moinho Velho, junto à confluência do Caminho Velho, rumando à colina do Ipiranga.

Logo mais, a parada na colina, junto ao Córrego do Ipiranga, deixaria indeléveis marcas no destino deste jovem príncipe e no reino que ali inauguraria. Este nobre era o modelo do encantador aventureiro romântico, conquistaria corações e logo os abandonaria em busca do próximo romance, assim faria com esta coroa brasileira, a abandonaria, em busca de outra coroa, menos de nove anos depois daquela tarde de fim de inverno.

Ao se aproximar da cidade de São Paulo, já ansiando pelas homenagens e festejos que anunciavam os sinos da Igreja da Boa Morte, junto à Rua Tabatinguera, mal teria se detido para minuciosas

abluções nos baixios do Córrego Lava-pés, alegre e entusiasmado cantarolaria uma melodia em tom épico – que um jornalista carioca inseriria a letra para torná-la *Hino da Independência* – tamanha era sua expectativa para receber honrarias e beija-mão, decorrentes daquele grito sobre a colina.

O príncipe se tornará imperador. Ele passara de guardião do trono, do pai ausente, a pai ausente, de filho no trono. Tal como romântico herói *byroniano*, sairia do Brasil em campanha militar para destronar um irmão usurpador, morrendo ao entregar o trono à sua filha. Criará um Império no Brasil, para seu filho e deixaria um Império Colonial Português à sua filha. Esta filha se casaria com o enteado de Napoleão Bonaparte e este filho perderia o trono, melancolicamente, após um baile em uma ilha.

Este príncipe romântico seria lembrado picarescamente, pelos súditos, graças às aventuras amorosas e não por destituir uma Assembleia Constituinte eleita pelo povo, para em seguida outorgar a Constituição Imperial – pela qual mulheres,

escravos, indígenas e pobres não votariam.

Outros eventos ocorreram no Brasil do século 19: ferrovias, café, legislações “para inglês ver”, guerras com vizinhos, tríplice aliança, genros imperiais, positivistas, abolicionistas, republicanos, militares, deposição do imperador, imigrantes e o início de um processo de urbanização. As populações rurais começavam a se dirigir às cidades – a ilusão da vida urbana prometia interações e riquezas, algo que a vida rural não era capaz de prover.

O Rio de Janeiro, já capital republicana, procurava a imagem de uma *belle époque* tropical, espelhada em Paris. Portanto, era preciso apagar as memórias do “atraso” colonial e imperial, criar *boulevards* e avenidas para bondes elétricos – nem que para isso fosse preciso desmontar o Morro do Castelo, núcleo fundacional, com 63 metros de altura, sobre o qual se assentara, em 1567, o controle eclesiástico e político, onde, inclusive, repousavam os restos mortais do seu fundador, Estácio de Sá. O

material retirado – 4,6 milhões de metros cúbicos de terra e entulho das construções demolidas – seria usado para formar aterros do Flamengo, onde seria instalado o Aeroporto Santos Dumont, junto ao Forte do Calabouço (aquele onde fora preso Tiradentes). Sobre este aterro, seria instalada a Exposição Internacional do Centenário da Independência, inaugurada, como não poderia deixar de ser, com pompa e circunstância, no dia 7 de setembro de 1922 – receberia no primeiro dia 200 mil visitantes, sedentos pela exibição da modernidade.

Modernidade era algo que a cidade de São Paulo já transpirava. Principalmente nos anseios de um grupo de cinco amigos, artistas em diversas áreas, que compartilhavam o ideal de ruptura com o academicismo das *Beaux Arts*, buscando se expressar em cada uma das suas especialidades, em uma identidade nacional. Este grupo ansiava por chocar, com sua “guerrilha artística”, a elite político-social-econômica paulistana, para transformar São Paulo, com suas visões antropofágicas, em uma pauliceia que correria desvairada, em verdes cadillacs, vislumbrando futuristas abaporus em preguiçosos macunaímas.

O amálgama que unira este grupo de modernistas era uma mulher de 31 anos, que, tal como nosso afoito príncipe, subiria sua “colina do Ipiranga”,

O Rio de Janeiro, já capital republicana, procurava a imagem de uma *belle époque* tropical, espelhada em Paris.

Portanto, era preciso apagar as memórias do “atraso” colonial e imperial, criar boulevards e avenidas para bondes elétricos

não para a consagração nem as glórias do príncipe, mas para se expor e desnudar-se frente às críticas. Naquela segunda-feira, dia 13 de fevereiro de 1922, ela subia as escadas do teatro para apresentar 22 telas de cores e formas antiacadêmicas, entre expressionismos e futurismos, e contemplava apreensivamente a possibilidade de apupos e demolidoras críticas, como as que recebera anteriormente, em 1917.

Anita Catarina Malfatti sofreria diversos estigmas, dentre os pessoais elencavam-se aqueles por ser mulher e artista, órfã e humilde, dependente de subsídios públicos ou do padrinho para se aprimorar como artista. Filha de pai italiano e mãe norte-americana, nascera com um defeito congênito no braço direito, que lhe rendera uma operação na Itália aos 3 anos de idade – mas não conseguira recuperar os movimentos. Perdera o pai aos 13 anos. Desenvolvera suas habilidades de desenho com a mão esquerda, enquanto segurava o pincel e a paleta na mão direita atrofiada. Aos 17 anos já ajudava no sustento da família dando aulas de pintura. Com o apoio do tio, estudara na Alemanha e nos Estados Unidos.

Os mais severos apupos e críticas se deram aos 28 anos, quando expôs, em um saguão na Rua Florêncio de Abreu, obras como *A Boba*, *Homem amarelo*, *Mulher de cabelos verdes*, gerando críticas quase ofensivas no jornal

O Estado de S. Paulo. Os quadros vendidos naquela exibição foram devolvidos para ela, que reembolsou o dinheiro, que já era curto e necessário, mas que agora em choque, lhe faria muita falta. A defesa destes seus amigos, na imprensa, amalgamou o grupo dos cinco modernistas – Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, Tarsila do Amaral, Mário de Andrade e Anita. Porém, ela se calou, intimidada.

Anteriormente, sua reação a reveses fora outra, como aquela após a perda do pai, quando morava com os avós na Rua Brigadeiro Galvão, na Barra Funda. Ela, sentindo-se no descaminho da insegurança, decide deitar-se sobre os trilhos do trem e aguardar a morte. A sensação de perigo iminente, o som ensurdecido e o deslocamento da realidade impõem-lhe cores e formas delirantes – talvez daí surgissem as cores e formas vanguardistas que ousaria mais tarde.

A subida dos degraus do teatro deve ter-lhe despertado os mesmos sentidos de delírio ao deitar-se sobre os trilhos próximos à Estação Barra Funda. A sensação da perda iminente, à espera das vaias que certamente viriam, ao deflagrar o estopim da provocação, de um Movimento Modernista, predominantemente paulista. Um divisor de águas e um marco da busca de uma brasilidade na cultura e arte.

Já comentamos que, para os eventos históricos, há uma reverberação, tal qual a pedra lançada em águas calmas. Cabe então observar as ondas concêntricas geradas nesses acontecimentos que definiram a independência ou anunciaram a modernidade, para verificarmos como elas atingiram o território de São Caetano do Sul – já que não fora protagonista desses eventos, nem referência.

Poderíamos dizer que este território, nesses eventos, é o espaço do desvão, é o contraponto da revelação desses eventos. No ponto focal da História, este território é o “ponto cego”, aquele local que não enxergamos, já que lhe faltam as células fotorreceptoras da retina, portanto desaparece ao fugaz e imediatista observador da história.

Para um motorista desatento, o ponto cego no

retrovisor do automóvel pode esconder um veículo – mas não lhe escusa as consequências. Assim se dá com São Caetano do Sul, já que para o observador desatento, da grande história nacional neste território, ele não apresenta protagonismo “fotorreceptor”, porém não lhe evitaram as consequências desses acontecimentos, definidores de independências.

As consequências da Independência, proclamada em 1822, chegariam um pouco mais tarde ao território da Fazenda São Caetano do Tijuçu, fruto das alternâncias de ciclos econômicos que caracterizaram esta colônia. Lembrando que o Grito do Ipiranga não foi uma revolução disposta à derrocada e substituição da elite colonial, tal como ocorrera nos nossos vizinhos da América Espanhola, fora uma acomodação das elites, que já se organizaram, sem o Pacto Colonial, a partir da chegada da família imperial, em 1808; compondo ecleticamente a ascensão de uma nova elite, alicerçada em um novo ciclo econômico.

Na primeira década do século 19, a produção de café, nas terras do Vale do Ribeira, seria lentamente substituída pela abertura de terras mais baratas e de melhor produtividade no Oeste Paulista. Partindo da região de Jundiá e rumo a Franca, foram se instalando famílias de agricultores paulistas que enriqueceram no comércio de carnes e mueres com o Sul. Formava-se, assim, uma elite agrícola, de forte atuação na produção, no seu financiamento, no transporte e na exportação. Podemos citar as famílias Prado, Pacheco Chaves, Souza Queiroz e Paes de Barros, que passaram a comandar a economia na região mais rica do país.

Esta elite agrícola, diferentemente dos produtores de cana de açúcar e senhores de engenho, no Nordeste, não se reclusa em sua casa grande junto à plantação, ela mantinha bases urbanas, com escritórios de corretagem, agências bancárias e sedes administrativas de ferrovias, atuando tentacularmente, por meio de participação acionária nestas empresas – demonstrando capacidade de articular-se em uma forte atuação político-econômica.

O modelo baseado na mão de obra escrava estava fadado ao fim – talvez menos por razões humanitárias e talvez mais por razões comerciais e financeiras – tanto por pressões dos aliados (Inglaterra) como por ações de abolicionistas. A escravidão permaneceria ainda por décadas apesar da irracionalidade do trabalho forçado, mas porque ainda era lucrativo para os traficantes e produtores rurais – já que prevalecia o direito de propriedade, permitindo a negociação de excedente de mão de obra entre produtores.

Mas, na busca de inspirações e modelos externos, proliferaram teorias racistas, nas quais elites deslumbradas pelo modo de vida europeu atribuem aos africanos escravizados, aos indígenas apesados e à recorrente miscigenação, razões e motivos que levariam à degenerescência de costumes e cultura, que não permitiram a “evolução e progresso” aos quais o Brasil estava positivamente fadado. Contribuem, então, para desamparo e desespero da opinião pública os jornais, quando passam a estampar relatos de fugas de escravos, assassinatos de senhores e capatazes, saques nas estradas – era preciso “salvar a lavoura”, já que o fim da escravidão era inevitável.

Poderia se protelar o fim da escravidão, mas sua transição demandava a introdução de uma mão de obra nova, branca e autônoma; dessa forma, empresas promotoras angariavam trabalhadores na Europa, recebendo subsídios oficiais – manipulavam verbas públicas para importar imigrantes, com transações financeiras, subvenções governamentais, repasse de verbas para o transporte, manutenção das hospedarias, etc., dentro das casas bancárias formadas pela elite cafeeira, de modo a mascarar os lucros indiretos –, por exemplo, em 1888 o ministro da Agricultura, Antônio da Silva Prado, providenciou recursos à Sociedade Promotora da Imigração, de propriedade do irmão, Martinico Prado (eles eram descendentes do Barão de Iguape, Antônio Prado, comerciante de charque e muares do Sul, pioneiro na abertura das fronteiras agrícolas do Oeste paulista, com a introdução do café).

Este seria o momento daquele “ponto cego”,

representado pelo território de São Caetano, aparecer em cena, quando, em 1874, o governo provincial estuda a desapropriação da, então aruinada, fazenda beneditina de São Caetano do Tijucuçu, para lá instalar um Núcleo Colonial, capaz de receber trabalho independente, produzido por imigrantes europeus. Os estudos finalmente se concretizam em fevereiro de 1877, quando o presidente da província de São Paulo, Sebastião José Pereira, recebe autorização para a compra da fazenda beneditina e sua divisão em lotes, destinados a imigrantes italianos – que embarcariam em julho de 1877, já com os contratos assinados.

As 28 famílias de imigrantes, chegadas em 28 de julho de 1877, foram instaladas no Núcleo Colonial. Estas famílias provinham do Veneto, onde pequenas propriedades eram trabalhadas em regime de parceria. Elas eram vítimas da expropriação econômica e territorial da unificação italiana e buscavam aqui terras próprias, somadas às promessas de víveres, casas, ferramentas e escrituras (rapidamente), conforme contratos firmados antes do embarque. Sintomaticamente alojaram-nos na senzala, junto à sede da fazenda beneditina.

Em janeiro de 1878, chega uma segunda leva de imigrantes italianos, agora com 11 famílias. Esta segunda leva encontrou um clima conflagrado por promessas não cumpridas – na distribuição de terras, falta nas diárias e nas distribuições de víveres – que se somavam a um sentimento de abandono e negligência, ampliado pelo risco de mais casos de doenças e mortes, com a chegada de mais famílias. Todas estas razões culminam por deflagrar uma revolta de imigrantes no dia 10 de janeiro de 1878.

Ante o clima de violência instalado, intervêm, para aplacar a revolta, o chefe de polícia e suas tropas, que chegariam de trem, com o inspetor especial de Terras e Colonização da Província de São Paulo, o vereador Antônio da Silva Prado – que, naquele momento, exercia este cargo de inspetoria de forma gratuita, sem onerar os co-

fres públicos, já que auferindo indiretamente outros tipos de rendimentos com a imigração, declinara de remuneração, exercendo como atividade *pro bono*.

A presença de figuras relevantes, para aplacar uma revolta de imigrantes, em um Núcleo Colonial longe da capital, elucida interesse oficiais e empresariais em manter a política de branqueamento e europeização do trabalho – uma vez que ela era estratégica na difusão do trabalho livre, enquanto superior ao trabalho escravo –, e revoltas como esta eram contraproducentes aos interesses deste grupo.

Os irmãos Antônio e Martinico Prado têm uma atuação decisiva em São Paulo, atuando em duas frentes: buscando controlar a rebelião negra, que se alastrava pela província, ao mesmo tempo que encaminhavam, com firmeza e energia, a imigração massiva de trabalhadores europeus – já que ela era uma engrenagem do sistema econômico que fundamentava a produção da riqueza do café.

Vale destacar que Antônio da Silva Prado voltaria a tratar do Núcleo Colonial de São Caetano em 1888, para reativá-lo, já que a província o negligenciara desde 1880, de forma a manter o ideário de mão de obra branca, capaz de movimentar um sentimento de progresso europeizante. A esta altura, no final do Império, os irmãos Antônio e Martinico Prado dominam a

Assim,
compreende-se que as
terras da
fazenda
beneditina de
São Caetano
do Tijucuçu,
avaliadas como
inadequadas
em 1874,
serviram como
modelo de
um ideário
político, com
a instalação
de colonos
imigrantes da
Itália, onde
uma nova
elite tinha
interesses em
consolidar
uma estrutura
econômica.

produção mundial de café – por meio da sua produção, do transporte ferroviário até o porto de Santos, do seu armazenamento, dos agentes de exportação e dos agentes financeiros.

Podemos considerar que as ondas concêntricas lançadas pelo Grito de Independência propagaram-se, provocando, tal como efeito dominó, a ascensão de uma classe, capaz de se articular política e economicamente, unindo interesses em produção, transporte, financiamento e indústria, que usou a imigração de trabalhadores italianos como parte desta articulação, além de alimentar um ideário de europeização; onde o Núcleo Colonial de São Caetano foi ensaio de instalação de um trabalho, de caráter eurocentrista e civilizatório, para um projeto, inicialmente instalado em São Paulo, que visava uma nação capitalista e europeizada, baseada em transformações econômicas e sociais – mas nada radicais, a ponto de transformar a ordem vigente.

Aquele afoito e romântico príncipe, que talvez tivesse observado a paisagem ao atravessar o Córrego do Moinho Velho junto ao Caminho Velho, mal poderia imaginar que aquela fumaça branca antevista das chaminés ao longe, seria atingida pelo avanço das ondas concêntricas propagadas no seu grito, em café, república, fim da escravidão e trabalho imigrante.

Assim, compreende-se que as terras da fazenda beneditina de São Caetano do Tijucuçu, avaliadas como inadequadas em 1874, serviram como modelo de um ideário político, com a instalação de colonos imigrantes da Itália, onde uma nova elite tinha interesses em consolidar uma estrutura econômica. Mesmo supondo que, naquele momento, o Núcleo Colonial estivesse fadado ao insucesso agrícola, ainda assim serviria aos interesses propostos neste modelo, já que a venda de seus lotes, a preços baratos, permitiria a instalação de indústrias provenientes da cidade de São Paulo, transformando agricultores em operários assalariados e cafeicultores enriquecidos em empreendedores industriais.

A política na República Velha seria sustentada pela valorização do café, quando o governo garantia o lucro aos produtores, comprando seus excedentes, para estabilizar a economia. Haveria um forte desequilíbrio entre a permanência das benesses à economia cafeeira e a nascente indústria de substituição de produtos importados – quando os rigores da Primeira Guerra Mundial impuseram limites à importação – alimentando a urbanização, que transformaria um Núcleo Colonial em sede de indústrias.

As cidades, tal como São Paulo, não estavam preparadas nem tinham infraestrutura para este crescimento – nem as indústrias tinham este apuro técnico e mui-

to menos havia uma legislação adequada. Fatalmente, haveria o conflito com os trabalhadores, já que o baixo nível tecnológico da produção era suprido com longas jornadas de trabalho, sob condições precárias e com baixos salários. Em 1920, o operário paulistano trabalhava dez horas diárias para receber 4 mil réis (equivalente a US\$ 0,60). Não havia férias, aposentadoria, adicional noturno ou descanso semanal. Mulheres e crianças desempenhavam as mesmas funções dos homens, porém, recebendo menores salários.

As inspirações europeias não fomentaram somente ações da elite, mas também as mobilizações, organizações e movimentos políticos agora dos trabalhadores, já que muitos deles, imigrantes insatisfeitos com as condições de trabalho, organizaram-se em movimentos políticos, disseminaram seus ideais e reivindicações em publicações de cunho anarquista, comunista e socialista, na luta por salários dignos, turnos humanos e condições de trabalho salubres.

Após diversos ensaios, em julho de 1917, irrompe em São Paulo uma greve geral, na indústria e no comércio. A paralisação de 70 mil operários atingiu a produção de indústrias predominantes, como tecidos, chapéus, sapatos, móveis, fósforos, parafusos, cerveja, farinha, etc. Era a primeira greve geral de um Brasil que resistia a mudanças sociais.

Os grevistas constituíram o Comitê de Defesa Proletária, composto de lideranças sindicais e associações populares, que pretendia unificar um programa de reivindicações: aumento salarial, proibição de trabalho de menores de 14 anos, abolição do trabalho noturno de mulheres e menores de 18 anos, garantia de trabalho permanente, jornada de oito horas, libertação dos grevistas presos e permanência no emprego dos participantes da greve. As reivindicações foram interpretadas pelos industriais e pelos políticos como manifestações anarquistas, portanto receberam tratamento truculento – que, por parte dos grevistas, também revidaram com truculência – deixando um saldo de 200 mortos em cinco dias de enfrentamento.

Podemos considerar que o caráter da nascente industrialização trazia a racionalidade produtiva, na repetição seriada de produtos, com um mínimo de ornamentação, algo que servia de inspiração às correntes artísticas europeias, no início do século 20 – futurismo, estruturalismo e neoplasticismo, que serviram de expressão em artistas como Léger, Mondrian, Marinetti e outros.

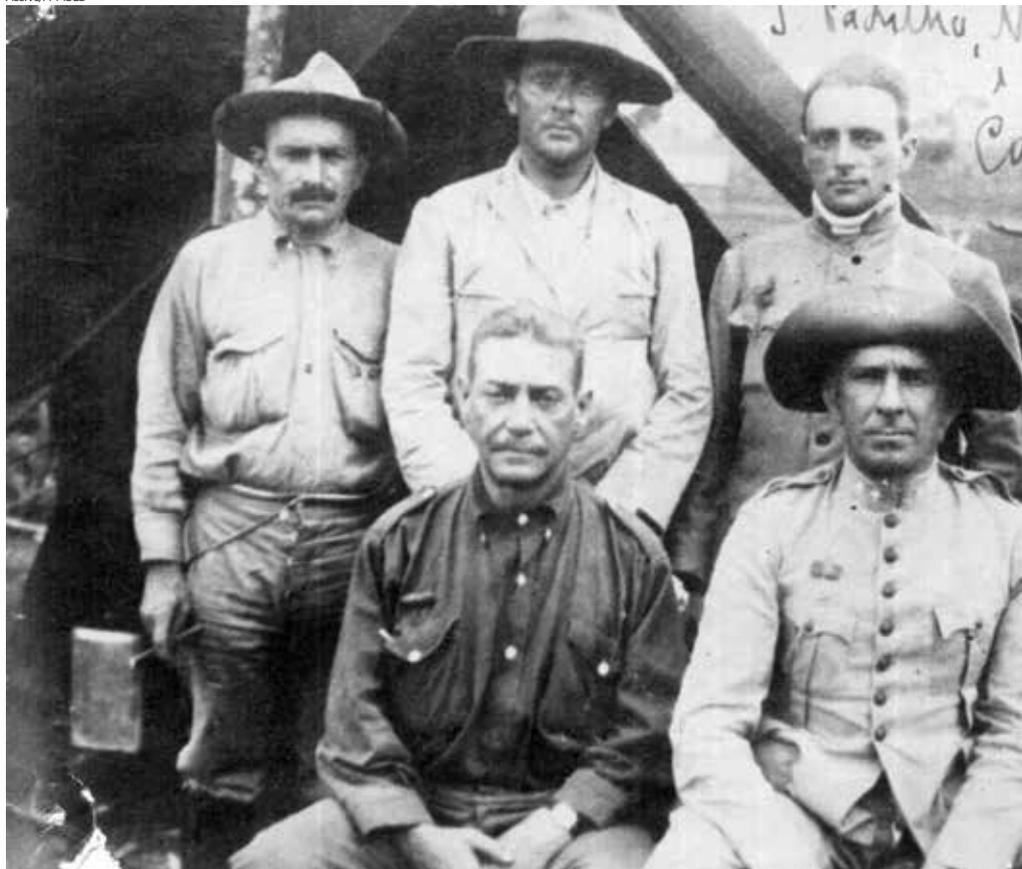
Entretanto, o Movimento Modernista ansiado pelo Grupo dos Cinco, que buscava uma identidade e expressão nacional, não poderia ignorar as transformações, não somente nas artes, mas na educação, na política, no

crescimento urbano e na economia, uma vez que era contemporâneo da fundação do Partido Comunista, do tenentismo, da Escola Nova, entre outras visões de renovação otimista e visionária, de um progresso contínuo que se livraria de amarras do passado, por se lançar vanguardista, a um mundo de velocidade, em carros, trens e aviões, chorinho, samba, jazz, discos e rádios.

Novamente as ondas concêntricas atingiriam o território de São Caetano, desta vez com a sensação de perigo iminente, o som ensurdecedor e a proximidade da morte, conduzida pelos trilhos do trem, como aquela que atingira Anita Malfatti nas proximidades da Barra Funda, quando a pedra lançada pelo Tenentismo traria bombas, mortes e tropas ao subúrbio, na Revolta de 1924. Se na Primeira Guerra Mundial os jovens do subúrbio, filhos de imigrantes italianos, foram à guerra, agora o cheiro de sangue e pólvora alcançaria o território de São Caetano com mortos, feridos e refugiados.

Fevereiro de 1922 marcou o manifesto artístico, no Theatro Municipal, na procura de uma modernização; julho de 1922 seria marcado por uma revolta espalhada pelas ruas, em uma manifestação de reorganização política, engendrada por militares de média e baixa patente, a partir do evento chamado “Os 18 do Forte”. Estes revoltosos buscavam se distanciar de um mili-

Acervo/FPMSCS



tarismo de herança aristocrática que dava suporte a um modelo político viciado, baseado no coronelismo, voto de cabresto e a alternância presidencial entre políticos mineiros e paulistas. A revolta destes 18 revoltosos derrotados, do Rio de Janeiro, ecoaria em São Paulo dois anos depois, em tons mais altos e abrangentes.

Uma vez que São Paulo sediara a primeira Greve Geral, em 1917, pareceria lógico sediar a revolta também nesta capital, em 1924. Esses militares, ressentidos com as consequências de 1922, retomaram o levante em um segundo capítulo do tenentismo, quando ainda pretendia destituir o governo de Arthur Bernardes – agora contando com as articulações dos trabalhadores

paulistanos. Sonhavam em ocupar as ruas, nelas abrir trincheiras, sublevar quartéis, ocupar o Palácio do Governo e organizar uma marcha revolucionária em direção ao Rio de Janeiro.

Não por acaso, na mesma data do Levante do Forte de Copacabana, em 5 de julho de 1924, a população da cidade de São Paulo foi surpreendida pelo troar de canhões. Bombas foram dirigidas à Estação da Luz e ao bairro dos Campos Elísios, onde se situava o Palácio do Governo. Os bombardeios também atingem os bairros da Luz, Campos Elísios, Bom Retiro e Santana – todos nas imediações de quartéis.

A reação federal não demoraria e, em 6 de julho, desembarcam em Santos três mil militares, que,



Participantes do Movimento Revolucionário de 1924. Foram identificados, a partir da esquerda: General Padilha, Miguel Costa, Álvaro Dutra, Estillac, Djalma Dutra e Simas Eneas

subindo a serra pela linha férrea, demarcam uma linha de trincheiras ao sudeste da capital, desde o Cambuci, Ipiranga, Sacomã, Vila Mariana, Aclimação até a Penha – onde Carlos de Campos, presidente do Estado de São Paulo, se refugiara após o bombardeio do palácio. São Caetano e seu território seriam a linha demarcatória da legalidade.

A cidade de São Paulo, ocupada e em luta, tinha trincheiras nas ruas, edificações destruídas, incêndios, paralisações de transporte dos bondes e automóveis, saques e desordens, devido à falta de policiamento – agravado pela falta de perspectiva de um encerramento do conflito.

Os movimentos de contestações às oligarquias, seja pelos

militares, seja pelos modernistas, se unem ao crescimento urbano e sua industrialização em mobilizações inéditas para as elites. Lança-se uma nova ordem social que se traduzia na palavra moderno: revolução tecnológica, direitos trabalhistas, anarquismo, imigração, comunismo, enfim, chegava com um certo atraso, apesar da nossa independência do regime colonial, o processo de ruptura com antigas instituições, consequências de um Brasil em processo de urbanização, que deflagraria mudanças a partir da Revolução de 1930.

São Caetano sentiria os efeitos de uma guerra civil, já que seria a sede do quartel general, articuladora das frentes de combate, do acampamento das tropas e do hospital de campanha. A guerra chegou ao subúrbio, trazendo não somente bombardeios aleatórios, mas saques, incêndios, violências, metralhadoras e refugiados chegando da capital, instalando-se em barracas de lona, onde crianças e adultos buscavam se aquecer nas noites de um inverno que ainda umedecia em calafrios, de choro, medo e frio, agravados pela garoa paulistana. Os panfletos lançados pelos legalistas federais pediam que os civis abandonassem a cidade – pregavam a fuga sem se preocupar se tinham condições de se deslocar, se abrigar ou se alimentar nesta fuga.

Coincidentemente, também em um 28 de julho, as tropas



Retrato de Antonio Marron. Nascido em Capivari, em 13 de dezembro de 1909. Na ocasião da imagem, ele se encontrava na Revolução de 1924 e fazia parte do 4º Regimento de Artilharia Montada, na cidade de Itu, interior de São Paulo

revolucionárias abandonam a cidade. A Revolta de 1924 deixaria como saldo oficial mais de 500 mortos, quase 4.900 feridos, mais de 174 mil socorridos e 200 mil moradores deslocados – quase um quarto da população da cidade. Revoltosos vencidos se reorganizariam, rumando para a longa viagem da Coluna Prestes.

São Caetano, também aqui, não seria protagonista nesse evento, e como coadjuvante encenaria o rol de fundo tanto para os legalistas e os fugitivos, nos ritmados sons da guerra. Tal como Anita Malfatti, na Barra Funda, os moradores deste território vivenciaram o mesmo sentimento do descaminho e da insegurança, quando refugiados, moradores e militares, ouvindo as bombas e a metralha aproximaram-se dos trilhos do trem, na Estação São Caetano, e aguardaram a expectativa da fuga da realidade e da morte.

A sensação de perigo iminente, o som ensurdecedor e o deslocamento da realidade impõem, também aqui, a participação marginal destes figurantes, tal como Anita, no descaminho da insegurança do que lhes reserva a nova realidade. Um futuro diferente se descortina, a modernidade que os atinge em cores, ao som da



Granada manual, utilizada na Revolução de 1924, doada por Maria D'Agostini



Casca de bala de canhão da Revolução de 1924, doada por Helena Botteon Berno



Bomba de arremesso aéreo, encontrada em São Caetano por Nelson Lucizano, em 1924

guerra e ao odor da pólvora, surge em velocidade de trens blindados, canhões e bombardeios. O subúrbio não seria idílico.

Estas vagas memórias integram o registro fugaz do evento, como o Cinema Central, na Rua Perrella, que sediaría o hospital de campanha, com feridos acolhidos em colchões espalhados no chão; o pontilhão sobre a estação que estava sob vigilância constante de uma metralhadora; no terreno baldio contido pelas ruas Santo Antônio, Pernambuco e Conselheiro Antônio Prado (ainda ele), hoje campus da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, seria o acampamento das tropas legalistas; junto ao Rio Tamanduateí com a atual Avenida Conde Francisco Matarazzo estas tropas realizavam exercícios e manobras; a sepultura esquecida de oficiais legalistas no Cemitério da Vila Paula; os moradores acusados de anarquistas presos pelas tropas legalistas; as lembranças familiares de moradores feridos junto às trincheiras na Vila Carioca, confundidos com revoltosos; ou mesmo dos moradores de São Caetano que se aproveitaram da situação para saquear armazéns no Ipiranga.

O silêncio das nossas memórias tem profunda relevância, já que os subúrbios são desvestidos de narrativas épicas, nas palavras de José de Souza Martins:

“A vida local transcorria como se ali não ocorresse História, como se o seu espaço estivesse à margem da História.” (...) “Na história local e cotidiana estão as circunstâncias da História. É nesse sentido que a história do subúrbio é uma história circunstancial”. (Martins, 1992 p.13)

No olhar rápido e imediatista, da grande História, dos projetos pedagógicos e do interesse nacional, se apresentam em relatos factuais, servem para demarcar e se ilustram na imagem dos

grandes heróis. Porém, ela ignora as interações dentre estes eventos e os pequenos personagens cotidianos, aqueles que compõem o cenário ao fundo, periférico. Estes relatos, oficiais, ganham corpo e profundidade quando compomos a cena em profundidade de campo, permitindo que participe, em contraponto, o elemento local – aquele que, de princípio, aparece como insignificante e ausente. Ele é justamente quem enriquece a cena com os sentidos de falha, que nos faz humanos e falíveis, aquilo que os grandes próceres não oferecem.

O território de São Caetano será um “ponto cego” (aquele que não enxerga, quando lhe faltam as células fotorreceptoras da retina) somente para aqueles imbuídos de uma perspectiva generalista e distorcida, pela exterioridade polida e ereta, que reveste a aparência dos heróis. Para aqueles que vivem o cotidiano, através do seu olhar marginal, transparece o sentido da História, atingidos pelas vagas de ondas concêntricas de pedras longínquas. ■

Referências Bibliográficas

- LOPES, Tabita Tiede. *A família Prado em São Paulo: imigração e branqueamento em fins do século XIX*. I Seminário Internacional Brasil no Século XIX, 2007.
- MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros e Empreendedores - A Saga do Desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2003.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha*. São Paulo: UNESP, 1992.
- _____. *Diário de Fim de Século*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
- NETO, Diósnio Machado. *A Semana de 22 através de uma viagem pelo interior de São Paulo*. I Congresso de Musicologia Histórica de Ribeirão Preto Linguagens Musicais e Linguagens da Música.
- SILVA, Ana Lucia TV Ramos da; ROCHADEL, Elisabeth. *A semana da Arte Moderna e a Crise dos Anos 20*. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 7, nº 1, 2, p. 63-72, 1981.
- TOLEDO, Roberto Pompeu de. *A capital da vertigem: uma história de São Paulo de 1900 a 1954*. São Paulo: Objetiva, 2015.
- TOLLIPAN, Sergio et al. *Sociedade e modernização: o Brasil dos anos 20*. Sete ensaios sobre o modernismo. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983, p. 9-12.
- WALDMAN, Thais Chang. *A São Paulo dos Prados. Ponto Urbe*. *Revista do núcleo de antropologia urbana da USP*, nº 13, 2013.

Enrique G. Staschower

é arquiteto graduado pela Universidade Braz Cubas, mestre em Culturas e Identidades Brasileiras, pelo Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, doutorando em Mudanças Sociais e Participação Política da Universidade de São Paulo. Membro do grupo de pesquisa CAPES/Mackenzie Arquivo Memória e Cidade. Pesquisador e docente no curso de Arquitetura e Urbanismo da Fundação Santo André. É autor dos livros *Arquitetura Brasileira - da Arquitetura Colonial às Divergências no Modernismo e Arquitetura e Urbanismo - Paisagismo de Jardins e Plantas Ornamentais*. É conselheiro do Conselho Municipal de Política Urbana de São Paulo (CMPU) e do Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arquitetônico, Urbanístico e Paisagístico de Santo André (Comdephapaasa).

Coronel Bonifácio de Carvalho, um amigo da educação no antigo distrito de São Caetano

 Rodrigo Marzano Munari

O NOME DO CORONEL BONIFÁCIO DE CARVALHO é certamente um velho conhecido de boa parte dos moradores de São Caetano do Sul. Inúmeros estudantes já transitaram pelos corredores e salas do colégio que carrega esse nome desde a década de 1950, quando se concretizou o muito desejado plano da implantação de um ginásio estadual em São Caetano, que ainda dava os seus primeiros passos como município.¹ Poucos sabem, entretanto, quem foi o homem cujo nome seria dado à escola, o coronel Bonifácio Paulino de Carvalho, que tanto zelou pelos interesses da localidade quando ela ainda não passava de um distrito da cidade de São Bernardo do Campo.

O futuro coronel Bonifácio nasceu em 3 de janeiro de 1875 na cidade de São Bento do Sapucaí. Oriundo de família tradicional paulista, fortemente entrelaçada com elementos provenientes da antiga cidade de Pindamonhangaba (no Vale do Paraíba), ele era um dos filhos de Bonifácio Paulino de Carvalho e Pureza Marcondes Cesar, segundo os *Subsídios Genealógicos* escritos por Carlos da Silveira e apresentados pelo *Correio Paulistano* em 1940.² De acordo com um perfil biográfico publicado a seu respeito no *Jornal de São Caetano*, em edição de 29 de julho de 1950, o coronel Bonifácio, oficial da reserva do Exército Nacional, fez seus estudos primários na Escola Paroquial de sua terra natal e os de humanidades no Seminário Provincial de São Paulo. Farmacêutico de profissão, residiu por muitos anos em São João da Boa Vista, onde desempenhou funções de destaque na sociedade local e onde seu nome se acha ligado a importantes empreendimentos. Exerceu diversos cargos públicos, tendo se aposentado na posição de diretor do Gabinete de Psicologia Experimental da Escola Normal do Brás, depois denominada Padre Anchieta, na capital de São Paulo.³

Esse ilustre coronel passou a integrar o rol das “personalidades históricas” de São Caetano

por sua ligação com o primeiro e pouco lembrado movimento autonomista, que pretendia, pelos idos de 1928, promover a separação político-administrativa dessa localidade em relação a São Bernardo. Por intermédio do Partido Municipal de São Caetano, ligado ao Partido Republicano Paulista (PRP) – que foi o agrupamento político dominante no Estado de São Paulo durante toda a República Velha (1889-1930) –, Bonifácio de Carvalho, Armando de Aruda Pereira e outros membros do diretório local propugnavam a emancipação do distrito e convocavam a população a alistar-se – dispondo para isso de sua sede na Rua Rio Grande do Sul, nº 7 – para votar nos candidatos a juiz de paz e vereador residentes na localidade e, além disso, para engrossar o número de votos de que podiam dispor os candidatos do PRP nas eleições presidenciais.⁴

Além dessa atuação política, que não surtiu todos os efeitos desejados, visto que a autonomia político-administrativa do distrito só seria alcançada cerca de 20 anos depois (após o plebiscito de 24 de outubro de 1948), o coronel Bonifácio teve papel de relevo na fundação do Centro Cívico de São Caetano, cujos resultados no campo da instrução pública seriam logo colhidos pela infância são-caetanense da época.



Retrato do coronel Bonifácio Paulino de Carvalho, cujo nome fora dado, em 1950, ao primeiro estabelecimento público de ensino secundário da cidade

No *Correio Paulistano* de 16 de novembro de 1925, foi noticiado o fato da convocação do eleitorado local para uma reunião que se realizou, na noite de 9 daquele mês, na Sociedade Príncipe di Napoli, a fim de tomar parte nos trabalhos de organização do referido Centro Cívico. A reunião fora convocada por uma comissão composta por Constantino de Moura Baptista, Bonifácio de Carvalho, Accacio Novaes, José Paolone e Armando de Aruda Pereira, com a participação de 118 eleitores e grande número de pessoas ainda não incluídas no alistamento, os quais debateram

a respeito dos estatutos em elaboração e elegeram uma diretoria para a agremiação. Esta tinha por escopo primordial o “progresso material, cívico e social” do distrito, servindo-se para tanto de alguns meios, “tais como a intensificação do alistamento eleitoral, o auxílio mútuo e a necessária coesão de todos os elementos político-sociais, a fim de tornar-se – como intérprete do pensar e do sentir do eleitorado – defensor dos seus direitos e porta-voz dos seus anseios” junto às instâncias de poder, “contribuindo assim para a pujança de S. Caetano”.⁵

O acanhadíssimo “setor educacional” do distrito de São Caetano, na década de 1920, foi talvez o maior beneficiário das ações do Centro Cívico. Um único exemplo poderá demonstrá-lo com clareza. Uma justificação apresentada por essa entidade ao governo estadual, em maio de 1926, em relação à necessidade de mais um grupo escolar na localidade (que já possuía o Senador Fláquer, na época denominado 2º Grupo Escolar de São Bernardo, no Bairro da Fundação), resultou na criação, em julho do ano seguinte, de uma nova escola primária em um casarão da Rua Monte Alegre (no atual Bairro Santo Antônio).⁶ Tratava-se do 2º Grupo Escolar de São Caetano, que, a partir de 1947, passaria a denominar-se Bartolomeu Bueno da Silva.⁷ O jornal *A Gazeta*,



Arquivo/FPMSCS

Fachada do 2º Grupo Escolar de São Caetano, criado em 1927 graças à colaboração do coronel Bonifácio e de outros “amigos da educação”. A escola, que anos depois seria denominada Bartolomeu Bueno da Silva, localizava-se na Rua Monte Alegre

em edição de 2 de dezembro de 1927, publicou um belo testemunho acerca do desfecho do primeiro semestre letivo desse grupo escolar, que foi uma vitória da união de esforços da comunidade e, em particular, de alguns “amigos da instrução”, entre os quais estava o nosso coronel Bonifácio:

Só mesmo a vara de condão do moderno professor paulista seria capaz de revelar ao povo de São Caetano os milagrosos efeitos da hodierna educação, apresentando em menos de seis meses de funcionamento do Grupo Escolar do Monte Alegre, os esplêndidos resultados de um trabalho inteligente e profícuo.

Sim, causou verdadeira admiração a todos quantos tiveram a ventura de assistir à festa de encerramento do ano letivo dessa casa de ensino, levada a efeito no “Cine-Parque”, o modo miraculoso com que foram preparados, em tão pouco tempo, os pequeninos escolares, crianças estrangeiras na totalidade, que ainda este ano mal falavam a nossa língua, mostraram-se em cânticos e recitativos pátrios, tão bons brasileiros, tão amantes da nossa terra e da nossa bandeira, como os que tiveram a graça de aqui nascer.

É que o professor João Ayres, diretor, com a ajuda valiosa de brilhante corpo docente, não poupou esforços para a consecução dos fins a que se destina o estabelecimento que proficientemente dirige. Como bem disse, durante a festa, em magnífico discurso, o professor Augusto Ribeiro de Carvalho, digno inspetor especial do ensino,

“o seu trabalho em prol da educação das crianças do Monte Alegre, verdadeira vitória das boas causas, foi o coroamento feliz dos esforços de três amigos da instrução, os srs. coronel José Augusto Leite Franco, presidente do Diretório Político do Município, dr. Armando de Arruda Pereira e coronel Bonifácio Paulino de Carvalho, diretores do Centro Cívico de São Caetano, que não mediram sacrifícios, a fim de conseguir do benemérito governo do Estado a criação de mais um grupo escolar nesta localidade, integralizando a nossa nacionalidade cerca de quinhentas crianças, que jaziam na ignorância por falta absoluta de escolas”.⁸

O coronel Bonifácio de Carvalho faleceu em 15 de julho de 1947, aos 72 anos de idade, na capital paulista, sendo enterrado no Cemitério da Consolação. Não chegou a ver concretizada a autonomia do distrito de São Caetano, uma causa a que tanto se afeiçoara. O seu legado, entretanto, vai muito além das ideias que sustentara e das realizações que empreendera. Na seção de obituários do *Correio Paulistano* de 16 de julho, lê-se que o coronel Bonifácio, viúvo da professora Maria Amelia Novaes de Carvalho, deixara sete filhos, todos identificados como professores: Olavo, Otavio, Paulo, Aurea, Tilda, José Bonifácio e Iolanda.⁹ Essa prole foi decerto o legado maior deixado por uma vida que elegera a educação como uma das principais vias para o “progresso” e a transformação social. ■

Notas

¹ Instalado provisoriamente nas dependências do Grupo Escolar Senador Flaquer, no Bairro da Fundação, o Ginásio Estadual de São Caetano do Sul foi criado em 1950 e, nesse mesmo ano, recebeu a denominação de “Coronel Bonifácio de Carvalho”, mudando-se para seu atual endereço em março de 1958. Cf., a respeito, ORTEGA, Cristina. 60 Anos de História. Os velhos e novos tempos da Escola Estadual Coronel Bonifácio de Carvalho. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 41, pp. 39-43, jul. 2010.

² CORREIO PAULISTANO, São Paulo, ano LXXXVI, n. 25.722, 12 jan. 1940, p. 4. Disponível em: Hemeroteca Digital Brasileira: <http://bdigital.bn.br/hemeroteca-digital/>, a cujo acervo pertencem os periódicos citados a seguir, com exceção do *Journal de São Caetano*.

³ JORNAL DE SÃO CAETANO, São Caetano do Sul, ano V, n. 140, 29 jul. 1950. Acervo da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul (FPMSCS).

⁴ Ver, a respeito, A GAZETA, São Paulo, ano XXIII, n. 6.953, 30 mar. 1929, p. 7; e o CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 23.631, 14 ago. 1929, p. 4.

⁵ CORREIO PAULISTANO, São Paulo, n. 22.383, 16 nov. 1925, p. 5.

⁶ DIÁRIO DA NOITE, São Paulo, ano III, n. 855, 27 jul. 1927, p. 7.

⁷ A respeito da história dessa escola, cf. EMEF Bartolomeu Bueno da Silva: 85 anos de ensino. *Raízes*, São Caetano do Sul, n. 45, pp. 36-39, jul. 2012.

⁸ A GAZETA, São Paulo, ano XXII, n. 6.550, 2 dez. 1927, p. 2.

⁹ CORREIO PAULISTANO, São Paulo, ano XCIV, n. 27.999, 16 jul. 1947, p. 11; JORNAL DE NOTÍCIAS, São Paulo, ano II, n. 384, 23 jul. 1947, p. 6.

Rodrigo Marzano Munari é historiador. Bacharel, licenciado e mestre em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), onde é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Social. É autor do livro *Deputados e delegados do poder monárquico* (Intermeios, 2019) e coautor do livro *70 Anos de História da Educação em São Caetano do Sul* (Fundação Pró-Memória, 2021). É membro da Comissão Pró-Memória Histórica da Diocese de Santo André.

Acervo Sérgio Miliani



Inês Moretto Miliani com os filhos Marcelo Henrique (esquerda) e Márcio Roberto, na Praia Grande, na década de 1970

Inês Moretto Miliani com os filhos Marcelo Henrique, Márcio Roberto e Kléber (no colo), na residência da família, na Rua Tenente Antonio João, em foto de 1979



Lua de mel de Antonio Benedicto Migliani e Edewirges Cândido Migliani, em Aparecida do Norte, em dezembro de 1962



20

anos em

20

exposições

E outros marcos...

Paula Fiorotti

JÁ SÃO 20 ANOS DE HISTÓRIA. Foram momentos memoráveis nessa trajetória. Além de manter um calendário de exposições, a Pinacoteca Municipal desenvolve uma série de projetos que promovem o contato direto com a população. Isso acontece por meio de oficinas, palestras e atividades de ateliê. Para promover a reflexão sobre arte, realiza encontros com artistas, pesquisadores e professores.

Para celebrar esse aniversário apresentamos uma linha do tempo que nos traz 20 anos de história em 20 exposições, com alguns outros marcos importantes dessa trajetória. É apenas uma pequena amostra. São muitas exposições, muitos projetos, programas e muita gente envolvida, entre artistas e público.

Deixamos aqui registrado o nosso agradecimento a cada um que contribuiu com a Pinacoteca: colaboradores, artistas e visitantes. Cada um tem parcela muito importante no desenvolvimento da instituição.

2002

No dia 18 de abril de 2002, a Pinacoteca Municipal foi inaugurada, como parte do Complexo Educacional do Ensino Fundamental. O prédio passaria a abrigar, ainda, a sede administrativa da Fundação Pró-Memória e o Centro de Documentação Histórica. A exposição *Retrospectiva 2002 – Onze anos de Salões de Arte em São Caetano do Sul* deu início ao calendário de exposições da instituição, apresentando

obras dos Salões de Arte Contemporânea realizados na cidade entre as décadas de 1960 e 1980.

“Era a conclusão de uma história iniciada nos idos de 1967, com a primeira edição do Salão de Arte Contemporânea. Naquele momento, já se idealizava a criação de um museu de arte que abrigaria a coleção de obras, formada a partir das obras agraciadas com o prêmio aquisição. Onze salões foram realizados, de forma não con-

secutiva, até 1988. (...) Dos salões de arte restaram obras da maior qualidade, representativas de um período bastante expressivo do cenário artístico nacional. (...) Assim nasceu a Pinacoteca Municipal, herdeira dos sonhos de ideais de uma geração de pioneiros da cultura sul-sancaetanense.”

Trecho retirado do artigo *Dez anos com arte: a trajetória da Pinacoteca Municipal*, de autoria de Monica Iafrate e João Alberto

Tessarini, publicado na revista *Raízes* nº 45, de julho de 2012

Em 2002, foi criado o projeto *Diálogos - O Artista e sua Obra e o Artista e seu Tempo*, que tinha o objetivo de estabelecer um paralelo entre as obras antigas e as mais recentes produções dos artistas com obras no acervo da Pinacoteca, participantes dos salões de arte contemporânea. O primeiro artista convidado foi Sinval Correia Soares (foto).

A vocação educacional e de democratização do acesso à arte e ao patrimônio foi assumida com a criação do programa *Aprendendo a Ver*.

Destinado a todos os públicos, principalmente escolar e pessoas com deficiência, tinha o objetivo de facilitar e promover a interação com a arte, colaborando para a formação de um público apreciador e frequentador de espaços culturais.

Visitas orientadas por arte-educadores passaram a ter atividades educativas realizadas no **ateliê pedagógico** da Pinacoteca, que, a partir de 2002, começou a funcionar em uma sala contígua ao salão de exposições.



2003



A *1ª Vitrine - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul* marcou o ano de 2003. O projeto, que está em sua sétima edição, foi criado com o objetivo de fomentar e divulgar a produção artística da cidade, além de aproximar os artistas e produtores de arte de São Caetano e revelar novos talentos. Até hoje, por meio desta iniciativa, cerca de mil obras de artistas da cidade já foram expostas na Pinacoteca. Ao todo, foram mais de 440 inscrições.

Afinada com as recomendações internacionais para preservação de patrimônios artísticos, a Pinacoteca Municipal inaugurou, em 2003, sua **Reserva Técnica**. Ocupando uma sala de 35 m², com janelas protegidas por filtro solar e sistema de ar condicionado e desumidificador, conta com 20 trainéis para disposição das obras.



2004



A mostra *Sacilotto - Obra Gravada Completa*, de 2004, contou com 35 serigrafias e três litogravuras, além de 12 gravuras reproduzidas em relevo pelo artista plástico Alfonso Ballesteros, que compuseram o percurso tátil da exposição. Inclusiva e voltada a pessoas com deficiência, fez uma retrospectiva da arte concreta. Duas maquetes de obras públicas de Sacilotto integraram a mostra.



2005



Na imagem à esquerda, vemos Maria Bonomi, uma das artistas mais consagradas do Brasil na arte contemporânea, ao lado de Roberto Gyarfi. Na ocasião, em abril de 2005, ela estava visitando a exposição *Gravura - Arte e Técnica*, em cartaz na Pinacoteca. Com curadoria de Gyarfi, mestre impressor que trabalha com gravuras desde 1973, apresentou 63 obras. Na data, Maria Bonomi ainda realizou uma palestra sobre arte pública.

2006



A exposição *Antonio Lucio Pegoraro – pequena retrospectiva* apresentou 37 obras do artista que deu nome à mostra. Autodidata e morador de São Caetano desde 1968, Pegoraro tem como marca o uso de cores fortes e intensas. Com forte personalidade, transmite emoção e intuição com pinceladas fortes e marcantes.

Este ano foi marcado pela edição do livro *Pegoraro* (foto), baseado na vida e obra do artista plástico. Primeira publicação da instituição com temática das artes visuais, foi escrito por André Caram e Neusa Schilaro Scaléa, então colaboradores da Fundação Pró-Memória.

2007



Mais um projeto envolvendo artistas de São Caetano do Sul aconteceu em 2007, com a exposição *Curto-circuito*. No total, 53 moradores da cidade participaram. O nome *Curto-circuito* foi escolhido para simbolizar a ideia da exposição coletiva dos artistas do município, que formam um pequeno circuito de artes dentro de São Caetano.

2008



Em 2008, a Pinacoteca recebeu sua primeira mostra internacional. Trata-se do evento *Aquarela Internacional São Paulo 2008*, idealizado pelo Núcleo de Aquarelistas da Faculdade Santa Marcelina e pela Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre Papel. Duas das exposições foram realizadas na Pinacoteca de São Caetano, envolvendo cerca de 40 artistas, de diversos países.



2009



Muitas cores, volumes e formas marcaram o ano de 2009, com a exposição *Polis Pedacos*, do artista plástico João Alberto Tessarini, que se tornaria, posteriormente, colaborador da Fundação Pró-Memória. Tessarini usou suas técnicas artísticas para uma reflexão das questões sociais. A exposição levou, ainda, a uma visita poética ao passado e à infância, com a apresentação de 37 obras, entre xilogravuras, pinturas a óleo, instalações e montagens interativas.

2010



O grafite tomou conta das paredes da Pinacoteca em 2010 com a exposição *Território Livre*. Os trabalhos, assinados por Célio Rosa, Fabrício PB, Job Leocádio, Jorge Tavares e Numa Jr., foram feitos exclusivamente para a mostra e produzidos no local. A criatividade e muitas cores invadiram o salão expositivo, provocando uma reflexão sobre a arte pública.

2011



Ilustrações, reproduções de desenhos, técnicas de colagem e pintura, esculturas, algumas obras bidimensionais, outras tridimensionais, cores, texturas, volumes e retratos integraram a exposição *São 7*, uma das mostras de 2011 da Pinacoteca. A mostra reuniu sete artistas da cidade e da capital. Alan Cassiano, Ariel Spadari, Bruno Manzoti, Edmar Osti, Edna Osti, Gabriela Tondatto e Tiê Pilger mostraram sete histórias e interessantes maneiras de fazer arte.

2012



Em 2012, foram comemorados os dez anos de atividades da Pinacoteca Municipal, com a exposição *Pinacoteca 10 anos – Artes Visuais em São Caetano do Sul*. Nesta mostra, por meio de uma coletânea de obras dos Salões de Arte Contemporânea, somada a outras doadas ou adquiridas pela Pinacoteca, foi possível, além de comemorar o aniversário, celebrar a arte permitida – as múltiplas visões propostas pelos artistas.



2013

Uma das exposições abertas em 2013 foi *ANITA – Gravadora*, em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Foram expostas 21 obras de gravura em metal de Anita Malfatti, uma das mais importantes artistas brasileiras, com participação fundamental na Semana de Arte Moderna de 1922.

Nesse ano, as atividades pedagógicas de apoio às exposições da Pinacoteca passaram a acontecer no **Espaço Cultural – Casa de Vidro**. Localizada na Praça do Professor, abriga exposições, palestras, oficinas e demais eventos. O local também é sede do Ateliê Pedagógico, que promove experimentações com gravuras, desenhos, papel artesanal e outras técnicas artísticas, primeiramente por meio do projeto *Sextas com Arte*, depois denominado de *Mais Arte*.

O programa de ação educativa da Pinacoteca Municipal passa a ser denominado *Agir e Interagir – Arte e Criação*. O ano de 2013 também marca o início do projeto *Encontro com o Artista*, que promove conversas informais com artistas sobre obras expostas naquele momento. O primeiro a participar foi Flávio Abuhab.



2016

Dois dos mais importantes artistas brasileiros da atualidade aportaram em São Caetano, mais precisamente na Pinacoteca Municipal, no ano de 2016. As formas e cores de Claudio Tozzi e o vigor e os volumes de Caciporé Torres reuniram-se nas mostras *Claudio Tozzi – Diálogos* e *Punhos de Aço – Caciporé Torres*. Um dos ícones da pop art brasileira, Tozzi veio com 20 obras em acrílica sobre tela e madeira. Ferro, aço, inox e bronze foram os materiais utilizados por Caciporé nas 19 esculturas que integram a mostra.



2014

Com o objetivo de mostrar o trabalho de artistas cujos conhecimentos e técnicas foram passados através das gerações, a exposição *Triplopia – Gregório Gruber, Lucio Tamino e Lorena Hollander* apresentou obras do artista plástico, pintor, escultor, gravador e desenhista Gregório Gruber e de seus dois filhos. Foram expostas cerca de 80 obras, com três temas principais: a paisagem – urbana ou natural –, a música e a política.

Projeto pioneiro e inovador no município, desenvolvido pelas arte-educadoras Nair Duarte e Fabiana Cavalcante, o programa *Arte como Apoio Terapêutico* teve início em 2014. É uma ação continuada, em parceria com os Centros de Atenção Psicossocial (Caps) AD e Geral, e unidades municipais de saúde, oferecendo atividades tanto no espaço expositivo da Pinacoteca como no espaço do ateliê pedagógico.

2015

Uma parceria com o Sesc São Caetano marcou o ano de 2015. A exposição *Eu vi uma História*, que ocupou a Pinacoteca e a Casa de Vidro, foi composta por 43 obras pertencentes ao Acervo Sesc de Arte Brasileira, que se dividiam entre pinturas, gravuras, esculturas e geringonças de importantes artistas populares brasileiros, como Mestre Molina e J. Borges, entre outros. O projeto curatorial incorporou elementos de mediação, como jogos, contações de histórias e oficinas.



2017



Tendo a natureza como ponto de partida, os artistas Ken I Chi Kaneko e Bia Doria dividiram o espaço expositivo da Pinacoteca, em 2017, na exposição *Contrastes*. Por meio de 52 obras, (36, de Kaneko e 16, de Bia), a mostra ressaltou a individualidade de cada artista através de suas diferenças, em diversas formas de perceber e transformar a natureza em linguagem artística. Na imagem, Kaneko bate papo com alunos da EMEF Elvira Paolilo Braido.

2018



Os primeiros 50 anos - Exposição comemorativa da Escola de Artes Visuais da Fundação das Artes trouxe um panorama, por meio das obras selecionadas, dos momentos relevantes da trajetória da Fundação das Artes, que completou 50 anos em 2018. A mostra contou com a participação dos artistas orientadores da Escola de Artes Visuais da instituição, e também com obras de ex-alunos.

2019



Com cerca de 50 obras, a exposição *Rubens Ianelli – Passagens, de 2019*, apresentou esculturas, instalações e aquarelas, de um artista múltiplo, que permitiu ao visitante caminhar por referências modernistas, construtivistas e indígenas.

Neste ano, aconteceu a **ampliação da Reserva Técnica** da Pinacoteca, com a aquisição de novos trainéis e outros mobiliários para salvaguarda das obras do acervo. Atualmente, o inventário de obras está sendo atualizado e o novo local será inaugurado em breve.

2020



Composta por 77 trabalhos produzidos nos anos de 2014 a 2019, entre cerâmicas, bronzes, desenhos, gesso, ceras e moldes do artista Israel Kislansky, a mostra *As Bacantes*, aberta em 2020, nos trouxe o exímio domínio escultórico do artista na modelagem em cerâmica e na fundição, que abordou o universo do corpo, sobretudo o feminino, em suas obras.

2021



Duas exposições simultâneas na Pinacoteca marcaram o ano de 2021. *Aquarelas & Aquarelas, uma conexão além do Atlântico* e *Dos Momentos e das Alegrias* coroaram os 14 anos de parcerias com a ABA (Associação Brasileira de Aquarela e da Arte sobre o Papel) e a IWS Brazil (Internacional Watercolor Society). Foram expostas cerca de 80 obras, no total, de artistas portugueses e brasileiros.

2022



A exposição *O Corpo do Tempo, da Psique e a Voz* apresentou, em 2022, obras de 20 artistas mulheres atuantes na região do ABC, além de trabalhos de mais 20 artistas que são parte do acervo da instituição. O convite foi para que os visitantes refletissem sobre a pluralidade da produção feminina nas artes, de suas técnicas, poéticas e olhares.

Apoio à pesquisa
Nina Kuznetzow

▣ Marcos Eduardo Massolini

Paraísos musicais inesquecíveis:

as lojas de discos em São Caetano do Sul

Acervo/PMSCS



Carlos Rolando Belruss, à direita, proprietário de uma loja de discos em São Caetano do Sul. Foto de 1980

PARA QUEM SEMPRE FOI, como eu, um apreciador voraz de música – companheira fiel vida afora – adentrar uma loja especializada, apinhada de lançamentos e clássicos devidamente gravados em discos (long-plays ou compactos) ou em fitas cassete, era um momento sublime e emocionante. Era um tempo em que *streaming*, Google e Youtube não existiam e localizar “aquela música que tocou no rádio ou na TV” era uma tarefa árdua e muitas vezes ingrata. Entre tentar ouvir de novo, sintonizando incessantemente o *dial* do rádio, ou pedir a ajuda de amigos, essa busca quase sempre tinha um final feliz nas salvadoras lojas de discos e, dependendo de quem estava por trás do balcão, o encontro com a música almejada podia vir com bônus, como curiosidades adicionais da carreira do artista ou detalhes técnicos sobre a gravação.

O disco, em si, só se tornou um objeto de adoração e colecionismo quando mudou de formato, velocidade e matéria-prima, a partir da década de 1950. Até meados dos anos 1940 o disco padrão, feito de goma-laca (a laca vem da secreção de um minúsculo inseto indiano) e cera de carnaúba, era pesado, frágil, com capacidade de, no máximo, cinco minutos de cada lado e velocidade de 78 rpm. Foi só em 1948 que a gravadora CBS/Columbia

apresentou um formato inédito e que se mostraria revolucionário: o *long-playing* (ou long play - longa duração), com microsulcos que permitiam uma maior quantidade de músicas de cada lado do disco e rotação de 33 1/3 rpm. Outra vantagem do novo produto – logo chamado pela abreviação LP –, que se mostraria duradoura, foi a troca da matéria-prima na produção: entrou na prensagem o vinil (PVC ou cloreto polivinílico), um polímero bem mais resistente do que a antiga mistura de goma e carnaúba dos 78 rpm vigentes. A RCA/Victor veio na cola da descoberta da CBS e um ano depois também lançou seus discos de vinil, primeiramente em formato menor (7 polegadas) e em 45 rpm (com qualidade sonora superior).

Esses primeiros lançamentos chegaram ao Brasil em conta-gotas, via importação. Alguns programas de rádio do período, principalmente de jazz e música clássica, alimentaram-se deles em sua programação ao vivo, mas a distribuição, de fato, era restrita e só entre aficionados. Os aparelhos aptos para tocar os LPs também chegavam em doses homeopáticas e só iriam se espalhar pelas classes sociais no final da década de 1960. No Brasil, toda essa revolução de formato, matéria-prima e velocidade demorou alguns anos para vingar, mas quando finalmente se firmou, virou febre. Na sempre “antenada” São Caetano do Sul, não foi diferente.

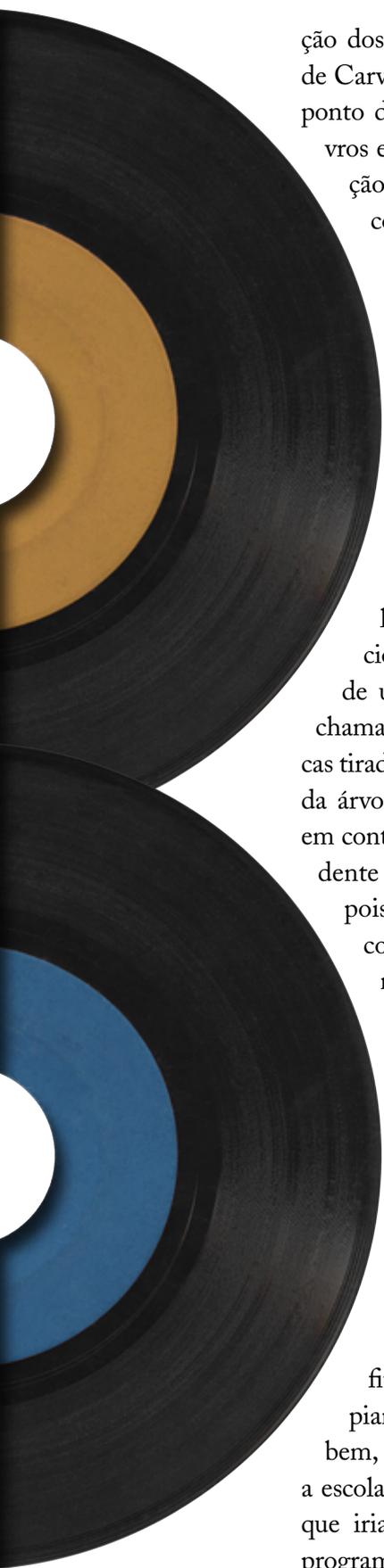
Um dos primeiros a vislumbrar, no município, o grande potencial de vendas do mercado fonográfico foi o pioneiro Fininho, que, com sua Discoteca do Fininho, fundada em 1966, na Galeria Santo Antonio, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, arregimentou um público fiel, inflado pelo sucesso estrondoso da Jovem Guarda e dos festivais de música na TV.

A loja estava localizada, estrategicamente, próxima da movimentada Rádio Cacique (que ficava na Rua Santa Catarina), e os fãs privilegiados, depois de assistirem ao vivo os ídolos famosos no estúdio da emissora, encurralavam os artistas na porta da loja em busca de autógrafos diretamente nas capas de seus discos prediletos. Fininho, como lembram

alguns frequentadores de primeira hora de sua loja, era daqueles que não só fazia questão de atender pessoalmente o cliente, como discorria sobre os cantores e os instrumentistas de destaque registrados nas fichas técnicas. Muitas vezes da Jovem Guarda iam ouvir na loja os últimos lançamentos de Roberto Carlos e cia., e mesmo que não levassem o LP na hora, não tinha problema: a execução das músicas era um grande chamariz para os transeuntes que passavam em frente. Nessas audições, podia-se topar com algum artista em carne e osso fuçando as prateleiras, caso de Jerry Adriani e Moacyr Franco, que sempre que podiam, iam conferir pessoalmente como estavam as vendas de seus discos.

No final da mesma década, duas outras lojas pioneiras abriram quase que simultaneamente no centro do município. A primeira delas, a Chaparral (Livreria e Discoteca Chaparral), foi fundada na Galeria Augusta pela jovem Aparecida Montilha, uma vendedora da Enciclopédia Britânica conhecida como Cidinha, em maio de 1969. A loja logo chamou a aten-





ção dos alunos do Colégio Bonifácio de Carvalho, que fizeram do local um ponto de encontro para leitura de livros e audições musicais. A decoração e o design do estabelecimento colaboravam para essa aura de “clube cultural”: partindo da temática do nome (Chaparral era o nome da fazenda que aparecia na série de TV homônima, famosa na época), todos os móveis e itens decorativos eram feitos de madeira e corda. Mas o toque especial, por sugestão de um tio de Cidinha, que trabalhava no Liceu de Artes e Ofício e assumiu o projeto, foi o uso de uma parte atípica da madeira chamada costaneira, feita com as lascas tiradas imediatamente após o corte da árvore e que além de serem mais em conta, davam um efeito surpreendente na aparência dos móveis, depois do entalhe e do verniz, e de cordas bem grossas servindo de moldura. Para dar o toque final, uma grande lasca talhada ia na porta principal da loja, com as letras do nome Chaparral feitas também com corda.

Além dos LPs, dos compactos simples (com uma música em cada lado), dos duplos (duas músicas de cada lado) e, posteriormente, das fitas cassetes, as partituras para piano e violão vendiam muito bem, pois ao lado, na galeria, ficava a escola do pianista Osmar, o mesmo que iria fazer parte do quinteto do programa do Jô Soares, anos depois.

Entre as boas lembranças da proprietária, estão as presenças de grandes artistas como Moacyr Franco e Jair Rodrigues e uma curiosa gincana nos anos 1970 com a participação da loja. Por conta de uma das tarefas da brincadeira, Cidinha acabou no estádio do Morumbi, fantasiada, em pleno jogo entre Corinthians e Santos, quando conseguiu tirar fotos com os ídolos Pelé e Rivelino, dentro do campo. As atividades se encerraram em 1984, mas a Chaparral já tinha deixado sua marca como uma das mais importantes lojas de discos de São Caetano do Sul.

Em julho de 1969, alguns meses depois da inauguração da Chaparral, um descendente de letões chegou discretamente com uma loja que mesclava papelaria e itens musicais na ainda “deserta” galeria do centro comercial do prédio Sagrado Coração de Jesus, na confluência da Rua Santa Catarina com a Avenida Conde Francisco Matarazzo. O audacioso comerciante era Carlos Rolando Belruss, nascido em São Caetano do Sul, que depois de um período intenso como microempreendedor - primeiro com uma frota de táxis para serviços de entregas e depois na manufatura de itens fabricados com injeção de plásticos -, resolveu, aos 32 anos, se arriscar em um negócio que ele pouco conhecia ao se instalar na loja 7 da Rua Santa Catarina, nº 38. A galeria, embora com poucas lojas, chamou sua atenção por ser bem iluminada e por ter a primeira escada rolante do ABC, logo em frente ao seu estabelecimento.

Os planos iniciais de incluir material de escritório e de papelaria logo se mostraram infrutíferos e os itens musicais – partituras, instrumentos e principalmente LPs, compactos simples, ou duplos, e fitas cassete – surpreenderam em vendas logo no início. Além da forte concorrência da tradicional papelaria Ao Carioca, na mesma rua, os estudantes das imediações – matriculados, entre outras instituições, no tradicional Instituto de Ensino (onde o próprio Belruss estudou) ou na vizinha Escola de Desenho 28 de Julho – passaram ao largo de régua, compassos e cadernos e preferiram mergulhar fundo nas prateleiras recheadas de discos.

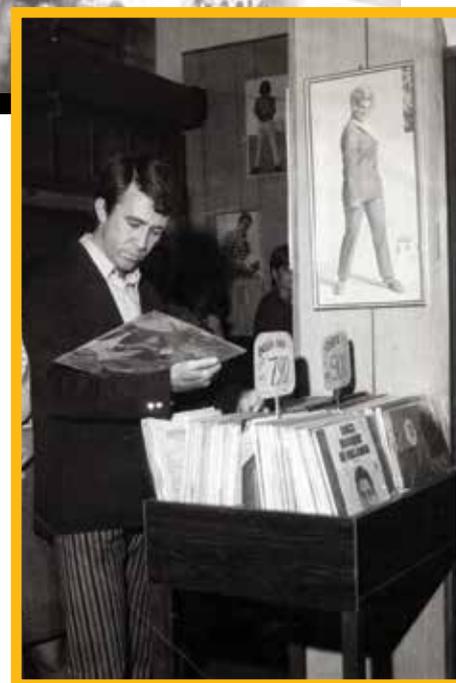


Uma das lojas mais famosas de São Caetano do Sul era a Loja de Discos do Fininho (Discoteca do Fininho) que aparece na foto atendendo a clientes. Foto da década de 1960

Em um ano, a Belrus Loja de Discos e Papeleria Ltda virou Discos Belrus e, com esse nome, marcou época. Logo de início, percebendo a angulação privilegiada de sua loja (dava pra vê-la tanto da Rua Santa Catarina como da Conde Francisco Matarazzo), o novo comerciante do pedaço providenciou de imediato um grande luminoso com uma seta piscante. Em pouco tempo, já era conhecido como Carlão da Belrus, e os frequentadores mais assíduos já percebiam que por trás daquela cara séria estava um sujeito apaixonado pelo que fazia e que podia mover montanhas para localizar um pedido de um cliente.

Como morava bem próximo do trabalho, sempre procurou participar do dia a dia do seu negócio, mas fez questão, nos 14 anos de funcionamento da loja, de contratar funcionários que tivessem afinidade com o nicho escolhido desde o início para enfrentar a forte concorrência: o público jovem. E entre os mais de dez funcionários que trabalharam atrás do balcão da Belrus – todos muito bons, aliás – Vagner Garcia está para sempre no coração e na memória do comerciante. Ele chegou na loja ainda menor de idade – precisou inclusive de autorização dos pais para trabalhar – e com seu faro para novas

Moacyr Franco costumava visitar as lojas de discos em São Caetano para acompanhar a venda de seus long-plays. A loja mais visitada era a Discoteca do Fininho, localizada na Avenida Conde Francisco Matarazzo. Na parede da loja, um grande pôster da cantora e apresentadora Hebe Camargo. Foto da década de 1960



tendências, sorriso franco, conhecimento musical e um jeito todo especial com a clientela (boa parte com sua idade), conquistou a amizade imediata dos frequentadores. “Um funcionário sensacional! Ele ficou uns quatro anos comigo. Depois montou uma empresa para contratar e agenciar bandas novas – Ira! foi uma delas –, e trabalhou em gravadoras por anos. Eu considero que grande parte do sucesso que eu tive na loja se deve ao seu desempenho. Ele era quase como da família e me deixou uma saudade tremenda”, relembra emocionado Carlos Belrus.

Seu funcionário predileto faleceu precocemente, do coração, aos 62 anos, em 2018.

Algumas personalidades famosas, como o jogador Serginho Chulapa, que jogaria anos depois na Associação Desportiva São Caetano, sempre passava na Belrus quando ia visitar seu advogado, no mesmo prédio – curiosamente, levava dezenas de fitas e não escolhia por gênero musical ou artista, mas pelo visual das caixinhas! Já alguns integrantes da banda Porão 99, ícone da cidade, frequentavam a loja desde o início, principalmente o vocalista Oséas e o guitarrista Danton. Inicialmente, eles iam procurar músicas de sucesso para os ensaios, mas com o tempo e o convívio, o próprio Belruss passou a indicar músicas para a banda, e várias delas se incorporaram perfeitamente ao repertório.

Muitos frequentadores da loja também se tornaram amigos da família Belruss – foram tantos, que o dono do estabelecimento prefere não citar os nomes. “Eu posso esquecer de mencionar algum nome e me arrepender por isso”. Mas algumas histórias vivenciadas ali podem ser contadas mesmo sem identificar os personagens. Uma delas ocorreu durante uma grande promoção da loja em que as notas fiscais guardadas eram trocadas no final por um LP. Um dos frequentadores assíduos, sem condições financeiras satisfatórias, ficava de tocaia na porta da loja durante o perío-

do da promoção, à espera de um freguês incauto que saísse com a nota fiscal na mão e a jogasse na lata de lixo mais próxima. Com essa estratégia, conseguiu juntar um bom número de notas e com muito suor e sangue frio, pôde ter finalmente seu almejado LP.

Outra boa história contada por Belruss tem a ver com o eterno “Rei”, Roberto Carlos. Como na maioria das lojas em São Caetano, a sua também se preparava especialmente para receber os lotes pré-encomendados do tradicional disco de fim de ano do cantor romântico recordista em vendas. Além do público-alvo do Rei, alguns jovens frequentadores também compravam seu disco, e o diálogo, invariavelmente, era assim: “Chegou o novo LP do Roberto? Embrulha pra presente”. “Vai querer ouvir?”. “Não, não precisa!”. Elementar: os jovens ali estavam comprando para os pais, avós ou tias! Claro que para esse seu público chave, a Belrus tinha boas cartadas. Os discos importantes, por exemplo, eram uma constante, geralmente trazidos por amigos que viajavam e aponstavam as novidades. As compras eram baseadas nas paradas in-

ternacionais de sucesso – a loja fazia questão de assinar algumas revistas especializadas, como a famosa *Billboard*. Muitos da minha grande turma de juventude da Vila Barcelona (atual Bairro Barcelona) se abasteciam na Belrus tanto com o melhor do rock e pop – Pink Floyd, Genesis, Devo, The Police, rock nacional – como algumas bandas negras com músicas para pistas, pois tínhamos na época uma equipe de som e éramos assíduos em bailes de casas noturnas do ABC e São Paulo.

Um dos meus amigos da turma, inclusive, tem uma passagem emocionante sobre a Belrus: o atual arquiteto Rogério Engelmann foi num certo sábado de 1982, com sua mãe, Sílvia, comprar o seu primeiro toca-discos no tradicional Foto Gilberto – ela dirigindo, pois ele era ainda menor. Na saída, depois da compra, sua mãe lembrou que para estrear o aparelho, ele precisava comprar um disco! Desceram a Rua Santa Catarina e Sílvia resolveu entrar na Discos Belrus, para presentear seu filho e sacramentar aquele momento único. Voltou com um LP “fresquinho” do artista ame-

(...) e o diálogo, invariavelmente, era assim: “Chegou o novo LP do Roberto? Embrulha pra presente”. “Vai querer ouvir?”. “Não, não precisa!”. Elementar: os jovens ali estavam comprando para os pais, avós ou tias!

ricano Ray Parker Jr., o primeiro disco do jovem Rogério que, a partir daí, não parou mais de frequentar o universo da música – seja como ouvinte, colecionador ou DJ.

Essa minha turminha, nos anos seguintes, chegava a fazer “vaquinha” para comprar na Belrus. Lembro uma vez que eu, Égon, Zé Ricardo, Rica, Rogério e Fabinho levamos uma sacola cheia de moedas e algumas notas e o Carlos Belruss e seu funcionário ficaram contando por longos minutos aquela “fortuna” toda, que no final das contas deu para comprar dois compactos e uma fita cassete virgem.

As estratégias para o público jovem sempre foram muito dinâmicas. Por uma época, a loja começou a vender pioneiramente pôsteres dos artistas. Foi montado um dispositivo próprio bem no meio da loja, que facilitava o manuseio dos pôsteres em exposição. Outro item vendido logo que a loja abriu, em 1969, foi o cartucho para automóveis. Anterior à fita cassete, tinha o formato parecido com os primeiros cartuchos de videogame e, como vantagem, não precisava rebobinar (o fim era emendado ao início). Seja pelos cartuchos ou pelas posteriores fitas, a Belrus acabou conquistando os automobilistas, mais um público fiel para a loja. Para se diferenciar da concorrência, toda ideia era válida. Como da vez em que, para aproveitar o fluxo de alunos do curso no-

turno de madureza Di Thiene (que ficava em andar superior do mesmo prédio) que tomavam café no térreo, a Belrus passou a fechar às 21 horas.

Essa movimentação toda foi estancada abruptamente em 1985, quando um incêndio de grandes proporções destruiu completamente o edifício Sagrado Coração de Jesus, uma tragédia que marcou a história do município. Bem cedo, na manhã daquele dia, quando já se arrumava para o trabalho, Belruss recebeu um telefonema do seu amigo Henrique Lorenzini Filho, que avistara do seu apartamento, próximo à galeria, muita fumaça saindo do local. Mesmo correndo até lá, nada mais poderia ser feito: quando chegou próximo à esquina, tudo estava interditado e ele foi proibido de chegar mais perto. Nada da loja pôde ser recuperado e Belruss, que ficou em choque no primeiro momento, sofreu um infarto alguns dias depois. Quando se restabeleceu fisicamente, tentou tocar a vida e reabriu sua loja na mesma Rua Santa Catarina, na galeria Artur Timmerman. Mas mesmo mantendo o mesmo nome e o mesmo esquema de vendas, misteriosamente, nunca mais recuperou a clientela de outrora.

A nova loja durou de 1985 a 1989 e, coincidentemente, em seu último ano, um outro incêndio destruiu completamente um restaurante vizinho seu de parede. Desta vez não houve danos

maiores à loja de discos, mas a partir daí, Belruss resolveu ir para outras áreas: trabalhou no Joanin, na copiadora Augusta, na galeria homônima e, por último, inaugurou no Bairro Santa Maria a Pizzaria Radiola, cujo logotipo, não por coincidência, vinha com a imagem de um disco de vinil. Ao finalizar a longa entrevista que concedeu para este artigo, Carlos Rolando Belruss, do alto de seus 84 anos, não deixa dúvidas de que a sua vida girou mais intensamente nos bons tempos de sua incrível loja de discos: “Rememberando tudo isso, remoei alguns anos!”.

Na virada dos anos 1960 para os 1970, a cidade presenciou algumas aberturas de lojas no Centro e em locais mais afastados, como no residencial Bairro Barcelona, onde, na Rua Piratinha (que dá acesso ao Bairro Prosperidade e à Avenida do Estado) surgiu discretamente uma loja de “itens musicais” chamada Tabacana. Seu forte era mesmo os discos, e alguns frequentadores, como o professor Roberto Bezerra, morador do bairro e na época estudante da Escola Estadual Idalina Macedo Costa Sodré, ainda lembram com muito carinho daquele aconchegante e inusitado comércio onde se podia achar desde um LP dos Originais do Samba até o último lançamento do Elton John.

Mas um núcleo que se estabeleceu com propriedade no ramo discográfico, paralelamente à

crescente movimentação do Centro, foi a Vila Gerty (hoje Bairro Nova Gerty), lugar de grande tradição comercial. A pioneira na área foi a Woodstock, dos sócios Mugão e Nilsinho. A dupla resolveu abrir a loja na Rua Visconde de Inhaúma (ao lado de uma agência do Banco do Brasil), no calor da conquista da Copa do Mundo de 1970 pela seleção brasileira de futebol e, para tanto, Nilsinho, nascido Onilson Rodrigues, pediu a conta na Kharman-Ghia, empresa automobilística em que trabalhava já há um bom tempo.

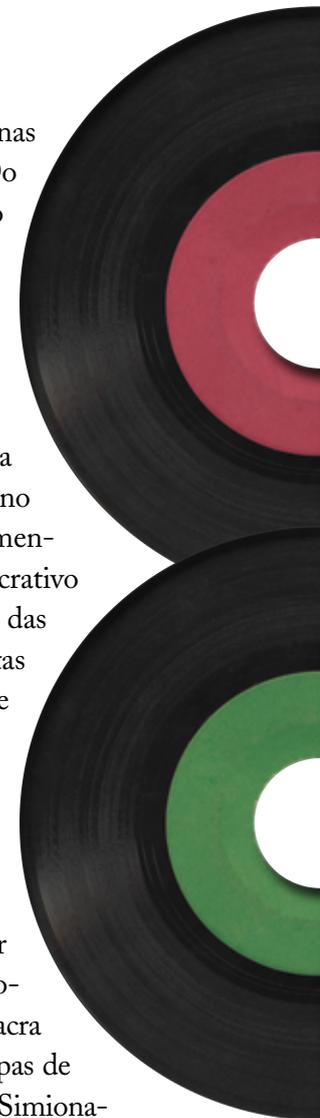
O rock era um dos focos do negócio, mas a loja incorporou ao acervo com muita propriedade os emergentes samba rock e o soul brasileiro, gêneros muito bem absorvidos pela moçada do período. A chegada do estabelecimento fez brotar algumas lojas curiosas na vizinhança (teve até uma especializada em rock progressivo). Em 1973, Nilsinho deixou a Woodstock e abriu O Som da Xiboca (em homenagem ao famoso restaurante homônimo na Serra Velha do Mar), outro marco para os discófilos inveterados de plantão, que ficou em atividade até o final dos anos 1980.

Entre suas especialidades, destaque para os compactos com *hits* românticos que embalavam os casais enamorados nos grandes salões de bailes. Foi ali que, em 1976, o ainda muito jovem Ricardo Martins arrumou seu primeiro emprego e ganhou bagagem para voos posteriores mais altos. A vizinhança da loja, que passou a ouvir com frequência sons pesados de Deep Purple e Led Zeppelin e lançamentos ainda desconhecidos dos grupos Queen e Kiss nas caixas acústicas viradas estrategicamente para a rua, percebeu que aquele imberbe funcionário não estava ali para brincadeiras. Aliás, graças a sua já azeitada bússola sonora, a música urbana dos Ramones ecoou pela primeira vez nas ruas da Vila Gerty. Uma década depois, dono de sua própria loja, esse jovem impetuoso ia virar a cidade de ponta-cabeça.

Por cerca de 15 anos, entre o final da década de 1960 e a primeira metade dos 1980, o Centro de São Caetano presenciou um recorde de público

consumidor e de vendas de discos nas lojas especializadas do perímetro. Do tradicional Ás de Ouro, na Rua João Pessoa, passando pelas movimentadas Babuska - Discos, Fitas e Presentes, Sema Discos (ambas na Galeria Metrôpole), Berbel (Avenida Conde Francisco Matarazzo), Discoteca Aquarius, do Adauto, e a já citada Belrus, além da vizinha Edi-Som, no Bairro da Fundação, toda essa movimentação era reflexo de um período lucrativo das gravadoras, incitado pelo sucesso das trilhas de novelas, pelo som das pistas de dança (dos bailes, “discoteques” e casas noturnas) e, em uma segunda fase, graças à explosão do rock nacional. Tempos em que um LP poderia extrapolar até mesmo a sua função musical e virar referência artística. É o caso do desenhista, pintor e escultor João Alberto Tessarini que, ainda adolescente, fazia uma verdadeira via sacra pelas lojas do Centro em busca de capas de discos assinadas por Tebaldo Alberto Simionato, primo da sua mãe, Rita, um dos mais profícuos artistas gráficos desta área e grande influência para sua carreira.

Nesse cenário intenso, surgiu, em 1986, a Rick and Roll, do entusiasta do rock e agitador cultural Ricardo Martins, aquele mesmo que sacudiu por alguns anos como funcionário a Som da Xiboca. Rick, como já era conhecido, seguiu como colecionador contumaz de discos e conhecedor profundo das raízes do rock e, desde 1979, mantinha contato direto com várias gravadoras, onde conseguiu informações preciosas que abasteceram muitas resenhas musicais para jornais e propiciou a fundação do *Rocker Jornal*, um veículo que incluía na pauta ecologia, surfe, moda alternativa e rock e que, posteriormente, virou selo musical. Mas mesmo fazendo o curso de Jornalismo na Universidade Metodista de São Paulo, e adorando escrever, a sensação



era que faltava alguma coisa para unir as pontas soltas e, depois de vender sua parte no jornal alternativo e ter seu momento de autoconhecimento pessoal no show da Nina Hagen e do B-52's no Rock in Rio de 1985, voltou para "Sanca" com a ideia fixa de abrir um estabelecimento que pudesse servir como ponto estratégico, tanto para os apreciadores do bom e velho rock, como para os grupos de garagem que despontavam na região.

Abrir uma loja naquele momento era uma consequência natural da paisagem da cidade: andar pelas ruas de São Caetano em 1986 era topar com punks, *rockabillys*, metaleiros, *dreads*, *freaks* – uma demanda de tribos urbanas que indicava a cidade não apenas como celeiro musical, mas um grande laboratório de estilos comportamentais a céu aberto. Não por acaso, chegou a ser apelidada de "Gothan City" (alcunha validada por um grafite do Batman logo na entrada do município).

Com o universo conspirando, surgiu a proposta dos amigos Di Nardi e Romualdo, donos da Comercial Muse, loja de discos especializada em metal, na Galeria Santo Antonio, que queriam vendê-la. Sem pestanejar, Rick colocou na negociação até o seu carro (uma Variant) e fechou negócio. Ainda tateando a verdadeira identidade da loja, acabou vendendo todo o antigo acervo de heavy metal numa tacada só e abasteceu as prateleiras com dis-

cos de sua própria coleção – *surf*, *rockabilly*, *country*, *classic rock*.

Foi a deixa para que a Rick and Roll se tornasse um ponto de encontro democrático das tribos roqueiras, pois contraditoriamente, ao mesmo tempo que os anos 1980 abriram um leque de estilos e comportamentos, imperava ainda agressividade e desavença no ar – e a loja virou uma espécie de oásis em contraponto à barbárie, arregimentando um público diferente que marcaria para sempre o DNA da cidade.

Essa atmosfera apaziguadora serviu para consolidar a vocação da Rick and Roll, que se transformou na primeira *rock shop* especializada em *rockabilly*, posição que se consolidou principalmente quando se tornou um entreposto de vendas do selo Brasi-disc, representante no Brasil da gravadora Charly Records, dona de um valioso material de raridades e "lados B" do gênero. Com o surgimento do *psychobilly*, uma variante mais punk do *rockabilly*, a Rick and Roll atingiu seu auge: além de repercutir todo o clima em torno da ascensão da banda local Kães Vadius, precursora do gênero no Brasil, e abastecer as prateleiras com petardos daquele novo *rock and roll* caótico, foi anfitriã da banda inglesa de *psychobilly* Guana Batz. Na mesma época, alinhado aos novos ares, Rick foi responsável também pela presença da emblemática banda punk inglesa Toy Dolls, formada em 1979, em um churrasco

na cidade e, na sequência, com o perfil do cliente da loja já bem identificado – o *rocker* de topete – teve a brilhante ideia de fazer um inédito campeonato de topetes, que gerou quatro edições e um sucesso que extrapolou fronteiras (mais detalhes no artigo assinado por Ricardo Martins nessa mesma edição de *Raízes*).

Em meados dos anos 1990, resolveu mudar a loja para a Rua Baraldi com aspirações de crescer como magazine. O que ninguém suspeitava até então é que um novo formato para gravação de música, o CD (compact-disc), que chegou discretamente na segunda metade da década de 1980 e abocanhou o mercado em poucos anos, iria varrer os sagrados LPs das prateleiras e deixá-los em animação suspensa por um bom tempo. O disquinho prateado, vendido a preço baixo, começou a ser encontrado em supermercados, bancas e até em algumas farmácias. Rick não aderiu à onda e mesmo sofrendo ao presenciar vendedores trocando dez LPs por um CD, preferiu recolher seu acervo de vinil, enquanto o mercado se digladiava, e partir para novas experiências profissionais em São Caetano, como assessor de cultura da prefeitura, organizando eventos e divulgando a boa e velha música.

A Rick and Roll, com a presença de Vardí, fiel escudeiro de Rick, ainda conseguiu se manter por um tempo, quando foi incorporada por dois amigos e mudou



Ricardo Martins, Gabriel, Ronaldo Estevam, Marcos Massolini, Haroldo e Neno, em 2015, na segunda fase da loja Rick and Roll, em galeria da Avenida Conde Francisco Matarazzo

o nome para Rock Therapy. Algumas lojas da cidade ainda resistiram alguns anos, mas logo sucumbiram à concorrência desleal das lojas de departamentos. Em duas décadas, a indústria fonográfica presenciou o auge e a queda da venda dos CDs – a facilidade da pirataria digital contaminou o mercado e as gravadoras se exilaram nos emergentes *streamings* – e a incrível volta dos LPs na segunda década do novo século.

Mesmo com a ressalva de que uma nova geração de discos de vinil veio inflacionada por conta de novas gramaturas e embalagens especiais, o velho disco preto com um furo no meio voltou com tudo e se espalha de novo pelas feiras, sebos e lojas virtuais. O teimoso Ricardo “Rick” Martins, que sempre acreditou na retomada do vinil e manteve seu acervo intacto, reinaugurou sua loja física em São Caetano nos últimos anos (em três endereços diferentes) e atualmente, enquanto mantém seu papel de

divulgador e mestre de cerimônias da cultura *rocker*, continua vendendo seus preciosos LPs – agora com a loja em sua própria casa – para um público seleto. A marca Rick and Roll, com mais de 35 anos de janela, segue incólume por uma estrada muito particular e autêntica, feita de faixas musicais e vinil.

De um modo ou de outro, as lojas de discos resistem nesta terceira década do século 21, embora tenham, na maioria dos casos, mudado de formato. Sebos, leilões e lojas virtuais, feiras e eventos, perpetuam o fascínio pelos LPs, compactos e fitas cassetes. As tradicionais lojas físicas, mesmo em menor número, ainda se espalham pela capital São Paulo (principalmente em galerias como a Galeria do Rock e a Nova Barão). No ABC, além dos diversos sebos e da já estabelecida Feira do Vinil de Santo André, seguem firmas a tradicional Metal, de Santo André, e a Merci, de São Bernardo, pra citar as mais antigas, além da

emblemática Rick and Roll, em São Caetano, que, como foi dito, segue como loja física, mas agora com horário de visita pré-determinado. Nestes novos tempos, talvez não se encontre mais um astro da música fuçando uma prateleira de discos, ou uma banda inglesa punk curtindo um churrasco, ou ainda uma turma jovem traçando planos para mudar o mundo, enquanto separa discos para o sábado à noite. Mas basta fechar os olhos e lá estaremos novamente, no interior de um paraíso musical inesquecível, no meio de uma antiga galeria de São Caetano do Sul, com discos mágicos girando no prato da vitrola e sem hora para fechar. ■

Marcos Eduardo Massolini é jornalista e escritor. Em 2001 lançou, de forma independente, o livro *Borboletas Abissais*. Mantém o blog *Almanaque do Malu* desde 2009 e o grupo *São Caetano Inesquecível*, no Facebook. Em 2014, lançou seu segundo volume de poesias, *Aura de Heróis* e, em 2016, o livro de ficção *Abílio e o Espelho* no formato e-book. O ano de 2021 marcou o lançamento de seu terceiro livro de poesias: *Quase Oásis*.

Campeonato Nacional de Topetes

Uma história além do tempo Pré-história do rock em São Caetano

Ricardo Martins de Souza

A CHEGADA DE **BILL HALEY E SEUS COMETAS**, em abril de 1958, na cidade de Santos, vindos de uma excursão pela América do Sul, onde passaram por Buenos Aires, Rio de Janeiro e São Paulo, mobilizou a juventude da região do ABC, que não poupou esforços para descer a Estrada Velha de Santos e lotar o Ginásio do Clube Atlético Santista para assistirem ao show do astro do rock, comprovando um recente fenômeno mundial que estava provocando uma revolução no modo de se vestir, agir e pensar, ainda mais na terra do samba, carnaval e futebol.

Diante desse entusiasmo, uma geração de adolescentes ansiava por um novo modelo

de vida e, com a chegada dos discos de rock, dos radinhos de pilha e dos biquínis, jovens começaram a adquirir voz própria na sociedade, reivindicando independência no mercado de trabalho, acesso aos bens de consumo e principalmente às manifestações artísticas.

Em São Caetano do Sul, a partir da segunda metade da década de 1950, não poderia ser diferente e, nas portas dos cinemas, formavam-se filas para assistir aos filmes *Prisioneiro do Rock*, *Juventude Transviada* e *O Selvagem*, que exibiam os astros Elvis Presley, James Dean e Marlon Brando. Na Doceria do Pierre, em frente à Escola Estadual Boni-

fácio de Carvalho, reuniam-se adolescentes da turma “os bacaninhas”, filhos da elite sul-são-caetanense que imitavam roqueiros norte-americanos e circulavam com as primeiras lambretas, causando furor entre a juventude.

Momento em que os rapazes começam a abandonar os tradicionais paletós, substituindo-os por jaquetas de couro. Imitando os trejeitos dos seus ídolos, cultuavam topetes fixados com brilhantina, vestiam camisas com golas levantadas e calças rancheiras dobradas com botas bem engraxadas. Numa atitude desafiadora, colocavam cigarro atrás da orelha como expressão de liberdade e rebeldia.

Recorte de fanzines que retrataram os campeonatos de topetes na cidade

Moças comportadas combinavam sapatos baixos com meias soquetes e usavam vestidos tradicionais com estampas exageradas (geralmente de bolinhas) e tinham cortes de cabelo com franjinha, inspiradas na modelo norte-americana Bettie Page. Outras, mais avançadas, usavam blusas insinuantes, calças estreitas, lenços nos cabelos, sapatos com saltos altos, não abandonavam os óculos escuros e fumavam escondidas.

Na rádio e na Concha – Na porta da Rádio Cacique, no Centro de São Caetano, jovens se reuniam para ver artistas em ascensão, entre eles, a cantora Meire Pavão e o calouro Jerry Hudson (que se tornaria o cantor Jerry Adriani). Enquanto na recém-inaugurada Concha Acústica eram abertas diversas opções à juventude, com projeções de filmes ao ar livre, shows de talentos e gincanas escolares. Alheios a essa transição, os mais conservadores imaginavam que tudo não passaria de mais um ritmo tropical, como rumba, mambo e bolero.

Com a explosão da Beatlemania e posteriormente da Jovem Guarda, novos hábitos de consumo foram inseridos na juventude, aflorando uma geração de adolescentes que se preocupava em assimilar as novas tendências da música, da moda e do comportamento vindas dos Estados Unidos, da Itália e da Inglaterra. A música deixava de ser monocromática e começava a se tornar mais ensolarada. Esse período coincidiu com a expansão do mercado musical na cidade, motivando o surgimento da fábrica Snake, que produzia guitarras semiacústicas, e da Palmer, que fabricava amplificadores valvulados. No entanto, o sonho de consumo dos conjuntos eram as guitarras elétricas de corpo sólido, sendo que muitos músicos fa-

Materiais de divulgação das competições dos ousados estilos capilares



CONVITE - GRANDE FINAL

- 2.º Campeonato Nacional de TOPETES 1991**
- 1.º Lugar - Categoria Classico - Troféu Topete de Ouro
 - 2.º Lugar - Categoria Volume - Troféu Topete de Prata
 - 3.º Lugar - Categoria Criativo - Troféu Topete de Aço



— Animação das Bandas —
Kães Vadius - Eddy Teddy & Kriptonitas e The Beatles Graffiti
 Dia 5 de Outubro de 1991 a partir das 22:00 horas
 no Diogo N.º 99
 Caetano do Sul



bricavam seus instrumentos em pequenas oficinas de maneira artesanal. Momento em que os conjuntos The Driving Guitars, The News, The Golden Lions e Jamaican Boys se revezavam nos palcos dos clubes como Associação Desportiva General Motors, Cerâmica Futebol Clube, Monte Alegre Futebol Clube, São Caetano Esporte Clube, União Cultural de São Caetano do Sul (Teuto) e Sociedade Beneficente Recreativa Oswaldo Cruz (Sberoc), tocando temas instrumentais.

Marco significativo dessa pré-história do rock na cidade foi a comemoração do aniversário de 87 anos de São Caetano do Sul, em 1964, no Complexo Poliesportivo Lauro Gomes, no Bairro Olímpico, com participação do grupo The Jet Reds, formado por jovens músicos da cidade, abrindo shows de artistas consagrados do rock nacional, entre eles Bobby di Carlo, Wilson Miranda e Roberto Carlos, apresentados pelo locutor Nelson Robles. O evento ficou marcado com o caloroso encerramento do conjunto The Snakes (futuro Os Botões), pioneiro no uso de pedais de reverberação de ondas sonoras, antecipando o surgimento do grupo Porão 99, que se tornaria símbolo do rock nos anos 1970.

Olhando em perspectiva, é difícil imaginar que na poluída região do ABC, onde havia apenas a atmosfera mecânica

das fábricas e o trabalho braçal nas indústrias, pudessem existir manifestações de arte e cultura. Afinal, o subúrbio operário não era sinônimo de criação artística, muito menos de transformação social. No entanto, a proximidade com a Rodovia Anchieta e com o litoral, a ligação da via férrea com a capital, o contato com os estúdios da Vera Cruz, na cidade vizinha São Bernardo, os programas de auditório da Rádio Cacique e as melodias que compunham as trilhas sonoras dos bailes de garagem, se transformaram na moeda cultural de São Caetano, em sintonia com apitos de trem, roncos de motores, solos de guitarra, ruídos de skates, sinos, buzinas e chaminés, entre outros timbres urbanos que ajudaram a escrever a história da cidade e de seus moradores.

Campeonato de topetes, um capítulo à parte – Décadas depois desse impacto cultural, o início dos anos 1980 marca o surgimento de um movimento musical denominado *new wave*, que permitiu a ampliação de novas vertentes artísticas e combinações visuais. Coincidência ou não, a poluição e os resíduos químicos das antigas chaminés geraram um laboratório sonoro na cidade, onde várias bandas começaram a despontar dos porões e garagens. E guardadas as devidas proporções, a vida noturna de São Caetano sincroni-

zava nostalgia e vanguarda, com uma respiração musical atualizada à tecnologia pop.

Conectada a essa liberdade de sons e cores, começa a ressurgir nas pistas de danças, um estilo musical intitulado *rockabilly*, que flutuava entre elementos orgânicos de ritmos como *rock and roll*, *hillbilly*, *boogie woogie*, *jive*, *swing*, *country*, *rhythm & blues*, *doo wop* e *surf music*.

Diante da paixão saudosista da juventude e do perfil de consumidores alternativos, divididos entre *punks*, *rockabillys*, metaleiros, rastafáris, *hippies*, góticos, skatistas, surfistas, carecas do subúrbio e outras subculturas urbanas, em 1987, montei, na região central de São Caetano a loja Rick and Roll Discos, ao lado das tradicionais discotecas Berbel, Belrus e Chaparral.

Visando elaborar uma identidade visual diferenciada à loja, que tinha uma decoração baseada na concepção retrô e *pop art*, com grafites e recortes de filmes, seriados e histórias em quadrinhos, principalmente do Batman, surgiu entre amigos a ideia de criar um campeonato de topetes e costeletas, que eram as marcas registradas de ídolos do *rockabilly*, como Johnny Cash, Buddy Holly e Jerry Lee Lewis e de novos grupos, entre eles, Stray Cats, Polecats e Matchbox, que oxigenaram a paixão de jovens *rockers* da região.

Essa vocação antipop da loja marca um período fértil em que

Em São Caetano, brotaram as competições de topetes que foram parar até em programa do Jô Soares e novela da Globo



Visando elaborar uma identidade visual diferenciada à loja, que tinha uma decoração baseada na concepção retrô e *pop art*, com grafites e recortes de filmes, seriados e histórias em quadrinhos, principalmente do Batman, surgiu entre amigos a ideia de criar um campeonato de topetes e costeletas, que eram as marcas registradas de ídolos do *rockabilly* (...)

as gravadoras de discos começaram a investir nesse perfil consumista. Principalmente a Brasidisc, que reeditou quase todo o catálogo de artistas da gravadora inglesa Charly Records, numa festa para os adeptos do *rockabilly*, uma vez que muitos títulos valiam uma fortuna e nunca haviam sido lançados no Brasil, conhecidos apenas em gravações de fitas cassete.

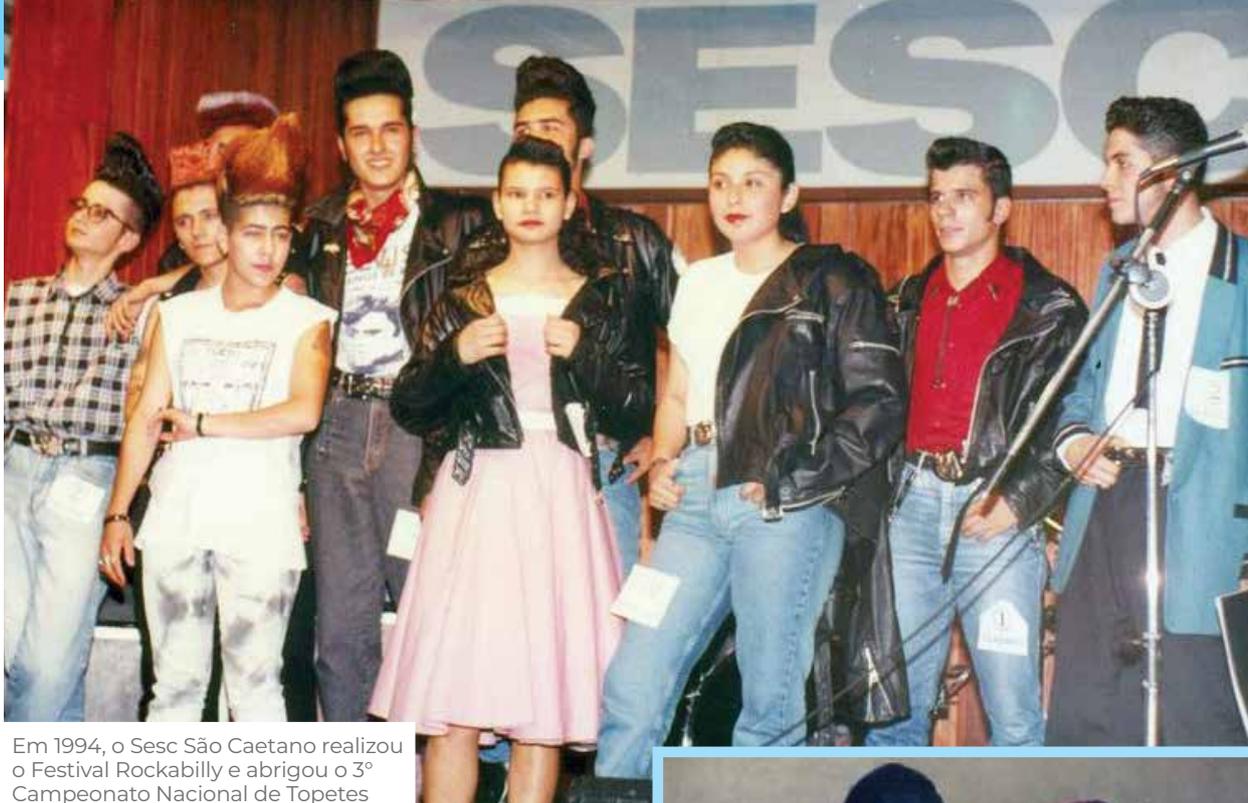
A proximidade da Rick and Roll Discos com a estação de trem de São Caetano se transformou numa artéria subterrânea de intercâmbio entre colecionadores de discos, e não demorou para a loja se tornar revendedora da gravadora Brasidisc e também do selo holandês Nervous Records, com um intenso fluxo de álbuns importados. Ocasão em que os integrantes dos grupos ingleses Toy Dolls e Guana Batz estiveram na loja.

Conectada a essa via de acesso, também havia comércio de coturnos, anéis, lenços, camisetas, fivelas e acessórios retrôs,

além da realização de tardes de autógrafos de discos, com a presença de ícones do rock nacional dos anos 1950, entre eles Baby Santiago, Demétrius e Carlos Gonzaga, que acabaram por fortalecer a cena *rocker* do ABC.

E o que era apenas uma brincadeira de amigos se transformou no Primeiro Campeonato Nacional de Topetes, que aconteceu em 1988, com quatro eliminatórias na Galeria Santo Antônio, na Avenida Conde Francisco Matarazzo, nº 29, onde ficava a loja de discos.

O que ninguém calculava é que essa competição capilar tomaria contornos surreais e dezenas de topetudos participariam dessa disputa, sendo que, para competir, exigia-se um único critério, que era gostar de *rock and roll*. Na etapa derradeira, 12 finalistas iriam concorrer aos troféus em três categorias: Clássico, que eram os cabelos mais tradicionais, de cortes naturais; Volume, para os tipos ondulados de cabelos, com costeletas, esti-



Aerov/Ricardo Martins de Souza

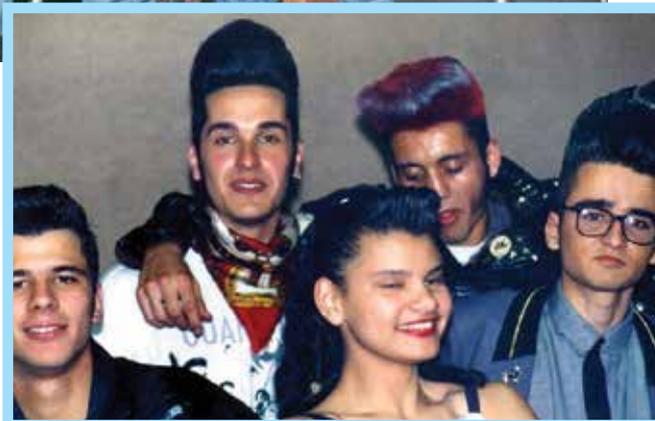
Em 1994, o Sesc São Caetano realizou o Festival Rockabilly e abrigou o 3º Campeonato Nacional de Topetes

lo Teddy Boy; e Criativo, focados nos cortes mais angulares e coloridos, com elementos do *psychobilly*, que se aproximavam do estilo punk.

O encerramento aconteceu no Clube Recreativo Esportivo (CRE) Gisela com participação dos grupos Kães Vadius, S.A.R, Garotos Podres e Big Trep, do Rio de Janeiro. No corpo de jurados, o cantor Tony Campello, o apresentador Kid Vinil, o guitarrista Eddy Teddy, o cabeleireiro Garoto, a estilista Lili Angélica e o colecionador de automóveis antigos Toninho Cadillac, presidente da escuderia Autobilly.

Importante valorizar as intervenções artísticas publicadas no fanzine *Rabo de Peixe*, um veículo de comunicação que refletia o romantismo dos anos 1950 adaptados à modernidade dos anos 1980, em um mix de nostalgia e euforia. Em suas páginas resgatava-se o modelo rebelde de se vestir, o estilo de dançar e a maneira de se posicionar musicalmente, sem perder a tradição.

Topetes cada vez maiores – Aquela fração de tempo marcou o aparecimento de gangues que saíram da clandestinidade e foram fundamentais para o crescimento e consolidação da cena *rocka-*



Aerov/Ricardo Martins de Souza

Registro de topetudos em São Caetano nos anos 1990

billy, pois eram fontes de conhecimento e sociabilidade para aqueles que estavam iniciando no movimento, favorecendo a união de turmas e grupos musicais até então rivais, que passaram a dividir palcos e a conquistar novos espaços, em um momento que a Rádio 97 FM se tornava referência musical alternativa no ABC.

Em 1991, aconteceu a segunda edição do Campeonato Nacional de Topetes, com maior número de participantes. As eliminatórias também aconteceram na galeria da loja e a final se repetiu no CRE Gisela, com bandas e artistas do cenário

rocker, entre eles, Eddy Teddy & Kryptonitas, K'Billiys e The Beatles Grafitty. A repercussão na mídia foi tão imediata que rendeu um convite da produção do programa *Jô Onze e Meia*, do SBT, para uma divertida entrevista, ao lado dos 12 finalistas.

Com o apoio do Serviço Social do Comércio (Sesc) São Caetano, em 1994, foi realizado o Festival Rockabilly, que promoveu a difusão da cultura *rockabilly* brasileira, com exposição de pôsteres, capas de discos raros e itens de colecionadores. No auditório da unidade do Sesc, palestras, exibição de vídeos e trechos de filmes do universo *rocker* nacional.

A última noite do festival marcou o encerramento do terceiro Campeonato Nacional de Topetes, com a participação dos 12 competidores e também de várias garotas, concorrendo na categoria de topete feminino. Após a entrega dos troféus, aconteceu o show do grupo carioca João Penca & seus Miquinhos Amestrados, ocasião em que tocaram a canção *Esse Meu Cabelo Rock*, inspirada nos topetudos do ABC, em uma noite inesquecível.

O que ninguém imaginava é que, anos depois, a descontraída entrevista que fizemos no programa do apresentador Jô Soares serviria de inspiração para a escritora Glória Perez criar o roteiro de um personagem topetudo para a novela *Explode Coração*, exibida em horário nobre

na Rede Globo, com direito até a imitação de campeonato de topetes. Certo de que estavam plagiando a minha ideia, entrei em contato com a produção da novela e comprovei com fatos a origem da minha criação. Passados alguns dias, me retornaram e me convidaram para viajar ao Rio de Janeiro e participar, no Projac, do último capítulo da novela, onde entreguei o troféu do fictício campeonato de topetes ao personagem Bebeto a Jato, interpretado pelo ator Guilherme Karan.

Após o final da novela, houve uma grande festa na recém-inaugurada Danceteria Columbia, no Centro de São Caetano, que sediou o último Campeonato Nacional de Topetes, com a presença do ator Guilherme Karan (...)



Agência/Revista Notícias da Souza

Rick and Roll (de óculos escuros) em participação na novela *Explode Coração*, ao lado de Guilherme Karan



Agência/Revista Notícias da Souza

Após o final da novela, houve uma grande festa na recém-inaugurada Danceteria Columbia, no Centro de São Caetano, que sediou o último Campeonato Nacional de Topetes, com a presença do ator Guilherme Karan, que participou do corpo de jurados, ao lado de Oswaldo Vecchioni, líder da banda Made in Brazil.

22 anos depois – Em 2017, já distante das noites de topetes e brilhantina, fui convidado pelas produtoras do Portal Universo Retrô para fazer um *revival* do Campeonato de Topetes, no The Clock Rock Bar, em São Paulo, marcando os 40 anos do desaparecimento de Elvis Presley e duas décadas da morte de Eddy Teddy, ex-líder da banda Coke Luxe, com diversos concorrentes, entre rapazes e garotas.

A repercussão deste *revival* gerou uma entrevista no programa *Mais Você*, da Rede Globo, na loja de discos Rick and Roll. Nessa ocasião, a apresentadora Ana Maria Braga focou suas perguntas nos penteados retrôs femininos, revelando a crescente participação das mulheres no universo *rocker*, por meio do ressurgimento das exuberantes modelos *pin-ups*, que trouxeram sensualidade e modernidade ao movimento.

Influência social e cultural – Muitos poderão dizer que o *rock and roll* não é um ritmo brasileiro e que não faz parte do inventário da cultura nacional. Ainda assim, além dos fatores históricos, temos de valorizar a sua influência social no ABC, seja em sua tradição automobilística ou na extensão urbana, refletida na música, moda, dança, literatura, quadrinhos e poesia.

Olhando para trás, em uma perspectiva mais ampliada, me sinto feliz em ter conseguido divulgar o nome de São Caetano do Sul em rede nacional, com um tema tão revolucionário, e principalmente em ter participado afetivamente daquele momento histórico do surgimento do *rockabilly* no Brasil.

Com satisfação, percebo que a dedicação daqueles meninos e meninas que participaram dos campeonatos de topetes gerou um conteúdo estético definitivo. E muitos deles se transformaram em renomados DJs, músicos, estilistas, fotógrafos, desenhistas, tatuadores, mecânicos, barbeiros, esteticistas, arquitetos, jornalistas e professores, entre outras profissões de destaque.

Transcorridas décadas da ideia original, a tradição capilar retorna em versão atualizada, no *Rock This Town Festival*, encontro anual de música dedicado à memória de Elvis Presley, realizado em agosto, em São Paulo, e que reuniu atrações nacionais e internacionais. O evento foi criado a partir da instituição, em 2020, do Elvis Day, no calendário oficial de festejos da cidade de São Paulo (lei nº 17.168). No encerramento do festival, houve um *revival* do campeonato de topetes, que será apresentado por mim, comprovando que tudo o que se faz espontaneamente, geralmente, sobrevive ao amargo ciclo da glória, do silêncio e do esquecimento.

Diante do processo de verticalização urbana e da velocidade dos modismos passageiros, sinto-me à vontade em afirmar que a cultura *rocker* se mantém com um olhar no futuro e como antídoto para as tendências descartáveis da indústria cultural, uma opção saudável para reunir crianças, jovens e a família em torno do prazer de dançar e da fantasia de voltar no tempo por meio da música. Segue o baile e tire o pé da parede! ■

Ricardo Martins de Souza, o Rick, ou Rick and Roll, é nascido em São Caetano do Sul. Coursou faculdade de Jornalismo e de Artes Plásticas e, em meados dos anos 1980, criou o *Rocker Jornal*, em São Bernardo do Campo. Há mais de 30 anos administra a loja de discos Rick and Roll, e escreve para jornais e revistas. Apresenta programas de rádio e TV e está concluindo seu primeiro livro de memórias, intitulado *Ruídos Urbanos - Contos de Gotham*.

Colaboradores
Zeinho Mulero, Lili Angélica, Wagner Manoel Silva, Claudio Braco, Marcos Massolini e Aristotelis Cenedezi Junior.

Casa da Amizade de São Caetano do Sul

Seis décadas de serviços à comunidade

☰ Márcia Gallo

O SÉCULO 20 foi pródigo na criação de organizações internacionais de várias ordens, tanto governamentais como privadas. As guerras mundiais e outros conflitos trouxeram a necessidade de os governos e os cidadãos, mais preocupados com as consequências desses eventos, pensarem em alguma forma para auxiliar as populações. Entre as organizações surgidas, podemos citar: a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), que trabalha com os países das Américas para melhorar a saúde e a qualidade de vida de suas populações, fundada em 1902, com sede em Washington, nos Estados Unidos; a Organização das Nações Unidas (ONU), fundada em 1945 na cidade de São Francisco e atualmente com sede em Nova York, nos Estados Unidos; e a Organização Mundial de Saúde (OMS), fundada em 7 de abril de 1948 e subordinada à ONU, com sede em Genebra, na Suíça.

Quanto às organizações não governamentais, a mais longeva é o Comitê Internacional da Cruz Vermelha, fundado em 1863, em Genebra. Trata-se de uma organização humanitária, independente e neutra, que tem como objetivo proporcionar proteção e assistência às vítimas da guerra e de outras situações de violência. Mais recentemente, em 1971, foi fundada em Paris, na França, a organização Médicos sem Fronteiras, atualmente com sede também em Genebra, que oferece ajuda humanitária de natureza médica a regiões e países vulneráveis a doenças.

Em 1905, Paul Percy Harris decidiu fundar uma entidade, com três amigos, que veio a se tornar o Rotary Internatio-

nal, uma associação de clubes de serviços cujo objetivo declarado é unir voluntários a fim de prestar serviços humanitários e promover valores éticos e a paz, em nível internacional. A sede atual se localiza em Evanston, Illinois, nos Estados Unidos. “Dar de si antes de pensar em si” e “Mais se beneficia quem melhor serve” foram lemas adotados quando da fundação, sendo que o segundo foi oficializado em 2011.

Atualmente, existem mais de 34 mil clubes Rotary no mundo, com cerca de 1,3 milhão de membros, os chamados rotarianos. Esses voluntários atuam em sete áreas, chamadas áreas de enfoque: Paz e resolução de conflitos; Prevenção e tratamento de doenças; Água e saneamento; Saúde materno-infantil; Educação básica e alfabetização; Desenvolvimento econômico e comunitário; e Apoio ao meio ambiente. Os voluntários doam seu tempo, recursos e serviços a causas ligadas às áreas de enfoque por meio de projetos e instituições.

Algumas das instituições ligadas ao Rotary International pelo mundo são os Centros de Assistência Social e Motivação Profissional (Camp - Ensino e profissionalização), as Casas da Esperança (assistência médica) e as Associações de Famílias de Rotarianos (Asfar) ou Casas da Amizade, que podem atuar em várias áreas sociais.

As Casas da Amizade ocupam-se de promoções sociais e beneméritas, e colaboram, voluntariamente, com as realizações comunitárias empreendidas pelos respectivos Rotary Clubs.

Fonte: www.rotary4420.org.br

Casa da Amizade de São Caetano do Sul - Em São Caetano do Sul, foi fundada uma Casa da Amizade em maio de 1962 e instalada em um prédio na Rua Santo Antônio, nº 500, 3º andar, sala 313, provisoriamente. Sua primeira presidente foi Irma Bottas, esposa do rotariano Oscar da Silva Bottas. Seu objetivo era o de reunir as atividades sociais das esposas de rotarianos do Rotary Club de São Caetano do Sul. A atividade inicial era a confecção de enxovais para recém-nascidos e apoio às mães carentes, e também ofereceu curso profissionalizante em prótese dentária. Por um período, a instituição funcionou nas dependências do Lar Menino Jesus e, em 4 de julho de 1976, foi inaugurada a sede atual, na Rua Cavalheiro Ernesto Giuliano, construída em terreno cedido em comodato pela prefeitura municipal. Neste ano, a Casa da Amizade de São Caetano do Sul completa 60 anos de dedicação a várias causas sociais, uma história que será abordada neste texto.

Em seu estatuto social, encontramos as finalidades da Casa da Amizade de São Caetano do Sul:

Art. 4º - A “CASA DA AMIZADE DE SÃO CAETANO DO SUL” tem por finalidade: promover a maior aproximação entre as famílias dos associados dos Rotary Clubs de S.C.S; auxiliar entidades e sociedades filantrópicas, bem como obras de assistência social e educativa, especialmente àquelas que se dediquem à proteção da infância e formação moral e cívica da juventude do Município; propiciar obras de promoção social semiprofissionalizantes e até profissionalizantes.

Art. 5º - A “CASA DA AMIZADE DE SÃO CAETANO DO SUL” poderá promover relações com entidades de análogos objetivos, no País, com ou

não a participação de governos estaduais e municipais, no que tange ao auxílio e colaboração com as mesmas, inclusive na manutenção dessas instituições.

§ 1º - A “CASA DA AMIZADE DE SÃO CAETANO DO SUL” poderá, ainda, patrocinar ou organizar reuniões artísticas, culturais, educativas, cursos práticos ou teóricos, conferências, palestras, congressos, por si ou ainda com o auxílio e colaboração de terceiros.

§ 2º - Se necessário, e em benefício da coletividade em geral, poderá colaborar com os órgãos da Administração Pública local.

O patrimônio da instituição é constituído por contribuições das(os) associadas (os), bens que vierem a ser doados, arrecadação de festas, coletas, promoções sociais e campanhas, renda oriunda dos bens adquiridos ou a adquirir, doações e donativos genéricos, bem como auxílios, recursos e subvenções, quer públicas ou particulares. Todos os recursos obtidos são aplicados na manutenção e no desenvolvimento dos seus objetivos educacionais.

A Casa é composta por número ilimitado de associadas(os), divididas(os) em categorias: Fundadoras - Esposas de associados do Rotary Club de São Caetano do Sul que subscreveram a ata de fundação e constituição da Casa da Amizade; Efetivas(os) - Pessoas que se incluíram no quadro social por pertencerem aos Rotary Clubs de São Caetano do Sul ou serem cônjuges de rotarianos; Beneméritas(os) - Pessoas das categorias de fundadoras ou efetivas, indicadas por 2/3 do Conselho Diretor, que prestaram relevantes serviços à instituição e à comunidade ou que, de qualquer forma, houverem concorrido para o enriquecimento do patrimônio da instituição; Colaboradoras(es) - Pessoas viúvas(os) de associados(as) dos Rotary Clubs de São Caetano do Sul ou voluntárias(os) sem qualquer vínculo com os Rotary Clubs de São Caetano do Sul. Os direitos e deveres dos associados constam no estatuto social.

Quanto à gestão da Casa da Amizade, há os órgãos da Direção Direta, composta pelas assembleias gerais e pelo Conselho Diretor. A Direção Indireta é exercida pelo Conselho de Ex-Presidentes e Conselho Fiscal. O Conselho Diretor é um órgão executivo composto por um(a) presidente executivo(a), um(a) vice-presidente executivo(a), dois secretários(as), sendo um(a) principal e um(a) adjunto(a), dois tesoureiros(as), sendo um(a) principal e um(a) adjunto(a), e dois diretores(as) de protocolo, sendo um(a) principal e um(a) adjunto(a), eleitos(as) para mandato de dois anos.

“Nesta casa que sempre representou tão bem o seu nome: AMIZADE. Algo que não se faz pelo tempo que existe, mas pela intensidade do amor que carrega. E foi guiada por este sentimento que segui trabalhando voluntariamente para ajudar na construção desta linda história, a qual compartilho com muito orgulho com vocês, amigos rotarianos e rotarianas.

Iniciei minha jornada em 1991 como presidenta. No final do ano anterior tinha encerrado as atividades da creche, e participei de toda reconstrução do projeto que foi chamado Entrelinhas, que visava atender crianças com dificuldades de aprendizagem escolar.

O trabalho cresceu e passamos a contar com diversos profissionais como psicólogos, fonoaudiólogas, fisioterapeutas, pedagogos, supervisores clínicos e com isso construímos uma rede de apoio de referência na cidade que tanto acolheu e ajudou muitas famílias.

Estive presente, durante os anos de 2000 a 2006, atuando como presidenta e mais quatro anos como tesoureira em outras gestões, e até como cozinheira dos mais variados eventos (...).

(...) Então, só posso agradecer a oportunidade de ter vivido tudo isso, pois me trouxe amor, e é o amor por tudo isso que fica no meu coração eternamente.” (Maria Neusa Zola dos Santos, presidenta nas gestões 1990-1991 e 2000-2006)

Inicialmente, por congregar apenas esposas de rotarianos, a presidência executiva, assim como todos os demais cargos, era exercida por mulheres. Entretanto, a partir de 1989, com a admissão de mulheres no quadro de associados do Rotary Internacional, houve a possibilidade de ter homens nos órgãos diretivos da Casa da Amizade. Isso aconteceu em duas oportunidades: em 2011-2013, com a eleição de Charly Farid Cury, e em 2015-2017, com Vanderlei Pessotti.

Em 60 anos de existência, o período de mandato dos conselhos variou de um a três anos, do início à situação atual, de acordo com as atualizações do estatuto. Entre o total de mais de 40 presidentes, houve três que tiveram múltiplas gestões: Maria Teresa de Souza Mello (1967-1968 e 1982-1983), Maria Neusa Zola dos Santos (1990-1991 e 2000-2006) e Mosavi Aparecida Ribeiro (2007-2008, 2013-2015 e 2019-2023).



Barraca da entidade na Festa Italiana, no ano 2000. Da esquerda para a direita, podem ser identificados: Célio Brait, Nivaldo Bertozzo, Cristiano Arronchi, José Falaschi, Maria Inês Brait, Olga Falaschi, Charly Farid Cury, Marlene Villa, Mariza Arronchi, Maria Aparecida Bertozzo e Ermelinda



Brinquedoteca da Casa da Amizade, em foto de 2003. A partir da esquerda, vemos: Marcos Buim, Maria Inês Brait, Maria Lais M. Zanardo, Marcos Luiz Zanardo, Neusa Zola dos Santos, Governador do Distrito Dirceu Vieira e esposa Raquel Vieira, Ana Maria N. Cury, Valeria Buim, Maria Aparecida Bertozzo e Nivaldo Bertozzo

Evolução da entidade por meio de seus objetivos e obras:

1971 – Construção do edifício do Lar Menino Jesus, abrigo para crianças, mantido pela Diocese de Santo André.

1976 – Reconhecimento: a Casa da Amizade de São Caetano do Sul foi declarada como órgão de utilidade pública municipal, consolidando a implantação de projetos voltados à comunidade.

1977 – Construção da sede própria em terreno cedido, por meio de comodato, pela Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, onde foi fundado o Lar Iracema Flores Vincenzi. Na época era mantida uma creche que recebia em torno de 120 crianças carentes de forma gratuita. A receita era conseguida por meio de eventos beneficentes.

1985 – Inauguração do consultório odontológico e início do atendimento gratuito para a comunidade.

1997 – A ampliação da rede de educação infantil pública fez diminuir a procura por vagas na creche, levando a entidade a procurar novas formas de atuar. Em março daquele ano, foi fundado o Núcleo de Desenvolvimento Infantil Lormínia Veiga Falchero, com o objetivo de atender à comunidade em geral, nas áreas de Psicologia, Psicopedagogia, Fonoaudiologia e Odontologia. Os assistidos eram encaminhados por escolas, profissionais da saúde, Conselho Tutelar e famílias.

2005 – Atualização dos estatutos, quando a Casa da Amizade passou a admitir a participação direta de rotarianos e outros interessados em fazer parte do quadro de associados.

2006 – Implantação do Projeto *Integração*, por meio de convênio com a prefeitura municipal e supervisão do Departamento de Assistência Social e Cidadania (Dascid). Era responsável pelo acompanhamento de adolescentes e jovens autores de atos infracionais encaminhados pelo juiz da Vara da Infância e da Juventude. Eram jovens que passavam pelo processo de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) e Liberdade Assistida, conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. No ano de 2012, este serviço foi municipalizado.

2008 – Início do atendimento em Fisioterapia com acompanhamento e reabilitação aos necessitados.

2014 – Início de projeto de atendimento diário para pessoas portadoras de necessidades especiais, por meio do Projeto *Ser Feliz*. Essa iniciativa oferece às pessoas oficinas diárias de artesanato, pintura, culinária, jogos e música. Ainda neste ano, foi iniciado o atendimento em Pediatria, com o médico voluntário Dr. André de Albuquerque Pereira.

2019 – Início do curso de mosaico, totalmente gratuito, tendo como recurso a venda de óleo de cozinha usado.

“Atuando na Casa da Amizade tive a oportunidade de crescer pessoalmente e profissionalmente, acompanhando as inúmeras famílias atendidas que se formaram autores da própria história e caminharam para um futuro promissor, quebrando barreiras.”

(Neide Pavan, assistente social e funcionária desde 2000)

“Na Casa da Amizade, sempre tive o grande desafio de manter a energia com os portadores de necessidades especiais, propiciando estímulo para continuar e vivenciar momentos de experiências, abrindo portas para que os indivíduos busquem práticas de autodesenvolvimento.”

(Monica Pierim Viana, educadora e auxiliar administrativa. Funcionária desde 2007)

Atualmente, a Casa da Amizade oferece especialidades da saúde e práticas educacionais: Pediatria, Odontologia, aconselhamento jurídico, Psicologia, Psicopedagogia, Fonoaudiologia, Fisioterapia e exames audiológicos. Em sua sede também funciona um banco de cadeiras de rodas e de banho, disponibilizado por empréstimo à comunidade. O salão social é oferecido para locação, auferindo também recursos para a entidade. No ano de 2019, foram realizados 1.424 atendimentos. Em 2022, até o mês de maio, a entidade contabilizava 580 atendimentos. O Colégio Eduardo Gomes, cuja mantenedora é a Fundação de Rotarianos de São Caetano do Sul, mantém um convênio com a Casa para atendimento aos seus alunos, conforme orientação educacional dos docentes.

“Nesses 60 anos, faço meu testemunho para sonharmos sempre com um grande projeto que é a Casa da Amizade, onde impera o companheirismo, a ética e, sobretudo, o amor entre as pessoas. Não mudaremos o mundo, mas com certeza faremos nossa parte, unidos nessa caminhada, aprendendo como melhor servir e evoluindo para alcançarmos nossa missão.”

(Mosavi Aparecida Ribeiro, presidente por quatro gestões: 2006-2008, 2013-2015, 2019-2020 e 2021-2023)

Em seis décadas de atuação, a Casa da Amizade de São Caetano do Sul foi sendo reconhecida por seu trabalho em prol de pessoas carentes e pela qualidade dos atendimentos oferecidos, muitas vezes prestados por profissionais voluntários, com total engajamento em causas sociais. Seus dirigentes procuraram observar os diferentes contextos sociais e econômicos e as demandas de segmentos da população do entorno para direcionar os diferentes projetos, com o objetivo de servir, contribuindo para o bem-estar de milhares de pessoas da comunidade. ■



Acervo/Casa da Amizade

Entrega de enxovais para bebês, realizada em 2003. Na foto, a partir da esquerda, vemos: Alaíde Rodrigues, Judite Dal´Mas, Helena Kakumo, Merce Lazarin, Neusa Zola dos Santos, Valeria Buim e Nanci Riera



Acervo/Casa da Amizade

Diretoria atual da Casa da Amizade. A partir da esquerda, vemos: Irineu Vencigueri (segundo secretário), Mosavi Aparecida Ribeiro (presidente), Izabel Cristina Oliveira (conselheira fiscal), José Luiz Cabrino (conselheiro fiscal) e Patricia Ishi (vice-presidente)

Márcia Gallo

é mestre em Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Foi docente da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (Uscs) e atualmente é coordenadora geral e membro do Conselho Diretor da Fundação Pró-Memória. É autora dos livros *A Parceria Presente: a relação família-escola numa escola da periferia de São Paulo* (2009), e *Indisciplina, violência e bullying – Um desafio para os gestores escolares* (2019), e coautora em outras obras sobre Educação, como o livro *70 Anos de História da Educação em São Caetano do Sul (1949-2019)*, editado pela Fundação Pró-Memória em 2021.



Fotógrafos Reginaldo Coriani (FPM/USCS)

Reprodução de banners da galeria de presidentes da Casa da Amizade, impressos por ocasião do aniversário de 41 anos da entidade



Com 135 anos no Brasil, família Jafet teve grande indústria em São Caetano

☰ Nelson Albuquerque Jr.

EM 2022, COMPLETAM-SE 135 ANOS da chegada da família Jafet ao Brasil. Pioneiro da industrialização em São Paulo, o clã construiu um importante grupo empresarial com empreendimentos têxteis, mineração, metalurgia e serviços financeiros e de saúde, entre outros. Em São Caetano do Sul, sua passagem ficou marcada pela presença da Fiação Nice, inaugurada em 1946, no endereço da Avenida Goiás, nº 2.769, da então Vila Barcelona.

A família Jafet é uma das primeiras de origem libanesa a desembarcar em terras brasileiras. O primeiro a chegar foi Benjamin Jafet, em 1887, aos 23 anos de idade, acompanhado de seu primo Fadul Tibshrany.

Passou pelo Rio de Janeiro e por Juiz de Fora, até que se estabeleceu na Rua 25 de Março, onde teve suas primeiras lojas de armarinhos e tecidos.

Com o sucesso, os irmãos vieram do Líbano para cá, e a família expandiu seus negócios, atingindo empreendimentos no comércio e na indústria, além dos setores financeiro e de saúde. Também propiciaram a fundação de entidades como o Esporte Clube Sírio, o Clube Atlético Monte Líbano e o Hospital Sírio-Libanês.

A Família Jafet teve grande relação com o bairro paulista-

no do Ipiranga, mas um de seus membros ultrapassou a fronteira e trouxe suas habilidades empreendedoras para São Caetano do Sul. Em meados dos anos 1940, Ibrahim Jafet, aos 24 anos, fundou a Fiação e Tecelagem Nice S/A, em uma área de 33 mil m² do Bairro Barcelona.

Seu projeto foi considerado ousado demais para a época, até por seus consanguíneos. Todo o maquinário seria (e foi) importado dos Estados Unidos, em um difícil período logo após a Segunda Guerra Mundial. “Só não amedrontou uma pessoa com os instintos de real admi-



Ibrahim Jafet, fundador e diretor-presidente da Fiação Nice S/A, acompanhando a construção da Fiação2, em 1962



Vista frontal da Fiação Nice S/A, por meio da qual podemos visualizar o prédio de escritórios (ao centro), a Fiação-1 (ao lado direito) e a Fiação-2 (ao lado esquerdo)



Fabricação de fios nos estâgios das retorceadeiras, na Fiação-1, em 1959

nistrador, a qual tinha como objetivo não só o desenvolvimento da indústria nacional pós-guerra, como a necessidade que haveria dos produtos que se propunha a industrializar: fios de algodão penteado”, diz trecho de uma reportagem biográfica sobre Ibrahim Jafet, guardada pela família como memória.

Em uma área construída de 11.489 m², a Fiação Nice galgou rumo ao progresso. Em 1966, mantinha uma produção anual de mil toneladas de fios de algodão e, nesse ano, deu início à sua fase empresarial de exportação, primeiramente para organizações dos Estados Unidos e, depois, para a Europa. A indústria chegou a empregar cerca de 500 funcionários em São Caetano.

Uma curiosidade é que a empresa foi uma das pioneiras também em implantar ar-condicionado em suas instalações. Uma publicação de 18 de agosto de 1964 traz o seguinte título: *Fiação Nice adere ao conforto e bem-estar com ar-condicionado Admiral.*

A empresa figurou entre as oito maiores fiações de algodão do Brasil e funcionou por 36 anos, tendo encerrado suas atividades em 1982. Nessa época, Ibrahim Jafet não estava mais à frente dos negócios. Houve um período de crise concomitante à chegada de concorrentes poderosos e mais modernos, principalmente do Japão. Em 1984, o terreno e as instalações foram adquiridas pela General Motors, que ali construiu o seu Centro Tecnológico. Alguns prédios foram preservados – assim como a caixa d’água – e outros deram lugar a novas edificações.

O legado deixado pela Fiação Nice para São Caetano do Sul foi, sobretudo, em relação à contribuição para o desenvolvimento financeiro e humano do município. O relacionamento com os trabalhadores e com o fisco sempre foi muito saudável durante as operações da empresa na cidade.

Segundo Luciano Jafet, filho de Ibrahim, uma das prin-

cipais filosofias da Nice era “prezar pelo empregado”, com 100% dos funcionários registrados em carteira, auxílios e benefícios e todo o conforto e segurança em ambiente de trabalho. “Queríamos que o funcionário se sentisse em casa, até chamávamos de família Nice”, recorda.

Estar com os impostos sempre em dia também é motivo de orgulho ainda hoje. “Até recebíamos cartas de elogio do fisco. Tínhamos uma empresa limpa, impecável, um símbolo de organização”, diz Luciano Jafet. Como uma das grandes indústrias do país, a Fiação Nice colaborou com o crescimento de São Caetano, uma força essencial exatamente nos primeiros anos de emancipação do município. ■

Nelson Albuquerque Jr. é jornalista e escritor, pós-graduado em Língua e Literatura. Foi editor de Cultura em periódicos diários e é autor dos livros *A Dor Não Tem Plural* (contos – 2015) e *O Resto de Raen* (romance – 2021).



Prosperidade, o bairro caçula de São Caetano

Notícia do resultado no plebiscito na capa do *Jornal de São Caetano*, de 7 de dezembro de 1963

O MUNICÍPIO de São Caetano do Sul foi instalado em 1949, após plebiscito vitorioso no ano anterior. Mas nesse momento, a nova cidade ainda não contava com a área chamada, então, de Vila Prosperidade, já de forte perfil industrial, porém pertencente aos domínios de Santo André.

Uma mobilização popular ocorreu no início dos anos 1960. Até que, em dezembro de 1963, foi realizado o plebiscito que ratificou a vontade dos moradores: incorporar-se ao mapa de São Caetano do Sul. De imediato, Santo André resistiu e não atendeu ao resultado do pleito. A população, então, foi lutar por seu direito nos tribunais e, enfim, a anexação foi concretizada em 1967.

Em 2023, os moradores do Bairro Prosperidade poderão celebrar os 60 anos de sua conquista, pois é contada a partir da data do plebiscito. O caçula de São Caetano do Sul já nasceu com 5 mil habitantes e um parque industrial respeitável de 14 empresas, entre elas Confab, Brasilit, Quimbrasil e Oleoduto. ■



Templo da Paróquia Nossa Senhora da Prosperidade, que fica na Praça da Riqueza. A igreja foi construída em regime de mutirão e elevada à paróquia em 16 de novembro de 1954

NOME É DE 1925

O nome foi dado à vila pelos proprietários do terreno, José Alcântara Machado de Oliveira e Brasília Leopoldina, que em 1925 decidiram lotear 30 alqueires de suas terras. Batizaram o local de Prosperidade e também deram nomes às ruas de materiais valiosos, além da famosa Praça da Riqueza.

Ezio De Vita,

campeão de boxe em 1955
na forja da *Gazeta Esportiva*

☰ Nina Kuznetzow

ENTRE CALDEIRAS E RINGUES, a trajetória de Ezio De Vita foi marcada por muita luta. Seu ápice como boxeador foi o título, em 1955, do Campeonato Popular de Boxe Amador da *Gazeta Esportiva*. Esse cinturão veio para São Caetano do Sul, onde o nosso personagem morou a maior parte de sua vida e onde também trabalhou na caldeiraria de seu pai, no Bairro Santa Paula, e na General Motors.

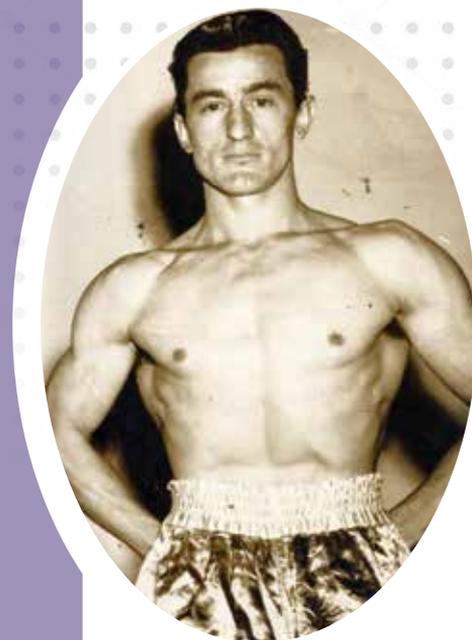
Natural de Itaquera, em São Paulo, De Vita nasceu aos 22 de maio de 1930. Mudou-se com a família, aos 10 anos, para o Bairro do Belenzinho, também na capital e, aos 16, estabeleceu-se definitivamente em São Caetano do Sul com seu pai, sua mãe e mais oito irmãs.

Filho de Ermelinda Ambrósio De Vita e de Antônio De Vita, morou na Avenida Augusto de Toledo, nº 498, em uma casa as-

sobradada. Ao lado da residência, o pai montou uma fábrica, uma caldeiraria que fazia tachos de cobre. O estabelecimento se chamava Nossa Senhora Aparecida, e seus produtos chegaram a ser exportados para alguns países. Ezio De Vita tocava a caldeiraria junto de seu pai e alguns funcionários.

Com um físico atlético que o diferenciava, De Vita gostava de quase todos os esportes. Praticava judô, corrida, natação e se destacava em todas as modalidades em que se propunha a encarar. Ganhou muitas competições, sendo inclusive campeão em atletismo no Exército.

O início no boxe – Em 1º de maio de 1954, aos 24 anos, o multiesportista se casou com Lourdes Huerta. Depois de um ano de casado, começou a se interessar pelo boxe e, nessa época, já não trabalhava mais na caldeiraria.



Ezio de Vita, em seu auge como boxeador do Palmeiras, em foto da década de 1950



De Vita no ringue contra o atleta Haroldo Domingues da Gama, do Juventus, em 1957

raria do seu pai, mas sim na General Motors.

Depois da jornada de trabalho na montadora em São Caetano, Ezio De Vita treinava os golpes e esquivas nos ringues da Sociedade Esportiva Palmeiras. Fazia dietas e se dedicava a exercícios para não ultrapassar o peso exigido na sua categoria, o pena. “Com tantos treinos, ele começou a lutar boxe como um verdadeiro campeão. Lutava para ganhar”, recorda Lourdes.

Em toda a sua trajetória de boxeador, perdeu apenas três lutas. “Ezio não via o boxe como carreira ou profissão, eram apenas conquistas pessoais para o seu próprio ego. E sempre quis mostrar ao seu pai que podia vencer e alcançar os seus objetivos”, lembra a viúva do atleta.

Uma de suas principais vitórias foi o título do Campeonato Popular de Boxe Amador da *Gazeta Esportiva*, em 1955. Este torneio foi criado em 1942 e revelou nomes como Éder Jofre e Adilson “Maguila” Rodrigues. A partir de 1960, o campeonato foi rebatizado e ficou famoso como Forja dos Campeões. Curiosamente, forja é o local onde se caldeia o metal.

Depois de ser campeão desse torneio, Ezio De Vita recebeu convite para treinar em um clube na Argentina, mas não aceitou. Aliás, desse dia em diante, decidiu pendurar as luvas e nunca mais lutou. Voltou a se dedicar à sua profissão na metalurgia, até se aposentar por um acidente de trabalho.

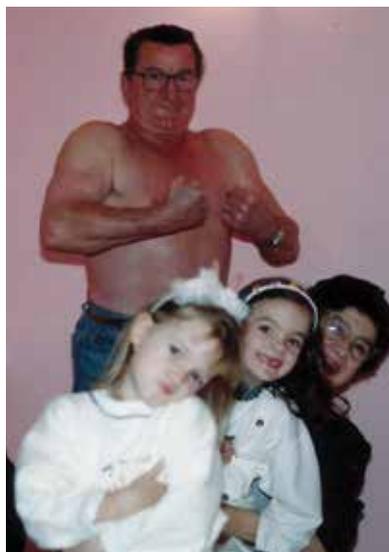


Casa assobradada que pertenceu à família, na Avenida Dr. Augusto de Toledo, com a fábrica de tachos ao lado. Foto da década de 1940

Um grande coração – Mesmo aposentado e com idade avançada, continuava a se exhibir sempre que podia. Já não apresentava um físico tão definido, mas ainda era muito forte e cheio de autoestima. “Sempre fazia poses quando era para sair numa foto. Nunca deixava de estufar o peito e mostrar os músculos. Gostava muito quando as pessoas ainda o elogiavam”, afirma Lourdes. Ele faleceu em 26 de junho de 2009, com a doença de Alzheimer.

Deixou esposa, filhos, netos, bisnetos, genros e noras e um enorme legado. “Todos da família têm algum tacho de cobre que ele mesmo fez. Ezio era um *marrudão*, tinha seus defeitos, mas seu coração era gigante”, recorda. ■

De Vita, ao lado da esposa Lourdes, e sua pose como marca registrada nos registros familiares. Foto de 2002



Mesmo aposentado dos ringues, mantinha sempre a pose de pugilista nas fotos de família. À frente de Ezio De Vita, nesta imagem de 2001, aparecem sua esposa Lourdes e as netas Raissa e Tatiana

Nina Kuznetzow é nascida nos Estados Unidos da América, é escritora e organizadora editorial, tendo recebido diversos prêmios e condecorações na área. Foi nora de Ezio De Vita.

Uma história cheia de aventura e evolução

☰ Cristiane Regina Rubim

A HISTÓRIA DE LOURDES Maria Roveri Rubim, bisneta de italianos que vieram no navio Europa, da Itália para o Brasil, em 1877, instalando-se em São Caetano, qualquer um de nós adoraria ter vivido. Esta é a opinião da sua neta Andréa Rubim, 35 anos, que compara sua trajetória a uma grande aventura: “Pudera, minha avó viu todas as mudanças que ocorreram no mundo de 1929 para cá”. E olha que não foram poucas. Mas sua história talvez seja como a de muitas outras pessoas que conseguiram chegar até os tempos atuais e têm muito para contar sobre toda essa evolução, em São Caetano do Sul e no Brasil. De bom humor e assertiva, esta leonina, nascida no dia 2 de agosto de 1929, era reconhecida e chamada com carinho por suas

cuidadoras de “Princesa”, “Bornequinha”, por sua postura forte e, ao mesmo tempo, delicada e amorosa.

Lourdes era bisneta de Filippo Roveri, avô de seu pai, Faustino Roveri, e de Francesco Bortolini, avô de sua mãe, Maria Bortolini Roveri. As famílias Roveri e Bortolini vieram da Itália para São Caetano e foram morar no atual Bairro da Fundação. “Só se falava italiano dentro de casa”, lembra. E por um bom tempo foi assim. Depois, passou-se a falar português. Foi aluna do então Grupo Escolar Senador Fláquer, onde todas as gerações da família também estudaram.

A égua Memória - Faustino trabalhava com logística e era conhecido por levar mercadorias na sua carroça, com sua égua



A jovem Lourdes, em foto de 1950

chamada Memória. Fez parte da Società di Mutuo Soccorso Principe di Napoli e foi um dos fundadores do São Caetano Esporte Clube. O quintal da casa onde moravam, na Rua Perrella, nº 331, no Bairro da Fundação, era cheio de árvores, e Lourdes adorava sentar debaixo delas para comer frutas. Até os seus 92 anos, adorava frutas e comia várias por dia. O que traz lembranças



José Rubim com os quatro filhos do casal: Maria de Lourdes, Clodoaldo, Camilo e Cristiane, no portão da casa da Rodrigues Alves, em 1970

ças de sua infância, quando também seu irmão Mizereque era companheiro nas brincadeiras. Quando menina, ela e a amiga Helena De Nardi, já falecida, brincavam juntas pelo casarão dos De Nardi. Hoje, o casarão, cedido pelos De Nardi, é sede do Museu Histórico Municipal.

No início - Não havia banco em São Caetano, somente em São Paulo. “Íamos de trem para São Paulo depositar o dinheiro na poupança”, relatou Lourdes. Hoje em dia seria um perigo fazer isso. Não havia chuveiro naquela época, tomava-se banho de bacia. A Coca-Cola foi lançada naqueles idos. Ela comentava que era uma delícia, sabor bem diferente de hoje em dia.

Pintora de pratos - Trabalhou na Fábrica de Louças Adelinas, onde, no início, limpava os pratos para as pintoras. Depois, descobriu que queria mesmo

é ser pintora de pratos. Então, pediu uma oportunidade ao chefe da seção. O encarregado, vendo seu interesse, promoveu Lourdes para o cargo de pintora para fazer os filetes dos pratos. Trabalhou como filitadeira e decoradeira.

Magreza - Lourdes tinha complexo de magreza. “Quería sempre engordar porque a moda, na época, eram as moças serem cheinhas e não magras”, dizia. Só foi engordar um pouco aos 40 anos, depois de ter quatro filhos, e ficou toda feliz. Mas não teve jeito. Era da sua natureza.

Igreja Católica - Sua mãe precisou frequentar um centro espírita para fazer tratamento e levava junto Lourdes, ainda menina. Mas ela sempre fugia porque preferia ir às celebrações da igreja católica.

Festa Italiana - Ela comentava que, naquela época, a Festa Ita-

liana era diferente da atual. O pai, Faustino, comprava guaraná para todos os filhos e havia bingo e jogos para as famílias se divertirem.

Fim da Guerra - Durante a Segunda Guerra Mundial, Lourdes dizia que os moradores precisavam colocar panos pretos nas janelas como ensaio caso tivessem bombardeios no Brasil. “Tudo ficava no escuro sem nenhuma luz. Todos ficavam dentro de casa ouvindo escondidos seus rádios para saber as notícias que vinham da Europa sobre a guerra”, lembrou. Segundo ela, fazia-se uma escuta velada porque era proibido ficar ouvindo notícias sobre o conflito.

Grande festa! - Houve uma grande quebra de pratos na fábrica das Louças Adelinas para comemorar o fim da guerra, em 1945. “Quando finalmente anunciaram o fim da Segunda



Arquivo/Família de José Rubim

José e Lourdes e os quatro filhos em jantar comemorativo. Foto de 1970

Guerra Mundial, todos começaram a quebrar os pratos para celebrar, fizeram uma grande festa!”, contou Lourdes, lembrando-se daquele momento com alívio e alegria.

Casamento muito feliz – Lourdes casou-se com José Rubim, natural de Campinas, interior de São Paulo, no dia 13 de junho de 1953. A família Rubim, originária da Itália, instalou-se em São Caetano quando José ainda era muito jovem, passando a morar na Rua Machado de Assis, nº 244, no Bairro Santo Antônio. Filho de Pedro Rubim e Maria Giovanetto, tinha mais quatro irmãos: Guilherme, Geraldo, Fábio (Binha) e Paschoal. Na família de Lourdes, também eram cinco irmãos: Francisco, Jolfino, Sellezerezique (Mizereque), Genoveva e ela, a caçula.

O casal se conheceu no casamento de Guilherme, irmão de José Rubim. Logo após começa-

ram a namorar e três anos depois se casaram. A lua de mel foi em Poços de Caldas (MG), local preferido dos casais da época. Como era costume, Lourdes parou de trabalhar e engravidou. Foram morar na Rua Rodrigues Alves, nº 179, no Bairro da Fundação. Sua primeira filha, Maria de Lourdes (Lurdinha), nascida em 27 de maio de 1954, era uma menina que, como dizia Lourdes, sempre foi adulta desde criança. Ela faleceu em 1997, com 42 anos, por conta de um câncer, e deixou imensas saudades em toda a família, assim como Rubim, falecido em 1983, com 53 anos, de insuficiência renal, a mesma doença que causou a morte de seus quatro irmãos.



Arquivo/Família de José Rubim

Lurdinha, filha de Lourdes, em foto de sua formatura na Fundação Santo André, em 1977

Viaduto dos Autonomistas - Após a inauguração do Viaduto dos Autonomistas, que ainda hoje liga os bairros Centro e Fundação, Lourdes passeou e andou de mãos dadas com a filha Maria de Lourdes ainda pequena pelo novo viaduto.

Dois empregos - Para sustentar os quatro filhos (Maria de Lourdes, Clodoaldo, Camilo e Cristiane), Rubim trabalhava em dois empregos: na Cerâmica São Caetano e no Cine Vitória, como porteiro e lanterninha. Toda semana a família ia ao cinema assistir aos filmes bons que passavam naquela época. Rubim levava a filha mais nova, Cristiane, ainda pequena,



Arquivo/Família de José Rubim

Lourdes com o bisneto Nicolas



ArquivoFamília de José Rubim

Campos do Jordão (SP), refúgio da família: Lourdes (ao centro) ladeada por sua sobrinha Nice, Dona Nenê (mãe de sua nora Solange) e sua filha Cristiane. À direita, estão: a nora Solange e as netas Letícia e Andréa. Foto de 2003

Família em almoço do Dia das Mães, em 2007. Foram identificados: a neta Camila, a nora Cristina, Dona Nenê, Cristiane, Solange, Letícia, Camilo, os netos Gustavo e Leandro, Andréa, Clodoaldo e Lourdes



ArquivoFamília de José Rubim

para ficar ao lado dele na porta do Cine Vitória, recepcionando o público. Depois, o marido de Lourdes foi trabalhar como motorista de empilhadeira na Mercedes-Benz. Quando aposentado, atuou como motorista de caminhão fazendo viagens pelo Brasil.

Cuidou de todos - Lourdes cuidou sempre de todos da família com muito amor. Teve cinco netos, Leandro e Andréa (filhos de Lurdinha e Rubens), Letícia (filha de Clodoaldo e Solange), Gustavo e Camila (filhos de Camilo e Cristina), e o bisneto Nicolas, de 5 anos, filho de Leandro.

Viagens - José Rubim levava os filhos para dar bom princípio de ano na casa de todos os tios e tias das duas famílias. Em 1968,

adquiriu o título do São Caetano Esporte Clube para a família se divertir. Levava ainda os filhos para a praia, para pescar na Represa Billings e em diversos passeios. Um deles era Campos do Jordão.

Lourdes contou que a tia Augusta, irmã de sua mãe, fugiu para casar e foi morar em Campos do Jordão. Romana, também irmã de sua mãe, ia visitá-la. Então, a família começou a viajar para lá antes da cidade se tornar famosa, e mantém a tradição até hoje. Pedacinho da Europa em São Paulo, hoje tem grandes hotéis, uma linda paisagem e ar puro e fresco da montanha. Lourdes viajou todos esses anos para lá, ficando em hotéis da cidade.

Outro local que marcou a família foi Lambari, em Minas Gerais. Indicada por amigos da

Mercedes-Benz ao genro Rubens de Freitas, marido de Lurdinha, a família passou a viajar e se acomodar no famoso Parque Hotel Lambari, que possui um parque aquático, de recreação e com natureza muito bonita e relaxante. Lourdes viajou por cidades do Nordeste, Rio de Janeiro, Goiás e região Sul do país. As praias frequentadas foram as de Caiçara, na Praia Grande, Bertoga e Guarujá, junto de seus filhos, genro, noras e netos. Sem esquecer de Jarinu, no interior de São Paulo, no sítio do neto Leandro. ■



Cristiane Regina Rubim, 58 anos, é filha de Lourdes. É jornalista que atua em Propaganda e Marketing, Tecnologia e Sustentabilidade, gestora de pessoas e assistente social.

“Tia Iris, o que tem de merenda hoje?”

Paulo Alves da Rosa

QUANDO O PORTÃO DA ESCOLA se abriu, ela sentiu um frio na barriga e, numa fração de segundos, parte da sua vida lhe passou pela cabeça. Lembranças das muitas dificuldades que teve de superar até chegar àquele momento tão esperado. Era fim de junho de 1978 e o vento gelado, típico da estação, parecia ser mais cortante na parte alta do Bairro Santa Maria.

A frase “seja bem-vinda”, dita por uma nova colega de trabalho, trouxe um misto de satisfação e de esperança de que ali começava uma nova fase na sua vida. Sentimento que, ao longo do tempo, provou ser pura verdade, pois os anos que se seguiram foram de muito trabalho e de inúmeras histórias recheadas de carinho, de amor, de afeto e de amizade.

Identidade funcional de Iris, da prefeitura de São Caetano do Sul, emitida nos anos 1980



Foram quase três décadas como merendeira da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, porém, aquele primeiro dia de trabalho na Escola Municipal de Educação Infantil (Emei) Laura Giuliani dos Santos jamais saiu da memória de Iris Maria Luz Rosa, a tia Iris. Mas sua história de vida começou a ser contada muito antes.

Ela nasceu na cidade de Boa Nova, na Bahia, no dia 25 de novembro de 1942, mas por um erro do cartório (e nem valem

outras explicações), passou a ter como data de nascimento o dia 11 de janeiro do mesmo ano. De uma família de 14 irmãos, “somente onze se criaram”, como dizia sua mãe, Josefa, uma mulher de personalidade forte que, ao lado do marido, José, se mudou com toda a prole para São Paulo, em busca de condições melhores para criar os filhos, no ano de 1949.

Tia Iris, como é sempre lembrada, foi morar no interior de São Paulo, na cidade de Presi-

dente Alves (região de Bauru). Ainda criança começou a trabalhar na roça e, por conta desta obrigação, não frequentou a escola. Contava que, naquela época, os pais diziam que “filha mulher não tinha que aprender a ler e escrever, apenas a cuidar da casa e do serviço”.

Aos 16 anos conheceu seu marido, José Alves da Rosa, e logo se casaram. Ela lembrava que, quando começava o namoro, os pais já marcavam o casamento. O casal teve cinco filhos: Cícero, Elias, Paulo, Luis e Sônia. A família cresceu e, proporcionalmente, as dificuldades também.

Em 1968, mudaram-se para São Caetano do Sul. Quase um ano após chegarem à cidade, ela conseguiu, na base da perseverança, o primeiro emprego para o marido, na Basf Indústria Química. Para ajudar a criar os filhos, Iris foi trabalhar de empregada doméstica, ou como diziam, “em casa de família”, fazendo limpeza. Após o duro expediente diário, ainda lavava roupas para complementar o orçamento.

E foi numa destas “limpezas” que Tia Iris conheceu um “anjo” que mudou a sua vida. Rosa era funcionária do pronto-socorro municipal e morava no Edifício Bandeirantes, na Rua Rio Grande do Sul. Dizia ela: “Você precisa ter um trabalho com carteira registrada”. Mas recebia como resposta: “Como, se não tenho

Iris (à esquerda) com as primeiras companheiras de trabalho: Madalena e Iracilda, na cozinha da escola, em foto do início da década de 1980



Acervo/Fornalva Rosa

Equipe de trabalho formada por Maria, Madalena, Iris e Laura, em festa na escola, no início da década de 1980



Acervo/Fornalva Rosa

Iris, Madalena e grupo de professoras da Emei Laura Giuliani dos Santos, em dia de fotos das turmas da escola. Foto do final da década de 1980



Acima/Ornilia Rosa



Acima/Ornilia Rosa

Acima, Iris conduzindo seu filho Paulo ao altar, em 2007



Acima/Ornilia Rosa

Ao lado, almoço de confraternização preparado pela equipe de colaboradoras da Emei Marilene de Oliveira Larocca, na década de 2000

nenhum estudo?”. Ela encontrou a solução: “Vamos conseguir um emprego na prefeitura”. Aquela afirmação lhe parecia distante da realidade. Não era.

O primeiro desafio foi tirar os documentos (todos). O pior, recorda, foi o título de eleitor, pois era necessário responder a um questionário gigante de próprio punho. Imagine a situação para quem mal sabia assinar o seu nome. Outros “anjos” abraçaram o ideal de Rosa, e a contratação aconteceu no dia 21 de junho de 1978.

As primeiras companheiras de trabalho ocupam um lugar especial em suas recordações, como Madalena (a grande “mestra”) e Iracilda (parceira e amiga). Ao lado delas, Tia Iris aprendeu que a função de merendeira é muito mais que cozinhar, é dedicar-se diariamente para “encantar” um público muito especial. O maior retorno: o carinho daqueles que ainda sabem pouco da vida, mas que não se enganam ao reconhecer quem realmente se importa com eles.

Outras pessoas fazem parte desta longa história: as diretoras Nanci e Sueli; as colegas de trabalho Maria, Sueli, Geralda, Ivone, Rose, Alice, Suzana e Nilda; as muitas professoras, provedores e outros servidores que acompanharam sua trajetória, mas que a memória falhava para lembrar do nome de cada um.

Voltando ao início, a vida da Tia Iris mudou muito depois que foi trabalhar na prefeitura municipal. A primeira mudança foi a saída do quarto e cozinha, na Rua Pindorama, nº 90, onde

morava com o marido e os cinco filhos. Muitas outras vieram depois.

Iris Maria Luz Rosa aposentou-se em 2005. Seu marido, José Alves da Rosa, faleceu em 14 de julho de 2013. Ela faleceu em 1º de junho de 2019, deixando cinco filhos, oito netos e cinco bisnetos.

Em seus 27 anos preparando merendas, Tia Iris conquistou milhares de admiradores. Hoje eles são médicos, engenheiros, advogados, empresários... mas sempre que a encontravam faziam questão de demonstrar todo o carinho e de destacar que ela fez parte da vida de cada um deles. Recordavam das muitas vezes que subiam no balcão da cozinha para perguntar: “Tia Iris, o que tem de merenda hoje?”. ■

Paulo Alves da Rosa é filho da Tia Iris, jornalista e editor de jornais e revistas. Criador e editor do *Jornal Convivência* há 26 anos. Atuou como assessor de imprensa na Câmara de Vereadores e na Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Jardim Primeiro de Maio

LOCALIZADA na esquina da Avenida Goiás com a Rua Manoel Coelho, ela hoje se chama Praça Luiz Olinto Tortorello e abriga a Emei Cleide Rosa Auricchio, inaugurada em 2021. Essa bela área de São Caetano do Sul já teve vários momentos históricos e diversas utilidades públicas. Foi inaugurado em 1954 como Jardim Primeiro de Maio, dotado de um belo paisagismo e agradável espaço de lazer.

Tão agradável que, já em 1956, ganhou um telão para exibições de cinema ao ar livre. Resultado: sucesso de público em uma das principais opções de entretenimento da época. Aprazível e inspirador, o local tam-

bém foi ponto de paqueras. Nos anos 1960, algumas ruas de São Caetano eram tomadas, aos fins de semana, pela prática do *footting*. Assim, o Jardim Primeiro de Maio era perfeito para que os moços e moças ficassem circulando pelas calçadas, cruzando olhares e sorrisos, até desencadearem os primeiros flertes.

A praça chegou a ser até capa de revista. Ilustrou a primeira página da edição nº 6, de julho de 1956, da *Panorama – a vida no triângulo do ABC*, uma publicação mensal que circulou, entre 1956 e 1971, como uma das principais da região. Em 1961, o Jardim Primeiro de Maio foi presenteado com a Concha Acústica, belo equipamento

cultural que ganhou prêmios de arquitetura. A inauguração contou com apresentações artísticas, inclusive com o jovem pianista João Carlos Martins, e exibição pela TV Cultura. Por vários anos, o espaço recebeu eventos culturais e manifestações políticas.

Entre outras curiosidades, o local ainda é conhecido por ter recebido a Árvore da Amizade, plantada em 1936 por Paul Harris, fundador do Rotary Club International, durante sua visita a São Caetano. A praça também já abrigou a Emei Primeiro de Maio (primeira do município, sendo fundada em 1958 e hoje localizada na Rua Rafael Correia Sampaio) e o posto telefônico da antiga CTBC. ■



Acervo Nina Kuznetzow



Vestido usado por mãe e filha permanece em ótimo estado

Em sua formatura do primário no Grupo Escolar Frei Gaspar da Madre de Deus, em São Paulo, em 1969, Nina Kuznetzow usou um lindo vestido branco, feito por sua mãe, Disnaira Kuznetzow. Guardado por ela com todo cuidado, o mesmo vestido foi utilizado por sua filha 30 anos depois. Tatiana De Vita aparece em foto de 1999, em registro fotográfico de sua Primeira Comunhão, na Paróquia São João Batista. A peça de vestuário continua com a família, e permanece em ótimo estado. Quem será a próxima da família a vesti-lo? Ficaremos aguardando!



Nina Kuznetzow, em 1969



Tatiana De Vita, filha de Nina, em 1999

Futebol profissional nos festejos do aniversário de São Caetano do Sul

Parte 3: A.D. São Caetano a partir da década de 1990

 Renato Donisete Pinto

ESTE ARTIGO FINALIZA uma série de textos publicados na revista *Raízes* que realizaram o registro dos jogos de futebol profissional que fizeram parte dos festejos de aniversário de São Caetano do Sul. Depois da Associação Atlética São Bento e do Saad Esporte Clube foi a vez da Associação Desportiva (A.D.) São Caetano representar a cidade, a partir dos anos de 1990.

Começamos um ano antes, em 1989, quando foi criada uma seleção da cidade para enfrentar a equipe da Sociedade Esportiva Palmeiras em um jogo amistoso marcado para o dia 28 de julho daquele ano, em comemoração ao aniversário do município. Em uma tarde chuvosa, no então Estádio Municipal Lauro Gomes de Almeida (atual Anacleto

Campanella), 6.480 pessoas tiveram a oportunidade de ver ídolos do futebol como o zagueiro Luiz Pereira (jogando pela seleção de São Caetano), o goleiro Veloso, o zagueiro Dario Pereyra, o atacante Gaúcho, o meia Edu, o ponta Mauricinho, entre outros craques. A partida foi conduzida pelo árbitro Valter Borges de Queiróz. Aos 16 minutos de jogo, a seleção de São Caetano abriu o placar, com um gol contra do lateral palmeirense Diogo. A alegria do time sul-são-caetanense durou apenas dois minutos, quando o atacante Careca Bianchesi fez de cabeça, aos 18 minutos. A virada palmeirense veio com Mauricinho aos 21, e novamente, aos 31 minutos. No segundo tempo, o Palmeiras não teve dificuldades e, mesmo com diversas alterações,

fez com Diogo, aos 21 minutos; Eduardo, aos 25; e Dida fechou o placar aos 30 minutos. A goleada só não foi maior porque o atacante Gaúcho desperdiçou duas cobranças de pênalti. A seleção de São Caetano, com o técnico Francisco Nieto (campeão amador da cidade pelo Jabaquara), foi para campo com Melecão (Hudson); Fininho, Luiz Pereira (Ademir), Robertinho e Amaral; Zé Carlos, Osmir e Israel; Duda, Tite e Alexandre (Vaninho). Já o Palmeiras, com o técnico Tata, atuou com Veloso; Diogo, Toninho, Dario Pereyra (Murilo) e Dida; Celso Gomes, Careca (Eduardo) e Edu (Eraldo); Mauricinho (Buião), Gaúcho e Paulinho (Bandeira).

Em 4 de dezembro de 1989, foi fundada a Associação



Luiz Pereira, Careca Bianchesi e equipe de arbitragem aguardando o início do amistoso entre a Seleção de São Caetano e o Palmeiras, realizado no dia 28 de julho de 1989



Luiz Pereira passando pela marcação do atacante Gaúcho do Palmeiras. Foto de 28 de julho de 1989



Túlio Maravilha é cumprimentado por Marcelinho Carioca, com Claudécir e Sílvio Luiz ao fundo. Foto de 27 de julho de 2000

Desportiva São Caetano. Nesses mais de 32 anos, o clube vem construindo sua bela história, sendo o ponto mais alto o título de Campeão Paulista de 2004. Alguns jogos disputados no aniversário da cidade fazem parte desta trajetória.

1991, derrota para o Bahia na inauguração do Estádio José Tortorello - Como parte dos festejos em comemoração aos 114 anos da cidade, em 1991, a equipe da A.D. São Caetano foi derrotada pelo Esporte Clube Bahia em uma partida amistosa. Este jogo marcou a inauguração do Estádio Distrital José Tortorello, no Bairro Nova Gerty. Com lotação total, o estádio recebeu três mil pessoas. O então presidente da Federação Paulista de Futebol, Eduardo José Farah, esteve presente. O São Caetano criou diversas oportunidades, mas o único gol do jogo foi marcado pelo atacante Mazinho, aos 21 minutos do segundo tempo, para o Bahia. A partida

A.D. São Caetano 0 x 1 E.C. Bahia (Salvador-BA)

Data: 24 de agosto de 1991

Local: Estádio Distrital José Tortorello (São Caetano do Sul)

A.D. São Caetano: Cavani (Serginho); Marcão, Daniel, Cacá e Carlinhos; Luiz Carlos, Tião (Rogério) e Marcos Cruz (Taloni); Agnaldo (Osmir), Serginho Chulapa (Giba) e Paulinho (Chaléu).

Técnico: Deodoro

E.C. Bahia: Sérgio Neri; Gilvan, Jorginho, Wagner Basilio e Paulo César; Paulo Rodrigues (Lima), Marcelo e Luiz Henrique (Dico); Gil, Vandick (Mazinho) e Naldinho. **Técnico:** Luiz Antonio

Árbitro: José Roberto Wright

Gol: Mazinho

foi conduzida pelo renomado árbitro José Roberto Wright. Foi também a estreia do goleiro Serginho, ex-Portuguesa de Desportos. O ano de 1991 foi muito importante para a A.D. São Caetano. É o ano da conquista do seu primeiro título, o de campeã paulista da segunda divisão.

1992, goleada na Matonense em jogo do Campeonato Paulista - Em 1992, a A.D. São Caetano aplicou uma goleada na Sociedade Esportiva

Matonense, no dia 26 de julho, em partida válida pela primeira fase da divisão intermediária do Campeonato Paulista. Este jogo fez parte da comemoração dos 115 anos da cidade e não teve cobrança de ingresso. Todos os gols saíram no segundo tempo: Sidnei fez aos 31 e 41 minutos; e o artilheiro Serginho Chulapa fechou a goleada com um gol de falta, aos 43 minutos. A equipe fez uma excelente campanha na temporada e conquistou o acesso para a primeira divisão.

2000, vitória do Azulão em cima do Corinthians no jogo da entrega das faixas - Numa noite histórica, a torcida lotou o Estádio Anacleto Campanella para prestigiar o amistoso entre a A.D. São Caetano e o Sport Club Corinthians Paulista. Consagrados craques participaram deste jogo. A equipe da capital gentilmente entregou as faixas de campeã paulista da Série A2 para os jogadores da equipe sul-são-caetanense. A A.D. São Caetano havia conquistado o título no dia 23 de julho, na final com a Etti Jundiáí (o Paulista Futebol Clube). O ano de 2000 marca a fase na qual o time começa a ficar conhecido nacional e internacionalmente. Nesse ano, chega ao vice-campeonato da Copa João Havelange.

No amistoso, Túlio Maravilha abriu o placar para a A.D. São Caetano com um belo gol de calcanhar, aos 37 minutos. Dois minutos depois Marcelinho Carioca empatou em cobrança de pênalti. Faltando um minuto para acabar o primeiro tempo, Zinho desempatou com um chute cruzado no ângulo do goleiro Maurício. No segundo tempo, aconteceram diversas alterações nas equipes e Adhemar, o ídolo do Azulão, fez o terceiro gol, aos 37 minutos.

A.D. São Caetano 3 x 0 S.E. Matonense (Matão-SP)

Data: 26 de julho de 1992

Local: Estádio Municipal Anacleto Campanella (São Caetano do Sul)

A.D. São Caetano: Cavani; Claudio, Daniel, Carlão e Fantick; Dema, Daniel Silva (Ramon) e Heriberto (Tião); Paulinho, Serginho Chulapa e Sidnei. Técnico: Edson Oliveira

Matonense: Pedro Piola, Ademir, Juninho, Anderson e Joice; Aguinaldo, Pio e Joãozinho; Daniel, Adriano e Badé (Roberto Carioca). Técnico: Cidão

Árbitro: Oscar Roberto Godói

Gols: Sidnei (2) e Serginho Chulapa

A.D. São Caetano 3 x 1 S.C. Corinthians Paulista (São Paulo-SP)

Data: 27 de julho de 2000

Local: Estádio Municipal Anacleto Campanella (São Caetano do Sul)

A.D. São Caetano: Silvio Luiz (Luciano); Japinha (Nelsinho), Daniel, Dininho (Serginho) e César (Adriano Luiz); Claudecir (Solemar), Magrão (Adãozinho), Esquerdinha (De Moura) e Leto (Romerito); Zinho (Adhemar) e Túlio Maravilha (Alex Rossi). Técnico: Jair Picerni

Corinthians: Maurício (Yamada); Índio (Angelo), Fábio Luciano (Batata), Adílson (Marcelo) e André Luiz (Pingo); Márcio Costa (João Carlos), Rodrigo Pontes, Marcelinho Carioca (Andrezinho) e Ricardinho (Kléber); Fernando Baiano e Luizão (Éwerton). Técnico: Oswaldo Alvarez

Árbitro: Edilson Pereira de Carvalho

Gols: Túlio, Marcelinho Carioca, Zinho e Adhemar

2001, São Caetano é derrotado pelo Santos - Em 2001, em comemoração aos 124 anos da cidade, a A.D. São Caetano recebeu a visita do Santos Futebol Clube para uma partida amistosa no Estádio Anacleto Campanella. A equipe da A.D. São Caetano estava se reformulando e neste jogo apresentou para a torcida alguns reforços,

caso dos jogadores Bill, Anáilson, Sandro Gaúcho e o consagrado atacante Muller. O destaque desta partida foi o goleiro Silvio Luiz, que fez importantes defesas. O gol da vitória do Santos aconteceu aos nove minutos de jogo pelo atacante Júlio Cesar. A A.D. São Caetano foi a vice-campeã brasileira daquele ano.

2009, goleada contra o Campinense em jogo da Série B do Brasileirão - Em 2009, mais um jogo celebrou o aniversário da cidade (132 anos). Desta vez foi contra o Campinense Clube, em partida válida pelo Campeonato Brasileiro da Série B. Os mais de mil pagantes assistiram a uma bela exibição do Azulão com direito a goleada. Logo aos dez minutos, a A.D. São Caetano abriu o placar, com jogada de Marcelo Batatais. Na sequência, aos 17 minutos, Anderson Oliveira do Campinense fez gol contra. Aos 34 minutos, Edmundo diminuiu para a equipe da Paraíba. Ainda no primeiro tempo, Artur ampliou a vantagem do Azulão aos 47 minutos. No segundo período, Vandinho fez o quarto gol aos 18 minutos. O craque Everton Ribeiro defendia a camisa da A.D. São Caetano nessa temporada. Na época atuava como lateral e foi no Azulão que começou a jogar no meio de campo. Nesse jogo ele salvou o time de tomar um gol aos quatro minutos do segundo tempo, tirando a bola em cima da linha depois de um cabeceio do atacante Edmundo. A equipe terminou em 7º lugar nesse campeonato.

2013, os garotos vencem a Joseense pela Copa Paulista - Em 2013, enquanto a equipe principal da A.D. São Caetano disputava a Série B do Cam-



Washington no ataque entre o goleiro e os defensores do Campinense. Foto de 28 de julho de 2009

A.D. São Caetano 0 x 1 Santos F.C. (Santos-SP)

Data: 28 de julho de 2001

Local: Estádio Municipal Anacleto Campanella (São Caetano do Sul)

A.D. São Caetano: Silvio Luiz; Nelsinho (Sandro Gaúcho), Daniel, Serginho (Dininho) e Bill; Simão, Adãozinho, Anáilson (Márcio Griggio) e Aílton; Muller (Magrão) e Wagner. Técnico: Jair Picerni

Santos: Fábio Costa; Preto, Galvan, Orestes (Pereira) e Russo (Valdir); Paulo Almeida, Renato, Robert e Léio; Júlio Cesar (Eldon) e André Dias (Elano). Técnico: Geninho

Árbitro: Silvio Cesar Talarico

Gol: Júlio Cesar

Ocorrências: cartão vermelho para Dininho

A.D. São Caetano 4 x 1 Campinense Clube (Campina Grande-PB)

Data: 28 de julho de 2009

Local: Estádio Municipal Anacleto Campanella (São Caetano do Sul)

A.D. São Caetano: Luiz; Artur, Marcelo Batatais, Douglas e Everton Ribeiro; Adriano, Jairo, Eduardo Ramos (Wendell) e Xuxa (Ademir Sopa); Vandinho (Careca) e Washington. Técnico: Antonio Carlos

Campinense: Fabiano; Fábio, Kleber, Nino e Buick; Charles, Emerson, Rodrigo Broa (Jailton) e Washington (Marcelinho); Edmundo e Anderson Oliveira (Almir). Técnico: Freitas Nascimento

Juiz: Antonio de Carvalho Schneider

Gols: Marcelo Batatais, Anderson Oliveira (contra), Edmundo, Artur e Vandinho

Renda: R\$ 7.430,00 (1.047 pagantes)

O demolidor Saad Esporte Clube



Foto: Luiz Domingos Romano

Almanaque do Saad E.C. de 1992, escrito por Julio Bovi Diogo, Renato Donisete Pinto e Rodolfo Pedro Stella Jr.

NA HISTÓRIA DO FUTEBOL de São Caetano do Sul: os times de fábricas. Os primeiros a se destacarem foram os da General Motors e da Cerâmica São Caetano. Mas nenhum foi mais longe que o Saad Esporte Clube que, se ainda existisse, teria celebrado 60 anos em 2021.

O Saad foi fundado em 28 de abril de 1961 pelo empresário José Felício Saad, diretor-presidente da Companhia Saad

O time de fábrica que se igualou aos grandes

Luiz Domingos Romano

do Brasil. A metalúrgica ficava na Rua Aquidaban, no Bairro da Fundação, a poucos metros do Centro de São Caetano. O imenso terreno fabril cede espaço, hoje, a uma unidade de uma grande rede de supermercados.

Nasceu com o mesmo objetivo de outras empresas industriais e comerciais, que criaram clubes: incentivar os empregados para a prática esportiva. No início de suas atividades, formou-se uma equipe de futebol, que participou de amistosos e campeonatos entre fábricas do Grande ABC. Eram os chamados torneios industriais, inspirados nos clubes de grandes montadoras como Volkswagen Clube e Associação Atlético Mercedes-Benz, ou das fábricas de Santo André, o Clube Atlético Rhodia, Pirelli

Esporte Clube e daí por diante.

Com o passar dos anos o clube foi crescendo com a formação de boas equipes de futebol, até que partiu para um novo desafio, disputar o futebol profissional. Com um comandante visionário e uma estrutura sólida, o clube começou a despontar no cenário esportivo do Estado de São Paulo e o sucesso fez com que o Saad E.C. ficasse conhecido como o “demolidor”, por suas boas atuações e grandes vitórias conquistadas.

Com isso, o clube conseguiu, na época, muitos adeptos e uma grande torcida que até hoje se recorda das grandes façanhas da equipe. Quem não se lembra dos grandes jogos realizados no Estádio Lauro Gomes de Almeida, atual Estádio Anacleto Campa-



Acervo/Luiz Domingos Romano



Acervo/Luiz Domingos Romano



Acervo/José Pires Maia

Camisas do Saad E.C. das décadas de 1980 e 1990 (a mais recente com a estampa quadriculada)

Caneca de alumínio do Saad E.C.

Disco do hino do Saad E.C., lançado em 1972, com música de Adilson e arranjo do maestro Portinho

Distintivo do Saad E.C., feito em bronze

Envelope de correspondência do Saad E.C.



Acervo/Luiz Domingos Romano



Acervo/Daniel Alcarria



Acervo/José Roberto Diniz



Acervo/Luiz Domingos Romano

Flâmulas do Saad E.C. Na peça colorida, aparece imagem da equipe de 1974, formada por Flavio, Arnaldo, Zanetti, Eli, Celso, Leoneti (que aparecem em pé, a partir da esquerda) e, agachados, Fernandes, Copini, Arlindo, Marcio e Vagner

Taça de vidro do clube

Ingresso do jogo Saad E.C. e XV de Novembro, realizado no dia 23 de março de 1975, com placar de 2 a 0 para o time de São Caetano

Jogo de botão do Saad E.C., feito pela Indústria de Artefatos Plásticos Santa Maria, em 1974



Acervo/Luiz Domingos Romano



Acervo/Mirelle Della Maggiora



Acervo/José Roberto Diniz



nella? Jogos de campeonatos, amistosos e jogos internacionais contra seleções e equipes de países do exterior. Era uma alegria, estádio lotado, grandes jogadores, gols espetaculares, muitas emoções...

Hoje permanecem as boas lembranças de um clube de fábrica que deu certo e que jamais será esquecido por sua rica história, que é reverenciada pelos historiadores, pesquisadores e amantes do futebol brasileiro. Um clube que se tornou querido pelos torcedores, que até hoje guardam muitas lembranças. Sob o slogan "O primeiro clube de muitos. O segundo clube de todos", soube representar, com dignidade e altivez, sua cidade natal, conforme mostra uma das estrofes do hino: "Saad, Saad, Saad (bis) / Vamos pra frente e vencer / Bandeira branca e azul / de São Caetano do Sul". ■

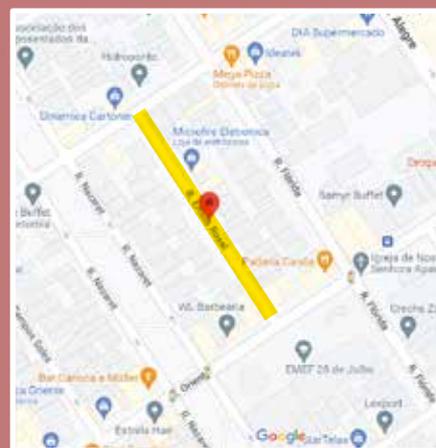
Agradecimentos

A todos que colaboraram com peças de suas coleções particulares e lembranças do Saad E.C.: Ademir Medici, Carlos Lazarini, Daniel Alcarria, José Pires Maia, José Roberto Diniz, Julio Bovi Diogo, Luiz Domingos Romano, Mirelle Della Maggiora, Renato Donisete Pinto e Rodolfo Pedro Stella Jr.

Luiz Domingos Romano

é designer na área de produto e embalagem e pós-graduado em Comunicação Visual. Atualmente é proprietário da LD Romano Design Ltda. Colecionador, pesquisador e memorialista na área esportiva, é membro do Memofut (Memória do Futebol), em São Paulo, e conselheiro da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul.

Emílio Rossi



Emílio Rossi era produtor do vinho *São Caetano*

VINICULTOR E COMERCIANTE ITALIANO, Emílio Rossi dá nome a uma rua do Bairro Barcelona que une as ruas Tapajós e Oriente. Esse logradouro foi denominado Rua A até 15 de outubro de 1955, quando foi rebatizado pela lei municipal nº 562.

A Rua Emílio Rossi é uma pequena via estritamente residencial. Uma de suas pontas dá de frente para a Escola Municipal de Ensino Fundamental 28 de Julho.

E foi exatamente no histórico 28 de julho de 1877 que Rossi, por ser intérprete, conduziu o grupo de imigrantes italia-

nos que se instalou no Núcleo Colonial de São Caetano. Foi membro importante da Irmandade São Caetano, entidade nascida em 1879 com cunho solidário e religioso, onde atuou como tesoureiro. A Festa de São Caetano – que inspirou a atual Festa Italiana – foi a primeira das manifestações organizadas pela Irmandade.

Nascido em 13 de agosto de 1856, em Benabbio (localizada na província de Luca, na Itália), era filho de Felipe Rossi e Assumpta Rossi. Casou-se em 1878 com Madalena, filha de Giuseppe

Braido. Dessa união nasceram 12 filhos. Foi comerciante em São Paulo e também era produtor do vinho *São Caetano*. Posteriormente, como surgiram outros produtores na cidade (Giuseppe Braido, Carmine Barile, Luigi D'Agostini, Giacomo Garbelotto, Antônio Gallo, Francesco Coppini e Francesco Fiorotti), resolveu mudar a sua marca para vinho *Rossi*.

Em 1888, os parreirais de São Caetano foram atacados pela praga filoxera, procedente de plantações da Mooca, e foram destruídos, dando fim à produção local.

▣ Gilberto Tadeu de Lima

Emoções da sétima arte

CAMINHAR é o único exercício que pratico (futebol de balcão não conta). Porém, ando meio preguiçoso. Vira e mexe, deixo para andar no final da tarde ou à noite. Então garoa, chove e acaba não indo. Assim sendo, hoje resolvi me exercitar logo cedo, antes do almoço.

Planejei minha caminhada, ida e volta. Definição de itinerário, as melhores opções de ruas e avenidas; “uma questão de logística”, diria meu filho caçula. Pensei: vou pegar a Avenida Goiás de cabo a rabo, entro no hipermercado localizado na avenida, faço minha fezinha na loteca e volto. Entretanto, o hipermercado – onde havia uma casa lotérica – não existe mais. Virou tudo uma rede atacadista. Me esqueci deste pequeno detalhe.

Voltei pela Rua Baraldi. Nisso, já era quase meio-dia. O sol queimando sem dó nem piedade. Muito calor, eu suava. Eu precisava me hidratar.

Parei numa lanchonete da Avenida Senador Roberto Simonsen, esquina com a Baraldi, em frente ao antigo Cine Vitória-

Fachada do Cine Vitória ganhou um Superman de grandes proporções, na estreia de seu filme no fim dos anos 1970



ria, que teve seus dias de glória. Era o mais glamouroso da cidade, quiçá do Grande ABC.

Então foi fatal: lembrei-me de muitos filmes que assisti na enorme sala do Cine Vitória. Recordei-me de muitos campeões de bilheteria, filmes que faziam as filas de espectadores dobrarem a esquina. Foi o primeiro cinema da minha vida. A primeira fita foi um desenho animado, numa confraternização de final de ano patrocinada pela ZF, multinacional alemã fabricante de engrenagens e caixas de câmbio, que ficava justamente na área onde hoje é a rede atacadista. Meu pai trabalhou na ZF, isso em 1966.

Depois, nos anos 1970, passei a ir sozinho. Ali assisti a grandes sucessos, filmes marcantes, ines-

quecíveis. Como por exemplo *Love Story* (“amar é nunca ter que pedir perdão”). A canção original – *Where do I begin?* – marcou gerações. Romântico desde sempre, não fiz por menos: vi a fita e li o livro. Esse filme fez muita gente chorar.

Quem, da minha época, não se lembra de Giuliano Gemma em *O Dólar Furado?* Banguê-banguê à italiana dos bons, com mocinhos e bandidos, jogo de pôquer no *saloon*, copos de uísque sobre as mesas, cavalos e carruagens, a bela “pequena”, sempre muito disputada pelos *cowboys*, duelos e pistolas e tiros zunindo pra tudo que era lado. Assim como em *Love Story* e outros mais, é impossível ouvir a música tema sem lembrar das cenas.

Dr. Jivago foi uma superprodução com Omar Sharif que ameaçou uma penca de Oscars e Globos de Ouro. A música – *Tema de Lara* – realmente é linda (Oscar de melhor trilha sonora original). O roteiro, excelente também. *Ao Mestre, Com Carinho*, com Sidney Poitier, foi sem dúvida um bom enredo. Entretanto, além do roteiro competente, a canção gravada pela cantora escocesa Lulu (ela também atuou no filme) é de fato belíssima e fez sucesso no mundo todo, alavancando a fita.

De 1970 lembro-me de *Se Meu Fusca Falasse* (estреou no Brasil em 1969). Todo mundo foi ver. *Dio, Come Ti Amo* foi um dramalhão que molhou muitos lenços. Gigliola Cinquetti fez o papel principal e gravou a canção do filme. Adivinhe se eu não estava lá, na fila do gargarejo?

Na opinião de quem realmente entende de cinema (não é meu caso), um dos maiores filmes de todos os tempos foi *O Poderoso Chefão*, sobre as ramificações americanas da máfia italiana. Sob direção de Francis Ford Coppola, Marlon Brando protagonizou uma das interpretações mais geniais de todos os tempos. Al Pacino também brilhou. Recentemente, por ocasião dos 50 anos da estreia deste clássico, fiz questão de revê-lo em um cinema da capital. Ao final, várias pessoas aplaudiram.

Outro filme extraordinário foi *Papillon*, de 1973, com Steve

McQueen e Dustin Hoffman. Inspirado em fatos reais, assistia-se sem se mexer na cadeira, praticamente sem piscar os olhos. A bem da verdade, assisti a este filme no Cine Max, onde hoje há uma unidade da Igreja Universal.

Golpe de Mestre foi uma produção espetacular, com grandes interpretações de Robert Redford, Paul Newman e Robert Shaw. Foi indicado a dez Oscars, vencendo como melhor filme, melhor direção, melhor história e roteiro original, melhor direção de arte, melhor cenografia, melhor vestimenta, melhor edição e melhor trilha sonora adaptada. A música tema é uma melodia belíssima, executada ao piano. Simplesmente uma obra-prima.

Em 1974, multidões foram ver *O Exorcista*, filme que narra as peripécias da garota possuída pelo demônio. Este fiz questão de não assistir, não faz meu gênero. No domingo em que completei 16 anos (14 de julho de 1974) fui ver *Jesus Cristo Superstar*. Uma trilha sonora muito boa (*rock'n'roll*), porém com um enredo equivocado, tendencioso. Menções honrosas para *O Grande Gatsby* (Robert Redford e Mia Farrow), também de 1974.

Em 1976 foi a vez do *Tubarão*, muito bacana. (Naquele tempo já se colocavam os interesses econômicos acima da segurança da população). Tudo isso no velho e bom Cine Vitória de São Caetano.

No final dos anos 1970, veio a febre das discotecas. Ali mesmo na Rua Baraldi tivemos a Papadópolis. Na Rua Pará, na mesma calçada do histórico e aconchegante bar Trem das Onze, havia a Skilus. Perdi muito tempo nas filas, mas assisti a *Os Embalos de Sábado à Noite* (com John Travolta e a superdançante trilha sonora dos Bee Gees). Depois veio *Grease – Nos Tempos da Brilhantina*, com John Travolta e Olivia Newton-John. Ia sempre sozinho, não por opção; não tinha companhia.

E quem não se lembra do lendário Bruce Lee em *Operação Dragão*? O jovem chinês, campeão das lutas marciais, hipnotizava os meninos dos 14 aos 35 anos. No Cine Vitória lembro-me ainda de *Reds*, sobre a Revolução Bolchevique de 1917; na visão de um jornalista norte-americano, testemunha ocular dos fatos. Os críticos disseram que foi uma versão romanceada da Revolução Russa, mas isso para mim não é defeito, é uma virtude a mais.

Não poderia me esquecer da série *Indiana Jones*, genial criação da dupla George Lucas e Steven Spielberg, com grandes interpretações do ator Harrison Ford. Como não mencionar a sensacional interpretação de Al Pacino em *Perfume de Mulher*, este do início dos anos 1990? Sua fantástica atuação no papel de um coronel aposentado e cego rendeu-lhe o Oscar e também o Globo de Ouro de melhor ator. A cena dele ensinando uma bela jovem a dan-



Fachada do antigo Cine Max, localizado na Rua Conde Francisco Matarazzo, no Bairro Centro. Foto de 1949

çar um tango de Carlos Gardel é antológica.

Ao contrário de alguns, metidos a sabichões, nunca tive preconceitos em relação ao cinema nacional. Temos feito grandes filmes, premiados, com diretores criativos, atores e atrizes talentosíssimos. Isso desde 1962, quando Anselmo Duarte faturou a Palma de Ouro no Festival de Cannes, na França, com *O Pagador de Promessas*, baseado na obra magistral de Dias Gomes.

O Cinema Novo de Glauber Rocha correu o mundo com *Terra em Transe*, *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, *O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro*. Inovador, um gênio.

O Cine Vitória exibiu boa parte da extensa filmografia de três grandes atores brasileiros que também eram roteiristas, diretores e produtores: o caipira Amácio Mazzaropi, o agente funerário José Mojica Marins (*Zé do Caixão*) e o trapalhão Renato Aragão, o popular Didi Mocó Sonrisal Colesterol Novalgina Mufumbo.

Clássico do terror nacional, *À Meia-Noite Levarei Sua Alma* foi premiado internacionalmente. Aliás, *Zé do Caixão* influenciou cineastas estrangeiros que se dedica-

vam a este gênero. Com suas unhas enormes, a barba longa, a cartola e a capa pretas e a aparência assustadora, chegou a ser tão popular que a Volkswagen teve um de seus modelos apelidado de *Zé do Caixão*.

É claro que, jovem e curioso, andei vendo uns filminhos proibidos para menores. Lembro-me de *Anjo Loiro*, com a Vera Fischer. Mas esses filmes eram um grande engodo: em qualquer praia do Rio ou do Guarujá as mulheres mostravam muito mais.

São Caetano tinha muitos cinemas além do Vitória: o charmoso Lido (virou estacionamento!), o Aquarius (hoje quadra esportiva do Instituto de Ensino Sagrada Família), o Primax, o Planalto (hoje cooperativa de consumo do Grupo Rhodia), Colonial, Real Center e o já citado Max (virou igreja). Depois chegou o videocassete e tudo se acabou. Que pena!

No Cine Aquarius vi *O Último Tango em Paris*, polêmico sucesso com Marlon Brando e Maria Schneider, direção de Bernardo Bertolucci.

Justiça seja feita, assisti a vários clássicos no Cine Lido da Rua Manoel Coelho: *Ben-Hur*,

com Charlton Heston (recebeu várias estatuetas da Academia de Hollywood), *King Kong*, *Inferno na Torre*, o memorável *Gandhi*, *Horizonte Perdido (Shangri-La)*, com a maravilhosa trilha sonora do maestro, compositor e arranjador Burt Bacharach. E algumas aventuras do agente 007.

E foi também no Lido que assisti, em uma fria noite de domingo, em 1981, aquele que mais me emocionou: *Tess*, com Nastassja Kinski no papel principal, com direção de Roman Polanski. No interior da Inglaterra, no final do século 19, Tess, uma jovem camponesa de singular beleza...

Bem. Já me hidratei. Preciso voltar para casa, antes que o lanterna venha me despertar de tantas recordações. ■

Gilberto Tadeu de Lima, 63 anos, é paulista do interior. Vive em São Caetano desde o início dos anos 1960. Bacharel em Economia pelo Instituto Municipal de Ensino Superior (atual Uscs), é servidor público aposentado, e dedica boa parte de seu tempo à Literatura, uma de suas paixões. É autor de cinco livros (contos, crônicas e um romance). O mais recente *Mal traçadas linhas* foi publicado no ano passado. Em 2012, foi o vencedor do concurso literário promovido pelo Satélite Esporte Clube de Itanhaém (SP).

Simone Cristiane Schiavon Ayres

O amor pelos livros

“Quem escreve um livro cria um castelo, quem o lê mora nele”.
Monteiro Lobato

MEU AMOR PELOS LIVROS teve início quando ainda era menina. Meus pais, Vanda e Waldenir, tinham esse hábito. Minha mãe lia romance e textos de caráter religioso. Ela assinava o Clube do Livro, e todo mês chegava uma obra diferente lá em casa. Já papai amava os jornais. Era a sua leitura diária – aliás, até hoje sai para comprá-los. Então, eu e minhas irmãs (Katia e Karla) vivíamos e crescemos neste contexto

de leitura. Morávamos na pequena e bela cidade de São Caetano do Sul, região metropolitana de São Paulo. Atualmente, é o município com melhor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil. Naquela época, meu universo era diferente, como o da maior parte das crianças. Pela manhã estudávamos e, nos períodos de descanso, brincávamos, cantávamos e contávamos histórias na rua.

Eu morava em uma ruazinha, e Milene, minha amiga de infância, na rua ao lado. Era comum irmos à casa dos amigos para fazermos trabalhos escolares. Ela tinha muitos livros e enciclopédias. Uma de suas enciclopédias chamava-se *Tudo*. Era preta, com escritos dourados. E lá parece que tinha tudo mesmo! Eu e a Milene gostávamos de ler.

Eu era aquela menina que sempre estava com livros. Dizia que eram os meus melhores amigos. Com eles, eu imaginava, criava, confidenciava tudo. Como na minha casa eu sou a filha do meio e o meu nome não começava com “k”, como os das minhas irmãs, achava que era o verdadeiro Patinho Feio dos contos de Hans Christian Andersen, e logo percebi que eu era muito diferente delas. E elas, por sua vez, são muito parecidas e unidas, como nas histórias de Tico e Teco, os irmãos inseparáveis.

Depois conheci um escritor pelo qual fiquei fascinada: Montei-



Simone Ayres em cartaz de uma ação literária da Secretaria de Cultura de São Caetano em 2021

ro Lobato. Com Narizinho e sua boneca Emília (questionadora e falante), minha paixão e meu amor só aumentavam. Eu ia à Biblioteca Municipal de São Caetano do Sul, que tem o nome de Paul Harris. Como era muito questionadora, pensava: quem será que é o Paul Harris? Descobri que foi o fundador do Rotary Club, que tinha por meta trabalhar assuntos da comunidade. Ele esteve em São Caetano do Sul e, como era de seu feitio plantar árvores no lugar por onde passava, Harris plantou um cedro e vaticinou: "No futuro, toda esta região experimentará um grande benefício". E, hoje, vejo que aconteceu mesmo! Ao lado da biblioteca, onde eu literalmente vivia, havia um gramado em formato de coração. Quando estava por ali, via-me dentro do Jardim Secreto da histó-



Infância foi marcada por muita leitura em casa e com as amigas

Com os pais, Vanda e Waldenir, adquiriu o hábito e o prazer da leitura



ria de Frances Hodgson Burnett. Aquele lugar era fantástico e ali, para mim, não existia tristeza e arrependimento. Outro livro que me tocou foi a *Marca de uma Lágrima*, de Pedro Bandeira. Os poemas de Isabel me encantaram.

E assim, de livro em livro, fui ficando cada vez mais diferente. O meu pai queria ser doutor, mas o que virou foi o “Dr. Sabe Tudo” dos contos de Grimm. Ah, ele realmente parecia que sabia tudo! E mamãe era igual ao poema de Vinicius de Moraes – *Poemas de Amor à Mulher* – Mama, como a chamo, mulher forte e extremamente otimista e leitora. Li também *O Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda*; segundo a lenda, foram os homens com as mais altas premiações da cavalaria, a tábola redonda, que representava a igualdade de todos os membros.

Por amar os livros, tornei-me professora. Leio incansavelmente para os meus alunos. Trabalhei em uma escola com alunos de diversas culturas. Pelo fato de ter vários alunos orientais, acabei por conhecer vários contos vindos daquele lado do mundo, como o sapo desobediente que fala do respeito pela mãe em *A Cinderela Chinesa*. Ler estas histórias me fez pensar nos diferentes modos como ocidentais e orientais compreendem a vida.

Já fui também chamada de “Mãe dos Livros”, pois levava leitura para os atletas de uma equipe. Minha filha ingressou na ginástica artística, treinou com Arthur Nabarrete Zanetti, campeão olímpico e mundial na modalidade de argolas. Nos momentos de descanso, após os treinos, eu levava livros para os atletas lerem, e o medalhista levou uma estante, assim,

ampliamos o repertório de leitura. Conheci vários autores que transformaram minha vida, como a austríaca Roselis Von Sass, que tem uma maneira peculiar de contar as histórias.

Atualmente, moro em uma rua, e sabe qual é o nome dela? E não poderia ser diferente! Chama-se Olavo Bilac; o poeta é conhecido por sua atenção à Literatura Infantil, e os textos literários de que mais gosto são o *Sol*, *Fevereiro* e outros. As ruas paralelas são José de Alencar e Machado de Assis. Nossa, quanta literatura! Atualmente, sou membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul, que tem sede na biblioteca, a mesma em que passei minha infância. ■

Simone Cristiane Schiavon Ayres é mestre em Educação e membro da Academia Popular de Letras de São Caetano do Sul, da Biblioteca Municipal Paul Harris

Acervo José Carlos Duran



Maria Camusso Gimenez e o filho Rubens Duran Gimenez, em foto do final da década de 1940. Casada com João Duran, também era mãe de Antonio Duran e José Carlos Duran



Lembrança de aniversário dos irmãos Antonio Duran (12 anos) e José Carlos Duran (10 anos), celebrado em 1958



Rubens Duran Gimenez em foto de 1955, com farda do Tiro de Guerra de São Caetano

ANA ALICE FRANCISQUETTI



Amanhecer
Ana Alice Francisquetti
Xilogravura
1974
71 cm x 104 cm

**A obra *Amanhecer* pôde ser vista na exposição *O Corpo do Tempo, da Psique e a Voz - Mulheres artistas do ABC e do acervo da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul* em cartaz na Pinacoteca de São Caetano de 18 de maio a 9 de setembro. A mostra apresentou obras de 20 artistas mulheres atuantes da região do ABC, além de trabalhos de outras 20 artistas que fazem parte do acervo da instituição.

Nosso ACERVO destaca uma obra que foi prêmio-aquisição do VIII Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, realizado em 1975. A xilogravura que integra o acervo da Pinacoteca Municipal é de autoria da artista plástica Ana Alice Francisquetti, uma especialista em arteterapia que construiu sua vida e carreira em São Paulo.

Ana Alice Francisquetti é dedicada a desenvolver trabalhos nas técnicas de serigrafia e gravura, sobretudo em metal e madeira. Além do Salão de Arte de São Caetano, ganhou prêmios e distinções em Santo André, Ribeirão Preto, Rio Claro, Piracicaba e Pernambuco. Recebeu também o Prêmio *Governador do Estado*, na categoria Gravura, em 1977.

Entre suas principais exposições individuais estão *O direito de sonhar*, no Museu da Gravura, em Curitiba (2001); *Um céu para você*, na Galeria Gravura Brasileira, em São Paulo (2001); e *Cartas de Amor*, na Galeria de Arte da Unicamp, em Campinas (1999). Em mostras coletivas, Ana Alice participou, além de exposições no Brasil, também em países como Israel e Japão.

Como arteterapeuta, foi fundadora, coordenadora e supervisora do setor arte-reabilitação da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD), onde trabalhou por mais de 25 anos. Pioneira na área de arte-reabilitação no Brasil, tem vários artigos publicados sobre o tema e carreira como professora de arteterapia. ■

BANCO DE TREM

Acervo/Museu Histórico Municipal



Acervo/FPMSCS



Nesta imagem da década de 1960 é possível verificar os traços da arquitetura de inspiração inglesa da estação de trem de São Caetano

UMA PEÇA DO MUSEU Histórico Municipal cheia de histórias, sem dúvida, é o banco de madeira utilizado nos vagões de trem da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, antiga São Paulo Railway. Em muitas viagens realizadas, um sem-número de passageiros acomodou-se nesse assento que data de meados do século passado.

Vale lembrar que a ferrovia foi inaugurada bem antes, em 1867, sendo que a Estação de São Caetano foi finalizada em 1883. No início, os trens da época contavam com a primeira e a segunda classe. A mais abastada desfrutava de assentos de vime e capa branca no encosto, já a mais simples era obviamente menos refinada e permitia transporte de animais.

Falando na Estação de São Caetano, sua arquitetura era de traços ingleses vitorianos, semelhantes à Estação da Luz. Apresentava tijolos aparentes, grandes plataformas e portões de ferro com passarelas. Funcionou até 1975 com apenas um edifício e plataforma localizados na Rua Perrella. Foi, então, substituída por uma edificação maior e, hoje, passa por nova reformulação. ■

PROJETOS E EVENTOS



Apresentação da Dança do Leão e espetáculo de dança *Dueto*

Nos dias 29 e 30 de janeiro, o Espaço Cultural Casa de Vidro recebeu a apresentação de dança *Dueto*. No dia 11 de fevereiro, foi a vez de uma apresentação de Dança do Leão, realizada pela Associação Tan Lan Choy Lay Fut de Kung Fu Shaolin. Os dois eventos tiveram apoio da Secretaria Municipal de Cultura, por meio da Lei Aldir Blanc.

Lançamento do livro *Percepções Singulares de Seres Plurais*

No dia 19 de fevereiro, o Espaço do Forno foi o cenário para o lançamento do livro *Percepções Singulares de Seres Plurais*, produção realizada por um grupo de escritores da região do ABC, que, tendo o isolamento social causado pela pandemia da Covid-19 como pano de fundo, escreveram sobre amor, tempo, vida e morte.



Oficina Performance viral SARS-CoV-2 arteimunização

Com apoio da Lei Aldir Blanc e da Secretaria Municipal de Cultura de São Caetano do Sul, a Fundação Pró-Memória sediou, nos dias 12 e 19 de março, oficina integrante do projeto *Performance viral SARS-CoV-2 arteimunização*, com orientação geral de Alexandre Lindo. A oficina trabalhou temas como teoria da performance - vírus, corpo e saúde psíquica. Uma exposição sobre o trabalho desenvolvido pelo grupo ficou disponível no Espaço Cultural Casa de Vidro no período da realização da oficina.

Linguagens Plurais - Artistas Mulheres de São Caetano do Sul

No dia 23 de março, na Pinacoteca Municipal, foi realizada uma roda de conversa sobre artes visuais e a produção artística feminina na cidade, reunindo um grupo de artistas locais que têm, nos últimos anos, realizado suas produções individuais no ateliê do Espa-

ço Cultural Casa de Vidro. O evento teve o objetivo de estabelecer diálogo entre a presença feminina na instituição e as pluralidades de linguagens e processos, bem como relações afetivas de amizade, parceria e trocas dentro deste microcosmos criativo. Artistas participantes: Bruna Marassato, Joice Trujillo, Maitê Andorra, Tatá Anastácio, Thayla Eluá e Vitória Fogaça.



Projeto Diálogos Socráticos

Inspirado nos famosos diálogos de Sócrates, o projeto *Diálogos Socráticos* proporcionou ao público a oportunidade de vivenciar as dificuldades que o pensamento enfrenta em sua busca pelo conhecimento verdadeiro. Nestes encontros, que foram realizados na Pinacoteca Municipal, o tema *Arte é coisa que se ensina?* foi conduzido por Klaus Hofer Turcato, pesquisador na área de filosofia e palestrante. Os encontros foram realizados nos dias 2 e 9 de junho.



Exibição do documentário *Caquinhos*

No dia 3 de agosto, a Fundação Pró-Memória promoveu a exibição do minidocumentário *Caquinhos*, realizada na Estação Cultura, por meio da Lei Aldir Blanc. A produção faz um retrato poético da tradição dos revestimentos de caquinhos da Cerâmica São Caetano. Depois do filme, os participantes puderam bater um papo descontraído com a diretora Denise Szabo, e com as atrizes Camilla Martinez e Teresa Cecília.

Oficinas Culturais 2022

O acervo de arte da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul - História e teoria crítica

Dentro do projeto *Oficinas Culturais 2022*, desenvolvido pela Secretaria Municipal de Cultura, a Fundação Pró-Memória recebeu a oficina *O acervo de arte da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul - História e teoria crítica*, que está sendo ministrada pela

artista visual Bruna Marassato. Com carga horária de 30 horas, a oficina apresenta um estudo sobre história da arte contemporânea a partir do acervo da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul e considera, para a construção deste panorama, a teoria crítica sobre arte, a história das coleções e salões de arte, e questões de formação de acervo e salvaguarda. Tem como objetivo promover aos participantes maior conhecimento sobre formação de uma coleção pública de arte a partir de seus antecedentes, o estudo das obras e suas potencialidades quanto a curadoria e mediação.



EXPOSIÇÕES

São Caetano no “país do futebol”: da várzea ao profissionalismo

São Caetano no “país do futebol”: da várzea ao profissionalismo, exposição aberta no Salão Expositivo da Fundação Pró-Memória, localizado no Espaço Verde Chico Mendes, no dia 27 de agosto de 2021, foi prorrogada e continua em cartaz. Por meio de fotos de anti-

gos clubes de futebol da cidade, imagens de partidas da A.D. São Caetano, e, ainda, um vídeo especial que apresenta jogadores que passaram pela cidade e depois tiveram participação em grandes equipes.

Cenas do Cotidiano da Cidade

Aberta em 17 de setembro de 2021, a mostra *Cenas do Cotidiano da Cidade*, em cartaz no Espaço do Forno também permanece disponível para visitação. A exposição reúne imagens que remetem ao cotidiano da cidade, em suas variadas dimensões, minúcias e multiplicidades. Moradores aparecem em momentos rotineiros em seus respectivos contextos domésticos, de trabalho, de lazer e de fé. Objetos do Museu Histórico Municipal completam a mostra.

É hora de brincar!

Outra mostra aberta em 2021 e que ainda pode ser visitada no Museu Histórico Municipal é a *É hora de brincar!*, que apresenta brinquedos antigos, de diversas fases do século 20, que pertenceram a moradores de São Caetano do Sul. O objetivo da mostra é provocar reflexão em torno das mudanças das formas de brincar ao longo do tempo.

ABDU'L-BAHÁ, um exemplo para a humanidade

A exposição *ABDU'L-BAHÁ, um exemplo para a humanidade* ficou em cartaz no Espaço Cultural Casa de Vidro de 10 de dezembro de 2021 a 8 de abril de 2022. Apresentou um recorte sobre a vida e os pensamentos de Abdu'l-Bahá, figura notável do final do século 19. Foi uma realização da Comunidade Bahá'í de São Caetano do Sul por ocasião das comemorações, no mundo e no Brasil, do centenário da morte dessa personalidade.

7ª Vitrine- Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul

A 7ª Vitrine - Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul, aberta no dia 18 de dezembro de 2021, foi prorrogada até 25 de março de 2022. Os visitantes puderam conhecer o trabalho de artistas, alguns em início de carreira e outros já consagrados. Iniciada em 2003 e com periodicidade bienal, *Vitrine* já apresentou trabalhos de centenas de artistas locais. Em 2022, após o adiamento da realização da edição em 2020 devido à pandemia da Covid-19, a mostra retornou com 111 obras de 62 artistas residentes, nascidos ou que trabalham na cidade.



O Corpo do Tempo, da Psique e a Voz - Mulheres artistas do ABC e do acervo da Pinacoteca Municipal de São Caetano do Sul

A mostra, em cartaz de 18 de maio a 9 de setembro, na Pinacoteca Municipal, apresentou obras de 20 artistas mulheres atuantes na região do ABC, além de trabalhos de mais 20 artistas que são parte do acervo da instituição. A curadoria foi de Bruna Marassato e Paula Fiorotti. Artistas participantes: Ana Takenaka, Bruna Marassato, Cristina Suzuki, Fernanda Speda, Ilda Tinte, Joice Trujillo, Leila Doro, Lourdes Sakotani, Maitê Andorra, Marcia Rosenberger, Mariana Ser, Paula Bidy, Roseli di Martino, Sheyla Ayo, Sueli de Moraes, Tania Turcato, Tatá Anastácio, Thatiana Cardoso, Thayla Eluá e Vitória Fogaça. E as artistas do acervo da Pinacoteca são: Ana Alice Francisquetti, Ângela Parra, Bethy Giudice, Colette Pujol, Cylene Bittencourt, Dolores Branco, Dora César Monteiro, Eddy Tricerri, Ernestina Karmann, Francisca Carolina do Val, Hanna Brandt, Iole Di Nata-

le, Jandira Chagas Martini, Lya Amaral de Souza, Maria Bonomi, Maty Vitart, Niobe Xandó, Regina Silveira, Therezinha Rímoli e Vania Pereira.



Empowerment

A UP Time Art Gallery apresentou o trabalho da artista portuguesa, radicada na Suíça, Adélia Clavien. No trabalho de sobreposição, Adélia conecta elementos inesperados, cores, textos, texturas e apresenta uma composição do ser humano como ele é muito além da simples aparência física. A mostra ficou em cartaz de 18 de maio a 9 de setembro.

3ª Mostra de Processos Artísticos

Realizada pela Secretaria Municipal de Educação, por meio do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns (Cecape), ficou em cartaz no prédio da Fundação Pró-Memória (no espaço antes ocupado pela biblioteca municipal) de 4 de julho a 30 de setembro de 2022. O projeto tem por objetivo promover a inserção das crianças em processos artísticos, aproximando escola e comunidade e dando a oportunidade dos estudantes viverem a experiência estética. Trabalhos de alunos da rede pública municipal foram expostos no local.

Programa permanente de captação de acervo histórico e de memória da cidade. Os documentos e objetos doados serão incorporados aos acervos do Centro de Documentação Histórica e do Museu Histórico Municipal

Acervo Lumi Toyoda

Doação Issao Kohara



Nas imagens vemos os primos Issao Kohara e Lumi Toyoda posando para fotos no estúdio Takayama, em São Paulo, no ano de 1955



Acervo/FPMSCS



Inauguração da Padaria e Confeitaria Central, localizada na Avenida Conde Francisco Matarazzo (Bairro Centro), de propriedade de Eugênio Primo Morelato, em 1928. Na foto, foram identificados: Edmundo Luiz Morelato (de chapéu, filho de Eugênio), Izidoro Buratto, casado com Ada Morelato (filha de Eugênio), Regina Pasiani Morelato (esposa de Eugênio), Yolanda Maria Morelato (filha de Eugênio) e Antônio Marino Morelato (filho de Eugênio)

Acervo/FPMSCS



Os artistas Ronald Golias (à esquerda) e Manuel de Nóbrega em convenção anual sediada nas dependências da General Motors. Evento promovido pelo Departamento de Propaganda e Promoção de Vendas da marca Frigidaire, na década de 1960

Acervo/FPMSCS



Solenidade do concurso Rainha do Cruzada Esporte Clube, agremiação fundada em 1939 pelo padre Ezio Gislimberti. Na foto de 1956, dançando, aparece a rainha Maria Elisa Giardini



Técnico da extinta Comissão Intermunicipal de Controle da Poluição das Águas e do Ar (CICPAA), em 1965, opera aparelho de medição da qualidade do ar no alto do antigo Paço Municipal de São Caetano do Sul, localizado na Avenida Goiás



Funcionários da General Motors do Brasil, em 1954. Ao fundo, vemos a primeira caixa d'água da GM, que existe até hoje

Nesta foto, vemos um agente de trânsito aplicando uma multa na Praça Cardeal Arcoverde, diante da Matriz Sagrada Família, quando ainda havia ruas e circulação de veículos em torno da praça. Os parquímetros foram implantados em São Caetano do Sul no final da década de 1970, época em que foi feito este registro fotográfico



Acervo/FPMSCS

Guardas civis municipais participam de palestra sobre toxoplasmose, em agosto de 1999



Acervo/FPMSCS



Centro de Lazer José Carlos Tortorello Junior, a famosa pista de skate de São Caetano, que ficava localizada na Avenida Fernando Simonsen. Foto de 1989, ano de sua inauguração

Acervo/FPMSCS



10º Passeio Ciclístico realizado em São Caetano do Sul, em 1992. Na imagem, podemos ver, à esquerda, o Córrego dos Moinhos, antes de sua canalização

Acervo/FPMSCS



Foto de uma jardineira que fazia sua parada final na Cerâmica São Caetano. Trata-se, provavelmente, de uma das ruas do atual Centro de São Caetano do Sul, em 1929

Acervo/FPMSCS



Registro da Avenida Goiás, ao lado do nº 2254, em julho de 1959. À direita, vemos uma obra embargada pela prefeitura; ao centro, na rua, um carro de entregas da época dos Produtos Bela Vista



Secretaria de Ação Cultural e Turismo de Caieiras

Na manhã do dia 10 de fevereiro, a Fundação Pró-Memória recebeu a visita do secretário de Ação Cultural e Turismo do município de Caieiras, Wesley Gonçalves, acompanhado pelo chefe de gabinete da Cultura, Ron Borges, e pelo coordenador cultural da cidade, Adler Melo. Interessados em conhecer detalhes do projeto *Vitrine – Mostra Coletiva de Artistas de São Caetano do Sul*, eles visitaram a Pinacoteca e seu salão expositivo. Recebidos pelo secretário municipal de Cultura, Erike Busoni, e pela equipe da Fundação Pró-Memória, também puderam conhecer o trabalho realizado no Espaço Cultural Casa de Vidro- Ateliê Pedagógico. As artistas Leila Doro e Roseli Di Martino, que participam do projeto, também acompanharam a visita.



Colégio Arbos

No dia 14 de março, o Museu Histórico Municipal recebeu a visita de três turmas do Colégio Arbos. Os alunos eram do 3º ano do ensino fundamental, fase na qual as crianças estudam a história do município.



EMEIEF Profª Sonia Aparecida Marques e da EMEIEF Prof. João de Barros Pinto

Uma visita pra lá de especial aconteceu no dia 23 de março, na Pinacoteca Municipal. Recebemos mais de 100 alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) da EMEIEF Profª Sonia Aparecida Marques e da EMEIEF Prof. João de Barros Pinto, de Santo André.



Colégio Ateneu

No dia 11 de maio, o Centro de Documentação Histórica da Fundação Pró-Memória recebeu a visita de alunos do ensino médio do Colégio Ateneu. Eles fazem parte da turma do Itinerário Formativo de Humanas, que está discutindo o componente curricular História, Memória e Identidade. Eles conheceram o acervo de fotografias, mapas, jornais e demais documentos da instituição e puderam verificar, de perto, como são realizados pequenos reparos e como é feito o acondicionamento dos materiais. Além disso, as publicações da Pró-Memória também foram apresentadas aos alunos.



Colégio Fênix

Lucas Cesar Leite Pereira, Leila Orsati Silva, Stefano Carlo Cesareo e Luiz Felipe Barreto da Silva, alunos do ensino fundamental II do Colégio Fênix, estiveram na Pró-Memória no dia 18 de maio, para um bate-papo sobre a história de São Caetano. Eles representaram o município na olimpíada do programa internacional WEE, da Beoworld, que foi realizada em Londres, na Inglaterra. Os alunos assistiram a uma palestra e receberam kits com revistas, livros e cartões-postais. Eles realizaram uma apresentação sobre o tema no evento e saíram-se muito bem!



Pais de alunos da rede pública municipal

Nos dias 4 e 5 de julho, a Fundação Pró-Memória recebeu pais e alunos da rede municipal de ensino na abertura da 3ª Mostra de Processos Artísticos, realizada pela Secretaria Municipal de

Educação, por meio do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns (Cecape). A mostra ficou em cartaz até o dia 30 de setembro. Nos dias do evento, o público pôde apreciar as obras da exposição *O Corpo do Tempo, da Psique e a Voz*, na Pinacoteca Municipal, e conversar com artistas que participam da mostra.



Escola Metodista O Semeador

No dia 7 de julho, a Pinacoteca Municipal e o espaço do ateliê pedagógico receberam uma visita dos alunos da Escola Metodista O Semeador. Depois de uma volta pelas exposições em cartaz, eles realizaram uma divertida oficina com argila.



EMEF Senador Fláquer

A Pinacoteca Municipal recebeu a visita de 50 alunos do 9º ano do ensino fundamental da EMEF Senador Fláquer no dia 8 de agosto. Os estudantes puderam conhecer os trabalhos das artistas participantes das mostras *O Corpo do Tempo*, *da Psique e a Voz* e *Empowerment*, de Adélia Clavien. Na sequência, eles realizaram uma visita à 3ª Mostra de Processos Artísticos, realizada pela Secretaria Municipal de Educação, por meio do Centro de Capacitação de Profissionais da Educação Dra. Zilda Arns (Cecape). Trabalhos dos alunos da EMEF Senador Fláquer estavam expostos na mostra.



Caps AD

Pacientes do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps – AD) realizaram uma visita ao espaço expositivo da Pinacoteca Municipal no dia 25 de julho. Na sequência, participaram de uma oficina de argila no ateliê pedagógico da instituição.



FUNDAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA

SEDE ADMINISTRATIVA
PINACOTECA MUNICIPAL
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA
Avenida Dr. Augusto de Toledo, nº 255
São Caetano do Sul – SP
(11) 4223-4780
fpm@fpm.org.br
pinacoteca@fpm.org.br
centro.documentacao@fpm.org.br

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL
Rua Maximiliano Lorenzini, nº 122
São Caetano do Sul – SP
(11) 4229-1988
museu@fpm.org.br

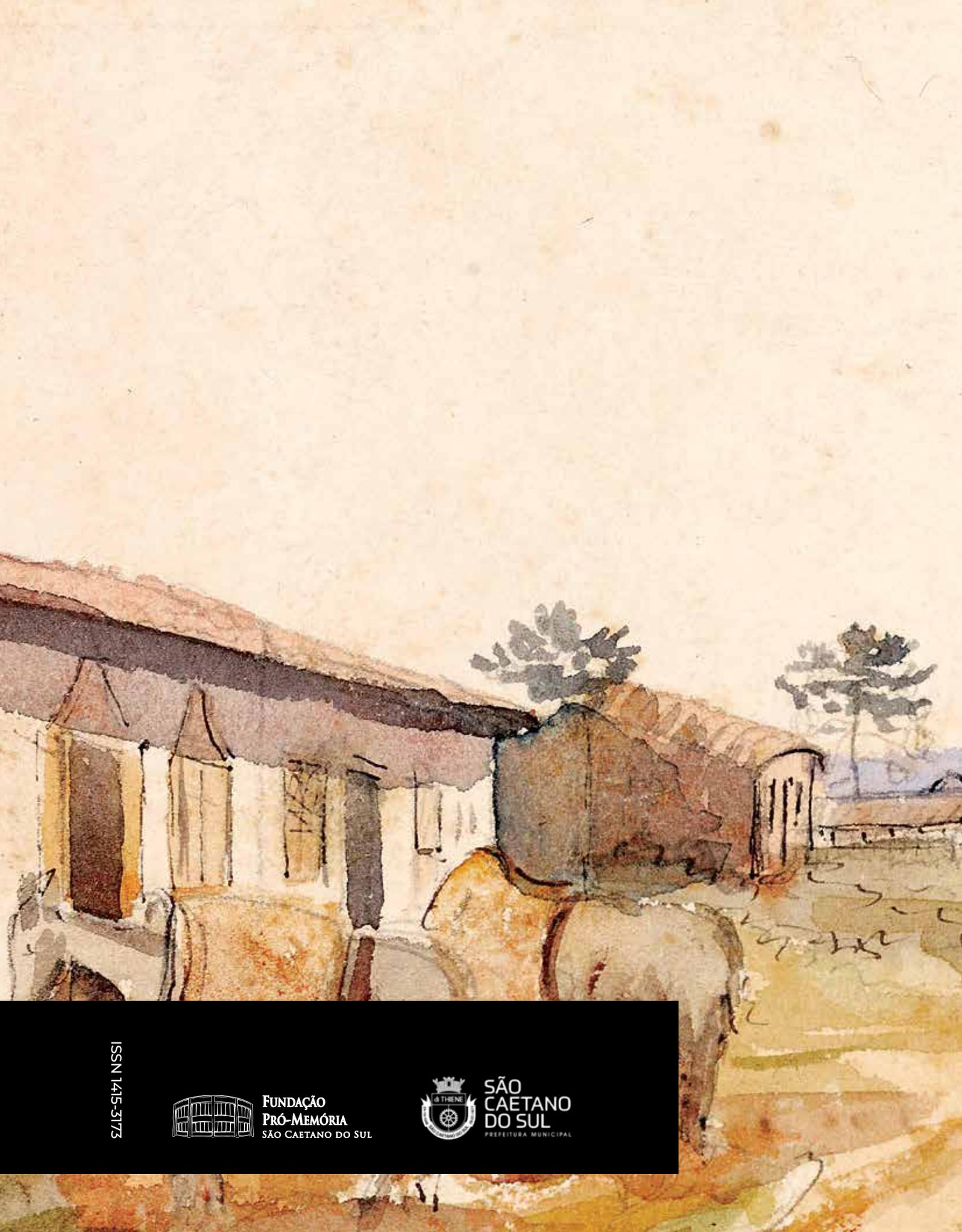
SALÃO EXPOSITIVO
ESPAÇO VERDE CHICO MENDES
Avenida Fernando Simonsen, nº 566
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO CULTURAL
CASA DE VIDRO
Praça do Professor
(altura da Av. Goiás, nº 1.111)
São Caetano do Sul – SP

ESPAÇO DO FORNO
Praça do Forno
Espaço Cerâmica
São Caetano do Sul – SP



WWW.FPM.ORG.BR



ISSN 1415-3173



FUNDAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SÃO CAETANO DO SUL



SÃO
CAETANO
DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL